

Chimera

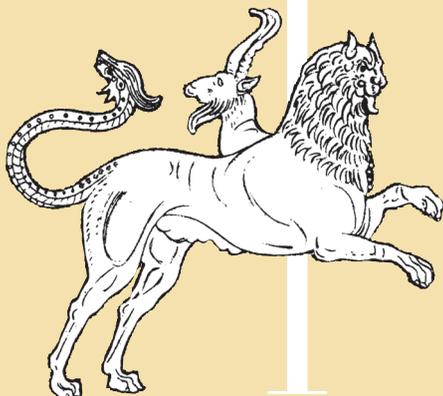
Textos

Richard Brinsley Sheridan

A Escola da Má-Língua

Introdução, tradução e notas

Maria Isabel Sampaio Barbudo



University of Lisbon Centre for English Studies
Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa

TEXTOS
CHIMAERA



TEXTOS CHIMAERA vol. 4

DIRECÇÃO

João Almeida Flor
Isabel Fernandes
Teresa Malafaia

TÍTULO

A ESCOLA DA MÁ-LÍNGUA

INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO E NOTAS

Maria Isabel Sampaio Barbudo

DESIGN, PAGINAÇÃO E ARTE FINAL

Inês Mateus – inesmatus@oniduo.pt

EDIÇÃO

Centro de Estudos Anglísticos
da Universidade de Lisboa

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Textype

TIRAGEM 500 exemplares

DEPÓSITO LEGAL 262 742/07

PUBLICAÇÃO APOIADA PELA

FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA

A ESCOLA DA MÁ-LÍNGUA

Richard Brinsley Sheridan

Introdução, Tradução e Notas

Maria Isabel Sampaio Barbudo

Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa
2007

Índice

Introdução	11
A Escola da Má-Língua. Uma Comédia	
Um Retrato	23
Prólogo	29
Personagens da Peça	31
Epílogo	127

Introdução

1. Acerca do Autor

Richard Brinsley Sheridan nasceu em Dublin em 1751, no seio de uma família vocacionada para as artes performativas. O pai, Thomas Sheridan, além de actor era também professor de elocução, e a mãe, Frances Sheridan, publicou dois romances e uma peça de teatro.

A instabilidade económica decorrente do tipo de actividades a que se dedicavam os seus progenitores reflectiu-se, muito cedo, na vida de Richard. Tinha ele treze anos quando, para fugirem às dívidas, os pais se refugiaram em França, deixando-o sozinho em Dublin, a fim de que prosseguisse os estudos na Harrow School.

Até terminar o curso, Richard teve como familiar mais próximo um tio que vivia em Londres, a quem recorria nos momentos de maiores dificuldades financeiras. Um desses momentos, certamente o mais doloroso, ocorreu quando Richard soube do falecimento da sua mãe em França, no ano de 1766, e dirigiu uma pungente carta ao seu tio, pedindo-lhe auxílio para poder vestir-se de luto.

Quando deixou a Harrow School, Richard juntou-se ao pai, que entretanto se fixara em Bath, na Inglaterra, e aí abrira uma Academia de Oratória, em colaboração com um músico famoso, Thomas Linley. É aí que começa o romanescos percurso de Richard Sheridan, que logo se apaixona por Elizabeth Linley, a jovem filha do sócio do seu pai. A beleza desta, aliada a um excepcional talento para o canto, despertavam o entusiasmo de muitos pretendentes que, apesar da recusa da jovem, insistiam em propor-lhe casamento. E tão forte era a insistência, que Elizabeth decide fugir para França, num

breve exílio em que chega a dar entrada num convento. Não vai, no entanto, sozinha nessa viagem, mas sim galantemente escoltada pelo próprio Richard Sheridan, que acaba por conseguir desposá-la, numa cerimónia que não tem, todavia, valor legal, uma vez que são ambos menores.

Os contornos picarescos desta aventura reforçam-se ainda mais no regresso a Inglaterra, com a ocorrência de dois duelos, travados entre Richard e um dos pretendentes à mão de Elizabeth. O facto de Richard ter ficado seriamente ferido no segundo duelo intensifica os rumores em torno do casal e da sua história, alimentando o sensacionalismo jornalístico. O próprio Richard Sheridan terá afirmado, a este propósito, que nessa altura lia os jornais todos os dias, para saber se ainda estava vivo, ou se já morrera.

Desta sua experiência, a que se acrescenta ainda a tenaz relutância de ambas as famílias em aceitar o enlace, virá, sem dúvida, a resultar uma boa parte da matéria-prima para as suas peças. Os duelos, as fugas, a má-língua, os preconceitos, serão ingredientes autobiográficos fundamentais na tessitura dos seus enredos, que uma natural propensão para a sátira e o riso transformará em vários e bem delineados tipos de comédias.

Em 1773 Richard e Elizabeth conseguem, finalmente, vencer a resistência das famílias, e casam-se numa cerimónia oficial, passando a residir em Londres. A questão do sustento do casal é agora o principal desafio, uma vez que, face ao quadro mental da época, seria impensável para Richard ser sustentado pelos honorários de Elizabeth enquanto cantora. Em consequência, e pondo de lado a preparação que tivera na escola, direccionada para a carreira jurídica que o pai desejava que ele seguisse, Richard decide iniciar-se como dramaturgo – dando, deste modo, continuidade ao pendor artístico e literário dos seus progenitores.

The Rivals é o título que escolhe para a sua primeira peça, escrita aos 23 anos de idade, e posta em cena no teatro Covent Garden, em 1775. Aquando da estreia, a recepção por parte do público e dos críticos não é entusiástica, sendo-lhe apontadas várias deficiências, quer a nível do enredo, quer no plano da representação.

A perseverança e agilidade mental do autor conseguem, todavia, remediar a situação e ultrapassar o relativo fracasso das primeiras noites. Introduzindo várias alterações e cortes no próprio texto, e corrigindo certos aspectos da encenação, Sheridan acaba por obter um veredicto bastante encorajador por parte da crítica.

A fluência e rapidez com que elabora as peças seguintes são igualmente notáveis: no mesmo ano, escreve uma farsa intitulada *St. Patrick's Day: or The Scheming Lieutenant* e ainda a comédia musical *The Duenna*, que se torna responsável pela consolidação do seu nome nos meios teatrais, ao transformar-se num êxito de bilheteira que lhe garante, também, o tão desejado desafogo económico.

Estão, assim, criadas as condições para Sheridan poder enfrentar mais um desafio: tornar-se um dos sócios proprietários do teatro Drury Lane, em substituição de David Garrick, que durante muitos anos dirigira o teatro e se encontrava, então, prestes a retirar-se. Em 1776, juntamente com Thomas Linley e James Ford, Sheridan adquire a parte respeitante a Garrick, tornando-se, simultaneamente, o director artístico e financeiro do Drury Lane.

Nesta qualidade, que lhe permite seleccionar um repertório consentâneo com os seus gostos e interesses, volta-se para a comédia de costumes do período da Restauração, começando por se inspirar numa comédia de Vanbrugh (*The Relapse*) para escrever e pôr em cena *A Trip to Scarborough*. Trata-se da sua estreia à frente do Drury Lane (24 de Fevereiro de 1777), e apesar de não ter tido um êxito assinalável, esta experiência ter-lhe-á aberto o caminho para a subsequente elaboração da comédia que viria a ser a sua obra-prima: *The School for Scandal*. Estreada em 8 de Maio desse mesmo ano, esta peça mereceria uma imediata e entusiástica adesão por parte do público e da crítica, sendo unanimemente aclamada como uma obra excepcional.

Depois deste autêntico clímax, Sheridan escreve apenas mais uma comédia, *The Critic*, estreada em 30 de Outubro de 1779, e marcada, também, por uma recepção bastante calorosa.

O autor aspirava, agora, a uma carreira política, e com esse fim em vista consegue ser eleito para a Câmara dos Comuns em 1780, como representante da facção *whig*, e ao lado de personalidades de destaque como James Fox. A sua notoriedade como orador abre-lhe as portas de círculos sociais frequentados pelo próprio Príncipe Regente, e as suas crescentes ambições políticas vão sendo financeiramente alimentadas pela actividade que mantém como director do Drury Lane. Consegue, aliás, presidir à reconstrução do teatro, que fôra concebido pelo famoso arquitecto Christopher Wren, e que é então remodelado e ampliado por Henry Holland, entre 1791 e 1794.

A vida privada de Richard Sheridan continuava, entretanto, a ser bastante conturbada, sendo-lhe apontados vários casos amorosos (um deles com

a actriz e escritora Mary Robinson), que ensombrevam o seu casamento com Elizabeth. A morte desta, ocorrida em 1792, poderá ter contribuído para a tonalidade mais sombria que o autor imprime à peça que põe em cena em 1799, vinte anos depois da sua última comédia. Estreada em 24 de Maio desse ano, *Pizarro* assume a configuração melodramática que o próprio autor pusera a ridículo na sua obra *The Critic*. Não obstante, a peça transforma-se em mais um sucesso, que desta vez será o derradeiro.

Daí em diante, o declínio de Richard Sheridan, sublinhado pelo abuso do álcool e pelas crescentes dívidas, não lhe deixa margem para a escrita. O incêndio que destrói a nova versão do Drury Lane em 1809 conduz ao seu imediato afastamento das actividades teatrais, e três anos mais tarde acaba por perder, também, o seu lugar no Parlamento. Ao ser-lhe, deste modo, retirada a imunidade parlamentar, Sheridan é finalmente posto na cadeia por diversas vezes, como resultado das dívidas que vai contraindo. E, apesar de se ter entretanto casado pela segunda vez (em 1795, com Esther Ogle, muito mais jovem do que ele), os últimos anos da sua vida aproximam-se muito mais do tom próprio do melodrama do que do brilho característico das comédias que escrevera.

Quando morre, em 7 de Julho de 1816, a sua grandeza é, no entanto, reposta e amplamente reconhecida pela nação inglesa, que lhe concede um honroso lugar na Westminster Abbey.

2. Acerca da obra

Parcialmente inspirado em experiências e episódios autobiográficos, o enredo de *The School for Scandal*, na sua versão final, parece ter sido o resultado da junção de duas histórias, inicialmente concebidas como independentes, e a que os editores aplicariam as designações “The Slanderes” e “The Teazles”.

A acção principal da peça configura-se em torno das intrigas e calúnias forjadas pelo grupo da má-língua (“the slanderes”), liderado por Lady Sneerwell, e directamente associado às falsas aparências que encobrem a verdadeira personalidade dos irmãos Surface. Articulando-se com esta acção, mas mantendo uma certa autonomia, o casal Teazle representa, por sua vez, a situação conjugal que uma já longa tradição tornara alvo da sátira e do ridículo: o velho solteirão que resolve escolher uma jovem do campo para se

casar. Várias comédias do período da Restauração tinham já explorado as potencialidades cómicas de tais enlaces, nomeadamente William Wycherley em *The Country Wife* (1675) e William Congreve em *The Old Bachelor* (1693).

Tendo em conta o interesse de Sheridan por esse tipo de comédias, não surpreende que tenha querido recuperar uma tal tradição, inserindo-a, porém, num contexto cultural identificável com a sua própria época. Sheridan empenhava-se, deste modo, na reconfiguração da comédia de costumes (*comedy of manners*), criada pelos dramaturgos de finais do séc. XVII, que haviam transformado a sátira no verdadeiro objectivo e no verdadeiro cerne da comédia.

O período aúreo da comédia de costumes fôra, no entanto, breve, correspondendo aos anos em que o teatro inglês se restringira, praticamente, à esfera do Côrte. Uma vez iniciado o séc. XVIII, o processo de democratização do teatro conduziria ao aparecimento de um novo tipo de comédia. Em vez de expor os vícios da humanidade ou as suas insuficiências, admoestando através do riso, propunha-se, agora, a exaltação de valores morais, por via da apresentação de comportamentos exemplares. Estes eram, invariavelmente, inspirados numa ética cujos alicerces se identificavam com os ditames do sentimento. Era a chamada “comédia sentimental” que, sem se preocupar em despertar o riso, apelava sobretudo às emoções dos espectadores, chegando a suscitar, por vezes, as lágrimas piedosas.

A vaga do sentimentalismo, não só no drama mas também no romance, acabaria por se impor em Inglaterra e em toda a Europa, ao longo do séc. XVIII, culminando no período do Romantismo. No caso da comédia, houve entretanto quem reagisse contra esta tendência que, quando levada ao exagero, ameaçava perverter a própria essência deste género dramático. Oliver Goldsmith, romancista e dramaturgo de origem irlandesa tal como Sheridan, e seu contemporâneo, foi o primeiro a manifestar desagrado em relação à comédia sentimental, escrevendo a esse propósito um ensaio intitulado *An Essay on the Theatre: or a Comparison between Laughing and Sentimental Comedy* (1772).

Nesta sua apologia do retorno à comédia de matriz satírica, Goldsmith foi imediatamente apoiado por Sheridan que, como vimos, nutria uma especial admiração pela comédia de costumes. O contexto cultural em que Sheridan se integra, cem anos depois do surgimento deste subgénero da comédia, conduz no entanto, e necessariamente, à sua reformulação.

Uma das diferenças mais notórias reside na deslocação da ênfase outrora colocada no cómico de linguagem, para o cómico de situação. Tal é visível sobretudo na cena do biombo (*screen-scene*) do IV Acto, em que o riso despertado pelas situações criadas não só sublinha, como configura o verdadeiro clímax da peça. Em vez da argúcia verbal (*wit*) dos protagonistas, o que se explora aqui é o humor inerente aos equívocos e surpresas em que se enredam as várias personagens.

Uma outra diferença significativa consiste no tratamento dado pelo autor às figuras de Sir Peter e Lady Teazle. Manifestando uma clara preocupação em humanizar estas duas personagens-tipo, ele consegue mantê-las dentro dos limites de um decoro consentâneo com a sensibilidade do público a que se dirige, e acaba mesmo por conduzi-las para um desenlace a que não é alheio um certo sentimentalismo.

Não se trata, aliás, da única concessão feita por Sheridan ao pendor sentimental tão do agrado do público: Maria e Rowley são duas personagens que poderiam integrar o elenco de uma qualquer comédia sentimental, e o próprio discurso final de Charles Surface é surpreendentemente idêntico àquele que costumava ser pronunciado pelos heróis das comédias mais populares do seu tempo, como *The West Indian* (1771) de Richard Cumberland.

Sendo ele próprio um homem da sua época, torna-se óbvio que Sheridan não pretende pôr em causa a validade ou legitimidade de uma ética inspirada nos sentimentos do amor e da benevolência. Muito pelo contrário, tais valores surgem claramente reforçados à medida que Charles Surface se impõe, pelo seu comportamento, na consideração de todos. Inversamente, porém, Joseph Surface, o enunciador de um discurso centrado na importância do sentimento, é gradualmente submetido a um processo de desconstrução, que acaba por remetê-lo para um total e irreversível descrédito.

O que está verdadeiramente em causa é, afinal, a distância que separa o discurso das acções, a aparência da realidade, e o papel que a hipocrisia e a má-língua muitas vezes desempenham nesse desfasamento. Sheridan conciliava, assim, a sua veia satírica com os parâmetros ideológicos de que não deixava de comungar, como aliás se torna patente se tivermos em conta o seu próprio percurso biográfico.

Em última instância, os irmãos Charles e Joseph podem ser vistos como as duas faces de uma só moeda, numa época que, em nome dos direitos do

sentimento, produzia discursos cujo artificialismo ameaçava estilhaçar a própria verdade do sentimento. Para além do mais, e segundo testemunho dos que conviveram de perto com Richard Sheridan, uma tal dualidade não seria alheia à sua natureza. Sobretudo na fase em que dirigiu o teatro Drury Lane, o autor mostrava a sua faceta irrequieta, calorosa, sincera e apaixonada; mas por vezes denunciava, também, a presença de um certo secretismo, a par de um calculismo manipulador e muito pouco transparente.

A ser assim, desdobrando-se a si mesmo em duas personagens que, nas suas contradições e ambivalências se completam, o autor mostrava ser capaz de mergulhar a fundo na complexidade da alma humana. A sua aposta na comédia, passível de ser confundida com frivolidade ou ligeireza, poderá ser antes encarada como a opção de alguém que, ao retratar a vida e o ser humano, preferiu fazê-lo com a generosidade e a complacência de um sorriso.

3. Acerca da tradução de *The School for Scandal*

A pesquisa por nós levada a efeito em torno da existência de traduções de *The School for Scandal* para a língua portuguesa levou-nos à conclusão de que existe apenas uma tradução publicada, com a data de 1795. Trata-se de uma tradução feita dezoito anos depois da publicação do original em inglês, ou seja, quando Richard Sheridan se encontrava ainda envolvido na actividade política, como membro do Parlamento britânico. O autor da tradução, José Anselmo Correia Henriques, refere aliás este facto, no frontispício da sua obra, onde consta o seguinte: “COMEDIA INTITULADA A ESCOLA DO ESCÂNDALO, COMPOSTA PELO CÉLEBRE RICARDO BRINSLEY SHERIDAN, Membro do Parlamento Britânico”.

Correia Henriques era, ele próprio, autor de poemas e de peças de teatro, e o facto de ter vivido temporariamente em Londres explica o seu interesse por *The School for Scandal*. A tradução que decide levar a cabo serviu, nomeadamente, para que a peça fosse desde logo encenada em Lisboa, sendo prova de indiscutível êxito a sua reposição, em sucessivas épocas, no Teatro da Rua dos Condes.

No que diz respeito à tradução, desconhece-se qual a fonte utilizada por Correia Henriques, uma vez que, para além da edição impressa, existem vários manuscritos da peça em inglês, datados dos finais do séc. XVIII, incluindo versões com a caligrafia de Richard Sheridan. O texto fixado por

Cecil Price, o maior estudioso da obra de Sheridan, numa edição de 1971, resulta justamente do cotejo desses diversos manuscritos. E este mesmo texto foi integralmente respeitado por Michael Corder na edição da Oxford (Oxford World's Classics) de 1998, que utilizámos para esta tradução.

Quanto à versão de Correia Henriques, e face às divergências e interpo-
lações por nós detectadas no confronto com aquela edição inglesa, mantém-
-se em dúvida se se trata de diferenças contidas na fonte a que teve acesso, ou se estaremos perante casos de tradução livre ou de processos de equivalência, funcional ou cultural.

Independentemente das variações, há questões fundamentais que se colocam a qualquer tradutor desta peça, nomeadamente o nome das perso-
nagens e os seus títulos. No caso dos nomes próprios, sendo óbvio que foram concebidos tendo em conta as características de cada personagem, torna-se necessário traduzi-los, para que se mantenha a deliberada carga satírica. Exis-
tem, no entanto, algumas com nomes neutros ou desprovidos de sentido, sendo que, nesses casos, e a fim de manter a neutralidade, optámos por um critério de semelhança sonora, na sua transposição para a língua portuguesa.

No que concerne aos títulos nobiliárquicos, verificámos que, na versão de Correia Henriques, também eles são traduzidos, surgindo com designações que, à época, corresponderiam aos títulos em causa. Deste modo, “Sir” é traduzido para “O Cavaleiro”, enquanto que “Lady” passa a “Miledy”.

Uma vez que um dos principais objectivos da presente tradução consiste em actualizar a linguagem do texto, de modo a torná-la compreensível para um leitor do séc. XXI, pusémos de lado tais designações, optando por manter os títulos em inglês. Em nosso entender, esta opção comporta também a vantagem de preservar o ambiente aristocrático inglês em que a acção se desenrola, e que poderia ser de algum modo esquecido, dada a necessidade de traduzir os nomes próprios das personagens.

Uma terceira questão consiste nas formas de tratamento a adoptar, visto pretendermos adequá-las à época em que a acção se situa. Enquanto que no texto original o pronome inglês “you” substituí já a forma arcaica “thou” em todas as réplicas, notámos que, na tradução para português de finais do séc. XVIII, o uso da segunda pessoa do plural, embora claramente predom-
inante, alterna com o tratamento na segunda pessoa do singular, por vezes numa mesma réplica e dirigida à mesma personagem. Concluímos, assim, estarmos perante um documento de uma época em que as formas de

tratamento em português tendiam a alterar-se, por via da assimilação do uso da segunda pessoa do singular como marca de familiaridade entre pessoas do mesmo estrato social. Pensámos, todavia, que tais oscilações poderiam causar estranheza a um leitor actual, preferindo por isso manter o tratamento por “vós”, em todo o texto.

Seguindo uma tradição iniciada no período da Restauração, esta peça é acompanhada por uma Dedicatória, um Prólogo e um Epílogo. Trata-se de poemas escritos sob a forma de dísticos heróicos (*heroic couplets*), uma configuração métrica e rimática introduzida naquele período, e que consiste em pentâmetros jâmbicos com rima emparelhada. Na sua tradução, optámos por preservar o conteúdo, pondo de lado a preocupação com a rima e a métrica.

Finalmente, uma referência ao título da peça e ao modo como aqui está traduzido. A palavra “scandal” na versão portuguesa setecentista surge literalmente como “escândalo”, sendo aparente o facto de este termo, na época, ter um sentido mais amplo do que actualmente. Consideramos que, hoje em dia, é a expressão “má-língua” a que melhor corresponde às conotações da palavra “scandal” no contexto em apreço, razão pela qual traduzimos o título *The School for Scandal* para *A Escola da Má-Língua*.

Edição utilizada

Sheridan, Richard Brinsley, *The School for Scandal and Other Plays*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

Bibliografia

I. Sobre a biografia do autor:

Mikhail, E. H. (ed.), *Sheridan: Interviews and Recollections*. London: Macmillan, 1989.

O’Toole, Fintan, *A Traitor’s Kiss: the Life of Richard Brinsley Sheridan*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1998.

Rhodes, R. Crompton, *Harlequin Sheridan: the Man and the Legends*. Oxford: Oxford Basil Blackwell, 1933.

2. Sobre a obra:

Bevis, Richard W., *The Laughing Tradition: Stage Comedy in Garrick's Day*. Athens: University of Georgia Press, 1980.

Gibbs, L., *Sheridan*. London: J. M. Dent, 1947.

Loftis, John, *Sheridan and the Drama of Georgian England*. Oxford: Basil Blackwell, 1976.

Morwood, James and Crane, David (eds.), *Sheridan Studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

Price, Cecil, *Theatre in the Age of Garrick*. Oxford: Basil Blackwell, 1973.

Winson, James, *Restoration and Eighteenth Century Drama*. London: Macmillan, 1980.

Worth, Katharine, *Sheridan and Goldsmith*. London: Macmillan, 1992.

A ESCOLA DA MÁ-LÍNGUA
Uma Comédia

UM RETRATO¹

Dirigido a uma senhora², com a comédia

A Escola da Má-Língua

Dizei-me, vós que sois adeptas da escola da má-língua,
Tendo a crítica como princípio e a calúnia como regra,
Não haverá alguém tão posto à prova e tão conhecido,
Com um carácter tão coberto de encanto e tão diferente do vosso,
Que até *vós* assistis à ascensão da sua fama
Aprovando pela inveja, e elogiando pelo silêncio?

Esperai! O seu exemplo atrair-vos-á,
Filhas da calúnia. Aqui *vós* convoco.
Sereis *vós* a decidir se se trata de um retrato,
Ou de uma criação, vinda da musa e do amor.

Esperai, virgens de crítica perspicaz e prudente,
E matronas detractoras da tenra idade,

¹ A dedicatória a uma figura proeminente fazia parte das convenções da época. Neste caso, a dedicatória assume a forma de um poema, que pretende ser um retrato da figura em causa.

² O poema foi escrito por Sheridan para ser entregue, juntamente com uma cópia do manuscrito de *The School for Scandal*, à Sr.^a Crew, logo após a estreia da peça. Começou a circular em forma de manuscrito pouco tempo depois, mas só apareceu impresso em 1814. A destinatária é Frances Anne Crew (1748-1818), esposa de John, que viria a ser Lord Crew (1742-1829). Sabe-se que, durante algum tempo, foi amante de Sheridan.

Os vossos olhares perscrutadores e fronteas enrugadas
Mostram a vossa antipatia por quem tem beleza e juventude –
Cautelosas por malícia, ou frias por natureza,
Sois virulentas e atrevidas na vossa virginal má-língua.

Esperai, vós que sois mestres em contar histórias,
Inventando provas se insinuações não bastam;
Com uma memória tão cruelmente exacta,
Que nada omitis, a não ser os factos!
Esperai, vós que, sendo novas ou velhas, vos gabais,
Sendo exemplos vivos da intriga e da injúria!
A que me serve de tema é tão diferente de vós
Como os santos dos demónios, ou os elogios da calúnia.

Vinde, gentil Amoret³ – pois sob esse nome
Em versos valorosos se canta a vossa beleza.
Vinde, pois é a vós que a musa procura; e quando
Um rubor celestial acompanha o vosso sorriso
Com tímida graça e hesitante olhar,
Sois o modelo perfeito que quero exaltar!
Frívola musa, se pudésseis desenhar um humilde esboço
Dela, ou imitar o seu mais leve encanto,
Ou traçar numa linguagem rica e colorida
A mais ténue beleza do seu corpo ou rosto,
Haveria poetas debruçados sobre o imortal verso,
E a arte de Reynolds⁴ confessar-se-ia inferior à *vossa!*
Essa arte, capaz de acrescentar brilho
Ao melhor que existe na terra e no céu,
Traria uma nova glória ao rosto de Granby,⁵

³ O nome *Amoret* foi dado por Elizabeth Sheridan à Sr.^a Crew, no seu poema “Laura to Silvio”. Mas também Charles Fox escreveu versos à *Amoret*, versos esses mencionados por Horace Walpole numa carta de 27 de Maio de 1775.

⁴ Sir Joshua Reynolds (1723-92), que pintou três retratos da Sr.^a Crew.

⁵ Reynolds pintou retratos de Mary Isabella, mulher de Charles Manners, Marquês de Granby.

E um brilho mais puro aos olhos de Devon!⁶
É árdua a tarefa de exaltar essa beleza,
Que desdenha meras homenagens da lisonja!
Mas, ao elogiar Amoret, não podemos errar:
Ninguém sobrevaloriza o céu, nem a lisongeia *a ela!*
E no entanto *ela* – por ironia do destino – apenas ela
Poderia duvidar de nós, e um tal elogio não aceitar.
Enfeitando a moda, e não a moda a ela,
Simples por opção e não por desleixo,
Discreta nos gestos e suave no porte,
Amoret não adopta poses, nem expressões estudadas.
Não se arma em deusa, nem põe ares de rainha!
O mais leve encanto das suas maneiras
É de molde a cativar, mas de forma suave,
Bem como a expressão do seu rosto:
Aquém do ar de dignidade, mas além da graça!
Tal é o tom natural das maçãs do rosto,
Que, criado pelo céu para ser tão admirado,
A própria mão que a concebeu com tanto cuidado
Podia ter-lhe dado um tom menos carmesim,
Pedindo à gentil inquilina do seu regaço,
A modéstia entronada, que se ocupasse do resto.
Mas quem irá pintar o perigo dos seus lábios?
Tirai-lhe os sorrisos – e, ainda assim, não haverá palavras!
Mas, ao moverem-se, é o próprio amor que parece ensinar-lhes
Os gestos, ainda que não lhes controle o discurso!
E vós, que a vedes falar, mas não a ouvis,
Não lamenteis que o som distante vos não chegue aos ouvidos.
Ao ver aqueles lábios, podeis sempre dar a impressão
De que entendeis as palavras, e jurar que fazem sentido;
Envoltos em tanta graça, e cheios de tal expressão,

⁶ Reynolds também pintou retratos de Georgina, mulher de William Cavendish, 5º Duque de Devonshire.

Movem-se nos significados, e suspendem-se no pensar!
Mas continuais a olhar, com encanto e surpresa,
A suave divagação dos seus olhos,
Curiosos por verificar como repousam
Em breve eclipse, fechando-se por momentos?
Ah, não vedes? Um Cupido está ali escondido,
Tão temeroso da sua missão, que com cuidado ciumento
Tapa e destapa aqueles raios de luz celestial,
Demasiado intensos e fatais para olhos mortais!
E encantado com tão aprazível vingança
Esconde-se então atrás de sorrisos de perdão.
E se o pacífico seio dela nunca permitisse
Que a sua expressão se tornasse carregada,
Pelo amor eu juro, com todos os ardis que contém,
Que a mercê dos seus sorrisos ainda mais fatal seria!
Tão encantadora, tão cheia de graça, possuindo tudo
O que de mais belo e luminoso pode haver na mulher,
Poder-se-ia pensar que uma enorme vaidade
Seria seu privilégio, e falha da natureza.
Todavia, a gentil Amoret, tão sublime na mente
Como nos encantos, repudia a vaidade;
E, sem dar muito crédito à sua beleza,
Responde com sagesa a dardos aguçados.

Agraciada pelos sinais próprios da sinceridade –
O rubor tímido e o tom submisso-
Em tudo o que diz, ainda que sensato,
Vê-se quão genuína é a sua feminina insegurança.
Envolta em tal encanto, a própria argúcia é aprazível;
E até a sabedoria se enche de graça, com tais vestes!
Também os seus talentos e inclinações da sua mente,
Mostrando um ágil coração, refinado pelo pensamento;
O gosto pela alegria, disciplinado pela meditação;
A sensação do ridículo, controlada pela candura;
A admiração pelo talento, que assume com orgulho.

Acalmai-vos, indolente musa! Não prolongueis a vossa ansiedade;
E concedei que os vosso elogios mais calorosos não serão suficientes.

Por mérito dela, ainda que não consigais tornar elevados
Os vossos fracos versos, vede como o elogio tornado conhecido
Causou o convencimento no séquito invejoso
Lançando uma escuridão fatal sobre o reino da má-língua!
E vede como as bruxas pálidas e de línguas empoladas
Murmuram o seu acordo com tudo o que haveis cantado,
Considerando justas as cores, verdadeiros os contornos,
A vós, minha inspiradora, a vós Crew, meu modelo!

Prólogo

Escrito por David Garrick, Esq.⁷
Dito pelo Sr. King⁸

Uma escola da má-língua! Pois disse-me, por favor,
Será precisa uma escola, para tal arte ensinar?
Para quê lições *agora*, numa coisa tão treinada?
É quase como ensinar a comer e a beber.
Se a ausência de intrigas causar a melancolia
E perturbar as beldades, elas que leiam jornais:
Pois com tanta miscelânea, eles curam tais maleitas,
E sendo embora exigentes, ficarão satisfeitas.

“Ora” exclama a *Lady Amarguinha*,⁹ que adora mexericos
Deitando sal e pimenta na sua tagarelice.
Levanta-se ao fim da tarde, de noite jogou às cartas,

⁷ David Garrick foi não só o mais conceituado actor britânico do séc. XVIII, como também um brilhante empresário teatral e dramaturgo. Dedicava-se, com frequência, a escrever prólogos e epílogos para as peças. Esteve à frente do teatro Drury Lane até 1776, ano em que foi substituído nessas funções por Richard Sheridan. Tinha o título nobiliárquico de *Esquire* (Escudeiro)

⁸ Trata-se de Thomas King, um actor de comédias, parte integrante da companhia de actores do Drury Lane, e amigo pessoal de David Garrick. Notabilizou-se nomeadamente pelo modo como declamava os prólogos e epílogos das peças.

⁹ No original: *Wormhood*. Designa uma planta aromática com um intenso sabor amargo.

‘Chá forte e má-língua! Por Deus, mas que refrescante!
 Dai-me os jornais, Maria.¹⁰ Tão livres e tão ousados.’ (*Sorve um gole*)
 “Na noite passada o *Lord* –“ (*Sorve um gole*) “foi apanhado com a *Lady D*–“
 Que belos saís para as dores de cabeça!’ (*Sorve um gole*)
 ” Se a Sr.^a B – continuar a namoriscar,
 Esperemos que se retire, ou retiramos nós o pano.”
 Belíssima sátira. Em público, todos criticam;
 Mas quando a sós –‘ (*Sorve um gole*) no fundo louvamos.
 Vá lá, Maria, lede *vós*. Aí, sobre os da moda.’ (*Sorve um gole*)
 ‘Sim, minha senhora. “Um certo *lord* deveria ter cuidado,
 ele vive perto bem perto de Grosvenor Square,
 Pois se a *Lady A*- estiver para aí inclinada,
 O sabor é amargo –“Oh, sou eu. Que malvado!
 Atira isso para a lareira, e que nunca mais
 Esse vil jornal me atravesse a porta.’
 E assim nos rimos dos nossos amigos, que sofrem com isso;
 Mas só nos preocupamos quando chega a nossa vez.
 Será o nosso jovem bardo assim tão jovem que imagina
 Que pode pôr fim a tão alta maré de mexericos?
 Tão pouco conhece ele o mundo, e os seus meios?
 Ora, é mais fácil erguer, do que deitar o demo.
 Tão forte, tão rápido, como amordaçar o monstro?
 Mesmo sem cabeça, a língua ainda se agita.
 Orgulhoso com os vossos sorrisos, outrora tão pródigos,
 O nosso Don Quixote faz-se de novo à estrada.
 Para mostrar a sua gratidão, pega na pena
 E procura a sua hidra, a má-língua, em plena gruta,
 Para das suas garras libertar a temerosa donzela.
 Mesmo que falhe, a sua tentativa agrada aos bravos.
 Pelo vosso aplauso, enfrentaria todos os perigos;
 E lutará – ou seja, escreverá –qual valoroso cavaleiro,
 Derramando o sangue – ou seja, a tinta – para *vos* salvar.

¹⁰ No original: *Lisp*. Era um típico nome de criada, razão pela qual, num processo de equivalência, é aqui traduzido para Maria.

PERSONAGENS DA PEÇA

Sir Pedro Arrelia (Sir Peter Teazle)
Sir Olívio Fachada (Sir Oliver Surface)
José Fachada (Joseph Surface)
Carlos Fachada (Charles Surface)
Azedo (Crabtree)
Sir Benjamim Cortacasacas (Sir Benjamin Backbite)
Rolão (Rowley)
Tropeção (Trip)
Moisés (Moses)
Cobra (Snake)
Descuidado (Careless)
Sir Tobias Brinde (Sir Toby Bumper)
(Dois Cavalheiros)
(Criado de Lady Maldizente)
(Criado de José Fachada)

Lady Arrelia (Lady Teazle)
Maria (Maria)
Lady Maldizente (Lady Sneerwell)
Madame Candura (Mrs. Candour)
(Criada de *Lady* Arrelia)

(CENA: LONDRES)

1.1

Em casa de Lady Maldizente.

Lady Maldizente junto ao toucador, Cobra a beber chocolate.

LADY MALDIZENTE Dizeis-me, então, Sr. Cobra, que as notícias foram todas incluídas?

COBRA Foram sim, minha senhora, e como fui eu próprio que as copiei com uma caligrafia alterada, não pode haver suspeita sobre a sua origem.

LADY MALDIZENTE E pusestes a circular a notícia sobre a intriga entre a *Lady Volúvel* e o Capitão Basófia?¹¹

COBRA Esse assunto corre tão bem como será desejo de vossa senhoria. Se seguir o curso normal, penso que deve chegar aos ouvidos de Madame Tagarela¹² dentro de vinte e quatro horas; e então, como sabeis, o assunto ficará concluído.

LADY MALDIZENTE Bem, na verdade a Madame Tagarela tem imenso talento – e também muito engenho.

COBRA É verdade, minha senhora, e foi razoavelmente bem sucedida na sua época. Tanto quanto sei, conseguiu desfazer seis casamentos, fez com que três filhos fossem deserdados, provocou quatro fugas e o mesmo número de partos clandestinos, nove pensões de alimentos e dois divór-

¹¹ No original: *Lady Brittle* e *Captain Boastall*.

¹² *Mrs. Clakit*.

cios. E mais: várias vezes a vi inventar um “tête_à-tête”¹³ na *Revista da Cidade e do Campo*¹⁴ quando os amantes em causa muito provavelmente nunca se viram em toda a sua vida.

LADY MALDIZENTE Ela de facto tem talento, mas os seus métodos são grosseiros.

COBRA É bem verdade. Geralmente engendra bem as coisas, é bastante tagarela e é ousada nas suas invenções – mas põe cores demasiado escuras, e contornos por vezes extravagantes. Falta-lhe aquela delicadeza na insinuação e genialidade no escárnio, que distingue a maledicência de vossa senhoria.

LADY MALDIZENTE Ah! Estais a ser parcial, Cobra.

COBRA De modo nenhum – toda a gente reconhece que *Lady* Maldizente consegue mais com uma palavra ou um olhar, do que muitos conseguem com os mais elaborados pormenores, mesmo quando têm alguma verdade a apoiá-los.

LADY MALDIZENTE Sim, meu caro Cobra, e não sou hipócrita a ponto de negar a satisfação que me dá o êxito dos meus esforços. Tendo sido eu própria ferida, na minha mocidade, pela língua envenenada da maledicência, confesso que desde então nada me dá mais prazer do que reduzir os outros ao nível da minha arruinada reputação.

COBRA Nada mais natural. Mas, *Lady* Maldizente, há um assunto em que ultimamente me ocupastes que, confesso, me causa perplexidade no que respeita aos vossos motivos.

LADY MALDIZENTE Imagino que vos referis ao meu vizinho, *Sir* Pedro Arrelia, e à sua família.

COBRA Isso mesmo. Aí estão dois jovens para quem o *Sir* Pedro foi uma espécie de tutor desde que lhes morreu o pai. O mais velho, detentor de uma excelente reputação, e de quem todos falam bem; o outro, o jovem mais esbanjador e extravagante deste reino, sem amigos nem carácter. O primeiro, um confesso admirador de vossa senhoria e aparentemente

¹³ Em francês no original.

¹⁴ *Town and Country Magazine* era uma revista de periodicidade mensal. Tornou-se notada pelo facto de, em cada número, inserir um escândalo sexual ocorrido na alta sociedade, usando pseudónimos facilmente descodificáveis.

o vosso favorito; o outro, afeiçoado a Maria, a pupila de *Sir* Pedro, e abertamente retribuído no seu amor. Ora perante tais circunstâncias, não consigo perceber por que razão vossa senhoria, viúva de um cavaleiro e recebendo uma boa pensão, não aceita a paixão de um homem de tão bom carácter como é o Sr. Fachada – e sobretudo por que é que está tão invulgarmente empenhada em destruir o mútuo afecto que existe entre Carlos, o irmão dele, e Maria.

LADY MALDIZENTE Então, para acabar de vez com o mistério, devo informar-vos de que o amor não desempenha qualquer papel na minha relação com o Sr. Fachada.

COBRA Não?!

LADY MALDIZENTE O seu verdadeiro interesse é por Maria, ou pela sua fortuna – mas ao descobrir no seu próprio irmão um rival favorecido, foi obrigado a ocultar os seus intentos por detrás de uma máscara, e aproveitar a minha ajuda.

COBRA Mas sendo assim ... fico ainda mais confuso quanto aos motivos que vos levam a favorecer o seu êxito.

LADY MALDIZENTE Céus! Como sois obtuso! Não conseguis adivinhar a fraqueza que eu, por vergonha, tenho ocultado até de vós? Tenho que confessar que o Carlos – esse libertino, esse extravagante, esse falido na fortuna e na reputação – que é ele a causa da minha ansiedade e das minhas artimanhas, e que por ele eu seria capaz de tudo sacrificar?

COBRA Agora, de facto, a vossa conduta parece mais consistente... mas como é que vossa senhoria e o Sr. Fachada se tornaram tão íntimos?

LADY MALDIZENTE Pelo nosso mútuo interesse. Eu há muito tempo que descobri como ele é – sei que é ardiloso, egoísta e cheio de malícia – numa palavra, um hipócrita.¹⁵

COBRA Todavia, *Sir* Pedro jura que não há quem se lhe compare em Inglaterra – e, acima de tudo, elogia-o como sendo um homem de bons sentimentos.¹⁶

¹⁵ *A sentimental knave*. Designa uma pessoa cujo discurso, cheio de aforismos moralistas, não passa de uma máscara para esconder um comportamento traiçoeiro.

¹⁶ No original: *a man of sentiment*.

LADY MALDIZENTE Sim, e com a ajuda dos seus sentimentos e hipocrisia, conseguiu que ele fosse ao encontro dos seus próprios interesses em relação a Maria.

Entra um Criado

CRIADO O Sr. Fachada.

LADY MALDIZENTE Trazei-o até aqui.

Sai o Criado

Ele costuma vir a estas horas. Não me surpreende que as pessoas pensem que é meu amante.

Entra José Fachada

JOSÉ FACHADA Minha cara *Lady* Maldizente, como estais? – Sr. Cobra, sou um vosso humilde criado.

LADY MALDIZENTE O Cobra esteve, justamente, a fazer comentários sobre a nossa relação, mas eu informei-o dos nossos verdadeiros objetivos – sabeis como ele nos tem sido útil, e acreditai que merece a nossa confiança.

JOSÉ FACHADA Senhora, é-me impossível suspeitar de um homem com a sensibilidade e o discernimento do Sr. Cobra.

LADY MALDIZENTE Bem, chega de cumprimentos. Mas disse-me quando vistes a vossa Maria, ou, o que mais me importa, o vosso irmão?

JOSÉ FACHADA Não vi nenhum desde que vos deixei – mas posso informar-vos de que eles nunca se encontram. Algumas das vossas histórias tiveram um bom efeito em Maria.

LADY MALDIZENTE Ah, meu caro Cobra, o mérito pertence-vos. Mas as desgraças do vosso irmão continuam a aumentar?

JOSÉ FACHADA A cada momento – disseram-me que teve ontem uma nova confiscação dos seus bens; em suma, a sua dissipação e extravagância excedem tudo o que já me foi dado ver.

LADY MALDIZENTE Pobre Carlos!

JOSÉ FACHADA É verdade, minha senhora. Não obstante os seus vícios, é impossível não ter pena dele. Ah, pobre Carlos! Quem me dera estar na minha mão poder ajudá-lo. Porque um homem que não partilha as desgraças de um irmão, ainda que justificadas pela sua má conduta, merece...

LADY MALDIZENTE Oh não! Começais a ser moralista, esquecendo-vos de que estais entre amigos.

JOSÉ FACHADA Pois é, é verdade! Guardarei essa máxima para quando vir o *Sir* Pedro. Todavia, é realmente um acto de caridade salvar Maria de um tal libertino, que só poderá emendar-se por influência de alguém com as superiores qualidades e inteligência de vossa senhoria.

COBRA Creio que a *Lady* Maldizente vai ter companhia. Vou então copiar a carta de que vos falei. Sr. Fachada, sou um vosso humilde criado.

Sai o Cobra

JOSÉ FACHADA Senhor, a minha dedicação. *Lady* Maldizente, lamento que depositeis tanta confiança nesse sujeito.

LADY MALDIZENTE Porquê?

JOSÉ FACHADA Ultimamente tenho-o visto em conversas com o velho Rolão, que já foi mordomo do meu pai e que, como sabeis, nunca foi meu amigo.

LADY MALDIZENTE E pensais que ele nos poderá trair?

JOSÉ FACHADA Nada é mais certo: acreditai em mim, *Lady* Maldizente, esse sujeito não tem virtude suficiente para ser fiel à sua própria vilania. Ah! Maria!

Entra Maria

LADY MALDIZENTE Maria, minha querida, como estais? Que se passa?

MARIA Aquele meu desagradável pretendente, *Sir* Benjamim Cortacasacas, apareceu em casa do meu tutor com o seu odioso tio Azedo – então eu fugi, e vim para cá para os evitar.

LADY MALDIZENTE Foi só isso?

JOSÉ FACHADA Se o meu irmão Carlos estivesse com eles, não teríeis certamente ficado tão alarmada.

LADY MALDIZENTE Vá lá, estais a ser severo, pois eu quase jurava que o verdadeiro motivo foi a Maria ter ouvido dizer que vós estáveis aqui... mas, minha querida, o que vos fez o *Sir* Benjamim, para vos pôr assim em fuga?

MARIA Oh, ele não fez nada – é por aquilo que disse – a conversa dele é uma perpétua condenação de todos os seus conhecidos.

JOSÉ FACHADA Sim, e o pior é que nada se ganha em não o conhecer, pois ele tão depressa calunia um estranho, como o seu melhor amigo – e o tio é igual.

LADY MALDIZENTE Bom, mas temos que ter em conta que *Sir* Benjamim é um espirituoso e um poeta.

MARIA Quanto a mim, senhora, deixo de respeitar a finura de espírito quando acompanhada de malícia. O que achais, Sr. Fachada?

JOSÉ FACHADA Certamente, senhora, que rir de um gracejo que semeia espinhos no peito de outrem, é tornar-se cúmplice da ofensa.

LADY MALDIZENTE Ora! Não se pode ser espirituoso sem ter um pouco de mau íntimo – a malícia que envolve algo de bom é a ponta da farpa que o faz agarrar-se. Qual é a sua opinião, Sr. Fachada?

JOSÉ FACHADA Realmente, senhora, qualquer conversa a que falte trucu-
lência de espírito parecerá sempre enfadonha e insípida.

MARIA Bem, não vou discutir até que ponto se pode tolerar a maledicência; mas num homem, isso eu sei, é sempre condenável. Nós temos o orgulho, a inveja, a rivalidade, e mil e um motivos para nos depreciarmos. Mas o homem que cultiva os escândalos tem que ter a cobardia de uma mulher, para a poder caluniar.

Entra o Criado

CRIADO Senhora, a Madame Candura está lá em baixo, e se vossa senhoria estiver disponível, ela apear-se-á do seu coche.

LADY MALDIZENTE Pedi-lhe que entre.

Sai o Criado

Olhai, Maria, apesar de tudo, aqui está alguém a vosso gosto, pois embora a Madame Candura seja um pouco faladora, toda a gente a considera uma mulher de boa índole e da melhor espécie.

MARIA Sim, com a sua pretensa boa índole e benevolência, ela consegue ser mais perniciosa do que o velho Azedo, com a sua evidente malícia.

JOSÉ FACHADA Isso é bem certo, *Lady* Maldizente. Sempre que vejo a corrente ir contra a reputação dos meus amigos, penso que o maior perigo que eles correm é quando a Madame Candura vem em sua defesa.

LADY MALDIZENTE Caluda, ela vem aí!

Entra Madame Candura

MADAME CANDURA Minha querida *Lady* Maldizente, como tendes passado durante este século? Sr. Fachada, que novidades tendes ouvido? Se bem que não tenha muita importância, pois em minha opinião aquilo que se ouve não passa, geralmente, de mexericos.

JOSÉ FACHADA É bem verdade, senhora.

MADAME CANDURA Ah, Maria, minha filha! O quê, já acabou tudo entre

vós e o Carlos? Foi a extravagância dele, calculo eu – a cidade não fala de outra coisa.

MARIA Lamento muito, senhora, que as pessoas da alta sociedade tenham tão pouco que fazer.

MADAME CANDURA É verdade, é verdade, minha filha, mas não há maneira de calar as pessoas. Confesso que fiquei magoada quando ouvi falar disso, tal como fiquei ao saber, pelas mesmas fontes, que o vosso tutor, *Sir Pedro*, e *Lady Arrelia*, ultimamente não se têm dado lá muito bem.

MARIA As pessoas são, de facto, muito impertinentes ao ocuparem assim o seu tempo.

MADAME CANDURA É bem verdade, minha filha, mas o que se há-de fazer? As pessoas continuam a falar, não há meio de o evitar. Olhe, ainda ontem me disseram que a Menina Pândega¹⁷ tinha fugido com *Sir Filigrana Namorico*¹⁸ – mas, meu Deus! Não devemos dar importância àquilo que se ouve... embora, na verdade, eu tenha sabido isto por uma fonte muito fidedigna.

MARIA Essas notícias são altamente escandalosas.

MADAME CANDURA São mesmo, minha filha – vergonhosas, vergonhosas! Mas o mundo é tão severo, que ninguém escapa. Vede bem! Quem suspeitaria de que a vossa amiga, a Menina Empertigada¹⁹, seria capaz de uma imprudência? Mas a má índole das pessoas é tal, que dizem que o tio dela a apanhou quando ela ia a entrar para uma diligência com o seu mestre de dança.

MARIA Posso garantir-vos que essa notícia não tem fundamento.

MADAME CANDURA Oh, aposto que não tem fundamento nenhum. Tem tanto fundamento como a história que circulou no mês passado acerca do caso da Madame Festança²⁰ com o Coronel Casino²¹, embora esse assunto nunca tenha ficado muito claro.

¹⁷ *Miss Gadabout*

¹⁸ *Sir Filigree Flirt*

¹⁹ *Miss Prim*

²⁰ *Mrs. Festino*

²¹ *Colonel Casino*

JOSÉ FACHADA A liberdade de invenção de algumas pessoas é realmente monstruosa.

MARIA Pois é. Mas, em minha opinião, aqueles que andam a contar essas coisas são igualmente culpados.

MADAME CANDURA É verdade que são; os que contam histórias são tão maus como os que as inventam. É um velho ditado e muito verdadeiro – mas o que se há-de fazer, como eu já disse? Como é que se pode evitar que as pessoas falem? – Hoje a Madame Tagarela²² assegurou-me que o Sr. e a Sr.^a Lua-de-Mel²³ finalmente se converteram em marido e mulher, como o resto dos seus conhecidos. Ela também deu a entender que uma certa viúva que vive na rua a seguir a esta se livrou do seu inchaço, e recuperou a forma com uma surpreendente rapidez; e, na mesma altura, a Menina Palradora²⁴, que estava por ali, afirmou que o *Lord Búfalo*²⁵ tinha encontrado a mulher numa casa de má reputação; e que o *Sir Henrique Bouquet*²⁶ e o Tomás Vadio²⁷ se iam bater em duelo por um motivo semelhante. Mas, meu Deus, julgais que eu era capaz de contar estas coisas? Não, não, os que contam histórias, como eu disse há pouco, são tão maus como os que as inventam.

JOSÉ FACHADA Ah, Madame Candura! Se toda a gente tivesse a vossa indulgência e boa índole!

MADAME CANDURA Eu confesso, Sr. Fachada, que não suporto ouvir atacar pessoas pelas costas, e quando circunstâncias desagradáveis se viram contra alguém meu conhecido, prefiro pensar o melhor. A propósito, espero que o vosso irmão não esteja completamente arruinado?

JOSÉ FACHADA Receio que as circunstâncias neste caso sejam, de facto, muito más, senhora.

MADAME CANDURA Ah, ouvi dizer que sim. Mas vós tendes de lhe

²² *Mrs. Clackit*

²³ *Mr. and Mrs. Honeymoon*

²⁴ *Miss Tattle*

²⁵ *Lord Buffalo*

²⁶ *Sir Harry Bouquet*

²⁷ *Tom Saunter*

dizer que não desanime – está quase toda a gente assim! *Lord Roleta*²⁸, *Sir Hipódromo*,²⁹ o *Capitão Bisca*³⁰ e o *Sr. Dados*³¹ – todos falidos, segundo ouvi dizer, durante esta semana! Por isso, se o Carlos está na penúria, ele verificará que metade dos seus conhecidos também estão arruinados – e isso sempre é uma consolação.

JOSÉ FACHADA Sem dúvida, minha senhora, uma grande consolação.

Entra o Criado

CRIADO O Sr. Azedo e *Sir* Benjamim Cortacasacas.

Sai o Criado

LADY MALDIZENTE Então, Maria, vede como o vosso pretendente vos segue – não tendes qualquer hipótese de escapar.

Entram Azedo e Sir Benjamim Cortacasacas

AZEDO *Lady* Maldizente, beijo as vossas mãos. Madame Candura, penso que não conheceis o meu sobrinho, *Sir* Benjamim Cortacasacas. Podeis crer, senhora, que ele tem uma grande finura de espírito e é um belo poeta também, não é, *Lady* Maldizente?

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Ora, tio!

AZEDO Podeis crer que é verdade – eu aposto nele em qualquer jogo de palavras contra o melhor verzejador do reino. Vossa senhoria ouviu o epigrama que ele escreveu a semana passada, sobre o incêndio na pena de *Lady* Frisada?³² Repete-o, Benjamim – ou então a charada que fizestes a noite passada, no serão em casa de Madame Sonolenta.³³ Vá lá: a primeira é o nome de um peixe, a segunda um grande comandante da Marinha, e...

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Tio, por favor!

AZEDO Por minha fé, senhora, ficaríeis surpreendida ao ver como ele é esperto nessas coisas.

²⁸ *Lord Spindle*

²⁹ *Sir Thomas Splint*

³⁰ *Captain Quinze*

³¹ *Mr. Nickit*

³² *Lady Frizzle*

³³ *Mrs. Drowsy*

LADY MALDIZENTE Admira-me, *Sir* Benjamim, que nunca publiqueis nada.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Para dizer a verdade, senhora, já se tornou vulgar fazer isso, e como os meus textos são geralmente sátiras e libelos acusatórios acerca de certas pessoas, verifico que circulam mais rapidamente se eu distribuir cópias aos amigos das pessoas em causa. Todavia, tenho algumas elegias amorosas, que tenciono publicar quando esta senhora lhes conceder o seu sorriso.

AZEDO Santo Deus, senhora, eles tornar-vos-ão imortal – ficareis para a posteridade como a Laura de Petrarca ou a Sacharissa de Waller.³⁴

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Sim, senhora, penso que gostareis de os ver numa bela edição, em que um límpido riacho de texto murmurará ao longo dos prados da margem; pois, podeis crer, serão os mais elegantes dentro do género.

AZEDO Mas, minhas senhoras, é verdade – ouvistes as notícias?

MADAME CANDURA O quê, estais a falar do que consta sobre...

AZEDO Não, minha senhora, não é isso. A Menina Esquisita³⁵ vai casar com o seu próprio lacaio.

MADAME CANDURA Impossível!

AZEDO Perguntai a *Sir* Benjamim.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS É bem verdade, senhora, está tudo já marcado, e os fatos para a cerimónia já estão encomendados.

AZEDO Sim, e dizem, até, que houve fortes razões que os levaram a isso.

LADY MALDIZENTE Eu, de facto, já ouvi dizer qualquer coisa.

MADAME CANDURA Não pode ser, e admira-me que alguém possa acreditar numa história dessas, acerca de uma senhora tão prudente.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Ora, minha senhora! Foi por isso mesmo que acreditaram logo. Ela foi sempre tão cautelosa e reservada, que toda a gente teve a certeza de que ela tinha, no fundo, alguma razão para isso.

³⁴ Referência à poesia amorosa dedicada a Laura por Francesco Petrarca (1304-74) e aos poemas de Edmund Waller (1606-87), escritos para Dorothy Sidney, filha mais velha do Conde de Leicester, sob o nome de Sacharissa.

³⁵ *Miss Nicely*

MADAME CANDURA Na realidade, uma história escandalosa é tão fatal para a reputação de uma senhora prudente e com a sua posição, como uma febre o é para os que têm a mais forte constituição. Mas há um tipo de reputação pequena e frágil que está sempre a doer, no entanto sobrevive ao carácter mais robusto de uma centena de mulheres de afectada modéstia.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Na verdade, senhora, há pessoas tão preocupadas com a reputação como com a saúde, e que por terem consciência das suas partes fracas, evitam a mais pequena corrente de ar, e compensam a falta de vigor com os cuidados e a circunspecção.

MADAME CANDURA Bem, mas isto pode não passar de um engano. Como *Sir* Benjamim sabe, circunstâncias por vezes insignificantes dão origem às histórias mais injuriosas.

AZEDO Eu sei muito bem que assim é. Ouvistes dizer como é que a Menina Gaiteira³⁶ acabou por perder o amante e a reputação, no Verão passado em Tunbridge?³⁷ *Sir* Benjamim, lembrai-vos?

SIR BENJAMIM CORTACASACAS É claro que sim – foram circunstâncias muito caprichosas...

LADY MALDIZENTE Como foi? Por favor, dizei-me.

AZEDO Ora bem, uma noite em casa da Madame Ás-de-Trunfos,³⁸ a conversa virou-se para as dificuldades na criação de carneiros da Nova Escócia neste país. Diz uma das senhoras: “Conheci casos desses, porque a Menina Letícia Gaiteira, uma prima minha, teve um carneiro da Nova Escócia que lhe deu gémeos”. “Como?!” grita a velha viúva *Lady* Torvelinho³⁹ que, como sabeis, é surda como uma porta, “a Menina Gaiteira teve gémeos?”. Este engano, como podeis imaginar, pôs toda a gente a rir à gargalhada. Contudo, na manhã seguinte contava-se em todo o lado, e passados alguns dias toda a cidade acreditava, que a Menina Letícia Gaiteira tivera um rapaz e uma rapariga – e em menos de uma semana já

³⁶ *Miss Piper*

³⁷ Estância balneária que rivalizava com Bath

³⁸ *Mrs. Ponto*

³⁹ *Lady Dundizzy*

havia pessoas que diziam quem era o pai, e em que casa de campo é que os bebés estavam a ser criados.

LADY MALDIZENTE Que estranho, de facto!

AZEDO Isto passou-se, garanto-vos. Ah, já me ia esquecendo! Sr. Fachada, é verdade que o vosso tio, *Sir* Olívio, está de regresso a casa?

JOSÉ FACHADA Que eu saiba não, senhor.

AZEDO Ele esteve muito tempo nas Índias Orientais,⁴⁰ penso que mal vos lembreis dele. Que triste novidade ele vai ter quando voltar e souber no que o vosso irmão se transformou!

JOSÉ FACHADA O Carlos tem sido, de facto, imprudente, senhor, mas espero que ninguém se tenha já apressado a criar em *Sir* Olívio qualquer preconceito contra ele. Ele pode regenerar-se.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS É claro que pode. Por mim, nunca acreditei que possa ser tão desprovido de princípios como as pessoas dizem. E embora ele tenha perdido todos os amigos, consta que ninguém é tão bem considerado pelos judeus.⁴¹

AZEDO Olhe que é bem verdade, caro sobrinho. Se a velha Judiaria⁴² fosse uma freguesia da cidade, acho que o Carlos era concerteza vereador, não há lá ninguém tão popular. Porque, podeis crer, dizem que ele paga tantas anuidades como a Lotaria Irlandesa,⁴³ e que sempre que está doente, eles rezam na sinagoga pela sua recuperação.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Todavia, não há ninguém que viva com tanto esplendor. Dizem que quando recebe os amigos, pode sentar-se à mesa com uma dúzia de fiadores, ter uma vintena de comerciantes à espera na antecâmara, e um oficial de justiça atrás da cadeira de cada convidado.

⁴⁰ *East Indies*. Esta designação abrangia todo o Sudeste Asiático, incluindo a Índia.

⁴¹ Trata-se da comunidade dos judeus que viviam em Londres, sendo conhecidos pelo facto de emprestarem dinheiro a juros.

⁴² Uma rua perto do Bank of England, onde viviam muitos judeus.

⁴³ Uma espécie de lotaria inicialmente introduzida pelas autoridades irlandesas e que surgiria, em versão inglesa, em 1765. Os seus subscritores recebiam anuidades vitalícias, que aumentavam de volume à medida que os outros contribuintes iam falecendo.

JOSÉ FACHADA Isto pode ser um divertimento para vós, cavalheiros, mas não estais a ter em conta os sentimentos de um irmão.

MARIA (*à parte*) A malícia deles é insuportável. *Lady* Maldizente, desejovos um bom dia. Não me sinto muito bem.

Sai Maria

MADAME CANDURA Santo Deus! Como ela mudou de cor!

LADY MALDIZENTE Madame Candura, ide com ela, pode ser que precise de ajuda.

MADAME CANDURA De muito bom grado, senhora... pobre rapariga! Sabe-se lá em que situação se encontra!

Sai Madame Candura

LADY MALDIZENTE O único motivo é que ela não suportou ouvir falar mal do Carlos, apesar de estarem afastados.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS As inclinações da jovem são óbvias.

AZEDO Mas, Benjamim, não deveis desistir só por causa disso – segui-a, fazei com que fique bem-disposta, repeti-lhe alguns dos vossos versos. Vamos, que eu ajudo.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Sr. Fachada, não era minha intenção magoar-vos, mas acreditai que o vosso irmão está perdido. (*de saída*)

AZEDO Oh sim, perdido por completo – não consegue arranjar um centavo. (*de saída*)

SIR BENJAMIM CORTACASACAS E, segundo dizem, já vendeu tudo o que podia. (*de saída*)

AZEDO Eu encontrei uma pessoa que esteve lá em casa. Só lhe restam algumas garrafas vazias e os retratos da família, e segundo creio, sem moldura. (*de saída*)

SIR BENJAMIM CORTACASACAS E também lamento aquilo que se conta acerca dele. (*de saída*)

AZEDO Que fez muitas patifarias, não há dúvida. (*de saída*)

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Todavia, já que ele é vosso irmão... (*de saída*)

AZEDO Contar-vos-emos tudo numa outra altura.

Saem Azedo e Sir Benjamim Cortacasacas.

LADY MALDIZENTE Ah, ah, ah! Como lhes custa largar um assunto que ainda não esgotaram.

JOSÉ FACHADA E suponho que a injúria vos custou tanto como a Maria.
LADY MALDIZENTE Suspeito que os sentimentos dela sejam mais fortes do que pensávamos. Mas a família vai cá estar esta noite, por isso podeis cá jantar, e teremos oportunidade para observar melhor. Entretanto, vou urdir mais injúrias, e vós ocupar-vos-eis da moral.

Saem.

1.2

Em casa de Sir Pedro Arrelia

Entra Sir Pedro Arrelia

SIR PEDRO ARRELIA Quando um velho solteirão casa com uma jovem, o que é que ele espera? Faz agora seis meses que *Lady* Arrelia me tornou o mais feliz dos homens, e desde então tenho sido a mais desgraçada das criaturas! Irritámo-nos um com o outro à ida para a igreja, e acabámos a discutir, ainda os sinos tocavam. Durante a lua-de-mel, houve alturas em que quase sufoquei de raiva, e perdera já toda a tranquilidade quando os meus amigos ainda me davam os parabéns! E, no entanto, eu escolhi com cuidado – uma rapariga criada no campo, cujo maior luxo consistira numa capa de seda, e cuja única extravagância era um baile anual. Mas agora participa em todas as modernices da cidade, e fá-lo de um modo tão natural, que parece que nunca viu um arbusto ou um relvado a não ser em Grosvenor Square!⁴⁴ Sou alvo da troça dos meus amigos, e até os jornais escarnecem de mim. Ela dissipa a minha fortuna e contradiz todos os meus desejos. Mas o pior de tudo, é ter de concluir que a amo, senão não suportaria tudo isto. Não terei, no entanto, a fraqueza de o confessar.

Entra Rolão

ROLÃO Oh, *Sir* Pedro, sou um vosso criado – como estais?

SIR PEDRO ARRELIA Muito mal, Mestre Rolão, muito mal – só me acontecem aborrecimentos e vexames.

ROLÃO O que vos terá acontecido desde ontem, que vos pôs tão infeliz?

⁴⁴ Uma das zonas de Londres mais aristocráticas e mais na moda.

SIR PEDRO ARRELIA Uma boa pergunta para se fazer a um homem casado.
ROLÃO Mas eu tenho a certeza de que a vossa esposa não é a causa desse mal-estar.

SIR PEDRO ARRELIA Porquê, alguém vos disse que ela morreu?

ROLÃO Vá lá, *Sir* Pedro, vos gostais dela, apesar de os feitios não se darem muito bem.

SIR PEDRO ARRELIA Mas a culpa é toda dela, Mestre Rolão – eu sou um homem com um temperamento extremamente pacífico, e detesto pessoas conflituosas – e digo-lhe isto a ela, cem vezes por dia.

ROLÃO Ah sim?

SIR PEDRO ARRELIA Sim, e o curioso é que em todas as nossas discussões, é ela que está errada! Mas a *Lady* Maldizente e o grupo que se junta lá em casa encorajam a sua teimosia. E para completar o meu vexame, Maria, a minha pupila, sobre quem eu deveria ter a autoridade de um pai, também está a tornar-se rebelde, e recusa-se terminantemente a casar com o homem que há muito lhe destinei, parecendo-me que quer optar pelo devasso irmão que ele tem.

ROLÃO Sabeis, *Sir* Pedro, que tomei sempre a liberdade de discordar da vossa opinião acerca desses dois jovens. Só espero que não estejais enganado a propósito do mais velho – pois no que diz respeito ao Carlos, estou convicto de que ainda se há-de regenerar. O pai deles, que foi em tempos o meu honrado amo, foi também muito volúvel quando era jovem; mas quando morreu, ninguém se lhe comparava em bondade de carácter.

SIR PEDRO ARRELIA Estais enganado, Mestre Rolão. Quando o pai deles morreu, sabeis que fui uma espécie de tutor de ambos, até que o tio, *Sir* Olívio, com a sua liberalidade, os tornou independentes. É claro que ninguém teve mais oportunidades do que eu para os avaliar, e nunca me enganei na minha vida. O José é, de facto, um modelo para os jovens da sua idade. É um rapaz de nobres sentimentos – e o seu comportamento está à altura da moral que defende. Quanto ao outro, acreditai em mim, se herdou alguns grãos de virtude, dissipou-os com o resto da herança. Ah, o meu velho amigo, *Sir* Olívio, ficará profundamente desiludido quando descobrir como uma parte da sua dádiva foi desperdiçada.

ROLÃO Lamento muito ver o profundo desagrado que ele vos causa, porque este pode ser o momento mais crítico da sua vida. Eu trouxe notícias que vos surpreenderão.

SIR PEDRO ARRELIA O quê? Dizei-me!

ROLÃO *Sir* Olívio já chegou, e está neste momento na cidade.

SIR PEDRO ARRELIA Como?! Surpreendeis-me! Pensava que não o esperavam este mês.

ROLÃO Pois não, mas a viagem foi extremamente rápida.

SIR PEDRO ARRELIA Pois ficarei muito feliz por ver o meu velho amigo.

Há dezasseis anos que não nos vemos. Passámos muito tempo juntos...

Mas será que ele não quer que informemos os sobrinhos da sua chegada?

ROLÃO Não quer, de facto. Antes de se dar a conhecer, ele pretende apreciar o carácter de cada um deles.

SIR PEDRO ARRELIA Ora, não é preciso muito engenho para descobrir os seus méritos! Mas faça-se a sua vontade...Saberá ele que eu me casei?

ROLÃO Sim, e em breve vos dará os parabéns.

SIR PEDRO ARRELIA Bem, é como beber à saúde de um tuberculoso! Ah! O Olívio vai rir-se de mim. Nós costumávamos desdenhar do casamento, mas ele cumpriu a sua palavra. Bom, mas ele tem de ficar em minha casa, vou dar ordens para o receber. Porém, Mestre Rolão, não o informeis de que eu e a *Lady* Arrelia nos damos mal.

ROLÃO Claro que não.

SIR PEDRO ARRELIA Eu não suportaria as piadas do velho Olívio, por isso prefiro que ele pense (Deus me perdoe), que somos um casal muito feliz.

ROLÃO Compreendo. Mas então tende muito cuidado, para não discutir enquanto ele estiver em vossa casa.

SIR PEDRO ARRELIA Pois é, é verdade – e isso é impossível...Ah, Mestre Rolão, quando um velho solteirão casa com uma jovem, merece...não, é o próprio crime que traz o castigo.

Saem

2.1

Em casa de Sir Pedro Arrelia

Entram Sir Pedro e Lady Arrelia

SIR PEDRO ARRELIA *Lady Arrelia*, eu não suporto isto!

LADY ARRELIA *Sir Pedro*, suportai ou não, como quiserdes, mas eu tenho o direito de fazer as coisas a meu modo e, além disso, hei-de fazê-las. Ora, embora fosse criada no campo, sei muito bem que as mulheres da moda em Londres fazem o que querem, depois de casadas.

SIR PEDRO ARRELIA Muito bem, minha senhora! Então um marido não tem qualquer influência ou autoridade?

LADY ARRELIA Autoridade?! É claro que não. Se querieis exercer autoridade sobre mim, devíeis ter-me adoptado, em vez de casar comigo; tínheis idade mais do que suficiente...

SIR PEDRO ARRELIA A idade, lá está! Bem, bem, *Lady Arrelia*, a minha vida pode tornar-se um inferno por causa do vosso feitio, mas não hei-de ficar arruinado pelas vossas extravagâncias.

LADY ARRELIA As minhas extravagâncias? Não sou mais extravagante do que qualquer outra mulher da moda.

SIR PEDRO ARRELIA Não, não, minha senhora, não podeis desperdiçar mais dinheiro em luxos supérfluos. Ora! Para encher de flores o quarto de vestir no Inverno, gastais tudo quanto seria necessário para transformar um salão numa estufa⁴⁵ ou dar uma festa ao ar livre no Natal.

LADY ARRELIA Meu Deus, *Sir Pedro*, será que tenho a culpa de as flores serem tão caras no Inverno? A culpa é do clima, e não minha. Por mim, quem me dera que fosse Primavera o ano inteiro, e que as rosas crescessem debaixo dos pés.

SIR PEDRO ARRELIA Irra! Minha senhora, se tivésseis nascido neste meio, não me admiraria que falásseis assim. Mas estais a esquecer-vos da vossa situação quando nos casámos.

⁴⁵ No original, o salão é concretamente referido como *the Pantheon*. Tratava-se de um amplo edifício em Oxford Street, onde se reunia grande número de pessoas em ocasiões festivas.

LADY ARRELIA Não, não, não me esqueço – era uma situação muito desagradável, senão não me teria casado convosco.

SIR PEDRO ARRELIA Sim, sim, minha senhora, vivíeis então num estilo um pouco mais humilde, já que éreis filha de um simples proprietário rural. Lembrai-vos, *Lady Arrelia*, de quando vos vi pela primeira vez, sentada a bordar, com uma bonita capa de linho pintado, com um molho de chaves ao lado, o cabelo atado num rolo, e o vosso aposento cheio de frutos pendurados em fios de lã, tecidos por vós.

LADY ARRELIA Oh sim, lembro-me muito bem, e que vida curiosa eu levava! A minha ocupação diária era inspeccionar a vacaria, vigiar as capoeiras, copiar partes do livro de receitas da família, e pentear o cãozinho da minha tia Debora.

SIR PEDRO ARRELIA Sim, minha senhora, era assim mesmo.

LADY ARRELIA E depois, como sabeis, as minhas ocupações ao serão: fazer modelos para punhos, não tendo material para os fazer, jogar às cartas com o cura, ler um romance à minha tia, ou tocar uma velha espineta para adormecer o meu pai, depois da caça à raposa.

SIR PEDRO ARRELIA Ainda bem que tendes tão boa memória. Sim, minha senhora, foi dessas ocupações que vos tirei. Mas agora tendes de possuir um coche, uma carruagem, e três lacaios empoados para vos transportar na cadeirinha. E, no Verão, um par de cavalos para vos levar aos jardins de Kensington. Suponho que não vos lembrais da satisfação que tínheis ao montar, com o mordomo, o cavalo que puxava o coche.

LADY ARRELIA Não, juro que nunca fiz isso. Nego o mordomo e o cavalo.

SIR PEDRO ARRELIA Esta, minha senhora, era a vossa situação. E o que é que eu não fiz por vós? Transformei-vos numa senhora da moda, com fortuna e posição. Em suma, transformei-vos na minha esposa.

LADY ARRELIA Pois bem, só há mais uma coisa que me podeis ainda fazer, e que é...

SIR PEDRO ARRELIA Tornar-vos viúva, suponho eu?

LADY ARRELIA Hã, hã!

SIR PEDRO ARRELIA Obrigado, minha senhora. Mas não sejais convencida, pois embora a vossa conduta possa perturbar a minha paz, nunca me partirá o coração, asseguro-vos. Agradeço-vos, no entanto, a insinuação.

LADY ARRELIA Então por que tentais ser tão desagradável comigo, e contrariar-me em todas as pequenas despesas com coisas elegantes?

SIR PEDRO ARRELIA Irra, minha senhora, vamos lá ver! Fazíeis essas despesas quando nos casámos?

LADY ARRELIA Ora, *Sir* Pedro! Quereis que eu esteja fora de moda?

SIR PEDRO ARRELIA A moda, pois... O que é que tínheis a ver com a moda antes de vos casardes comigo?

LADY ARRELIA Por mim, julguei que vos era agradável ter uma esposa com bom gosto.

SIR PEDRO ARRELIA Lá está ela outra vez! Bom gosto! Irra! Minha senhora, não tínheis bom gosto quando decidistes casar comigo!

LADY ARRELIA Isso é bem verdade, *Sir* Pedro! E depois de casar convosco, acho que nunca mais devia fingir que tenho bom gosto! Bem, *Sir* Pedro, se já acabámos a nossa discussão diária, julgo que posso ocupar-me agora do meu compromisso com a *Lady* Maldizente.

SIR PEDRO ARRELIA Sim, aí está mais um esplêndido assunto. Que belo círculo de conhecimentos que tendes lá.

LADY ARRELIA Notai, *Sir* Pedro, são pessoas de posição e fortuna, e notavelmente preocupadas com a reputação.

SIR PEDRO ARRELIA Sim, concerteza, estão tão preocupadas com a reputação, que não admitem que ninguém a tenha, a não ser elas! Mas que gente! Quantos infelizes já não foram condenados, tendo causado menos prejuízos do que esses que forjam histórias falsas, inventam escândalos e mancham reputações...

LADY MALDIZENTE O quê! Não concordais com a liberdade de opinião?

SIR PEDRO ARRELIA Já fizeram de vós uma pessoa tão má como qualquer um deles.

LADY ARRELIA Ora, eu acho que faço o meu papel com alguma graça. Mas juro que não é com malícia que critico as pessoas; quando digo mal de alguém, é apenas por uma questão de bom humor – e tenho a certeza de que lidam comigo do mesmo modo. Mas, *Sir* Pedro, haveis prometido ir também a casa de *Lady* Maldizente.

SIR PEDRO ARRELIA Bem, bem, vou lá só para proteger a minha reputação.

LADY ARRELIA Então apressai-vos, ou será tarde demais. Até logo.

Sai Lady Arrelia

SIR PEDRO ARRELIA Bom, realmente ganhei muito com as minhas queixas... Mas com que graça contradiz ela tudo o que eu digo, e como

é agradável o modo como despreza a minha autoridade! Já que não consigo fazer com que me ame, tiro ao menos grande prazer destas discussões, e acho que é quando tudo faz para me aborrecer, que se torna mais atraente do que nunca...

Sai

2.2

Em casa de Lady Maldizente

Lady Maldizente, Madame Candura, Amargo, Sir Benjamim Cortacasacas e José Fachada

LADY MALDIZENTE Vá lá, decididamente queremos ouvir.

JOSÉ FACHADA Sim, sim, ouçamos o epigrama.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Ora, tio, não passa de uma tolice.

AZEDO Não, não, revela grande esperteza, para mais sendo de improviso.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Mas, minhas senhoras, tendes de conhecer as circunstâncias. Tendes de saber que um dia, na semana passada, quando a *Lady Isabel Carruagem*⁴⁶ apanhava no Hyde Park uma carruagem aberta, quis que eu escrevesse alguns versos sobre os seus *ponies*, e então eu tirei o meu caderno do bolso, e num instante escrevi o seguinte:

Jamais alguém viu uns *ponies* tão belos,

Janotas que são, que bom que é vê-los!

P'ra mim são janotas, e sem mais delongas,

Com pernas tão finas, com caudas tão longas.

AZEDO Aí está, minhas senhoras – e feito a estalo de chicote, e ainda por cima a cavalo!

JOSÉ FACHADA Um verdadeiro Apolo a cavalo – é verdade, *Sir Benjamim*.

SIR BENJAMIM Ora, senhores...ninharias, ninharias!

Entram Lady Arrelia e Maria

MADAME CANDURA Eu quero uma cópia.

⁴⁶ *Lady Betty Curricule*

LADY MALDIZENTE (*cumprimentando-a*) *Lady* Arrelia, espero que *Sir* Pedro apareça.

LADY ARRELIA Acho que não tardará.

LADY MALDIZENTE Maria, minha querida, estais com um ar sério. Vinde jogar cartas com o Sr. Fachada.

MARIA Gosto pouco de jogar cartas, mas farei o que vos der prazer.

LADY ARRELIA (*à parte*) Admira-me que o Sr. Fachada se sente a jogar com ela. Pensei que ele aproveitasse esta oportunidade para falar comigo, antes de *Sir* Pedro chegar.

MADAME CANDURA (*dirigindo-se a Amargo e Sir Benjamim Cortacasacas enquanto avança*) Por muito que me custe, tenho que renunciar à vossa companhia; são escândalos demais.

LADY ARRELIA O que se passa, Madame Candura?

MADAME CANDURA Dizem que a nossa amiga Menina Vermelhão⁴⁷ não pode ser considerada elegante.

LADY MALDIZENTE Oh! Ela é, sem dúvida, uma bonita mulher.

AZEDO Ainda bem que é dessa opinião, minha senhora.

MADAME CANDURA Ela tem um tom fresco e encantador.

LADY ARRELIA Sim, quando foi posto de fresco.

MADAME CANDURA Ora! Eu posso jurar que é natural – já o vi ir e vir.

LADY ARRELIA Acredito que sim, minha senhora – vai-se de noite, e volta de manhã.

MADAME CANDURA Ah, ah, ah! Como detesto ouvir-vos falar assim! Mas reparaí que a irmã dela é, ou era, muito elegante.

AZEDO Quem? A Madame Verdura?⁴⁸ Ora, ela tem pelo menos cinquenta e seis anos!

MADAME CANDURA Estais, sem dúvida, a ofendê-la. Ela tem cinquenta e dois ou cinquenta e três no máximo, e não acho que pareça ter mais.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Ah, mas não se pode julgar pelas aparências, sem lhe ver a cara.

LADY MALDIZENTE Bom, bom, se a Madame Verdura tem tanto trabalho para reparar os estragos do tempo, deveis reconhecer que o faz com

⁴⁷ *Miss Vermillion*

⁴⁸ *Mrs. Evergreen*

muito talento – e isso é bem melhor do que a forma descuidada como a viúva Ocre⁴⁹ tapa as rugas.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Ora, estais a ser severa para com a viúva.

Vamos lá ver, ela não se pinta tão mal assim – mas quando acaba de pintar a cara, junta-a de tal forma ao pescoço, que parece uma estátua remendada, e qualquer perito vê imediatamente que a cabeça é moderna, mas o tronco é antigo.

AZEDO Ah, ah, ah! Muito bem dito, sobrinho!

MADAME CANDURA Ah, ah, ah! Vós fazeis-me rir, mas juro que vos odeio por isso. O que pensais da Menina Singela?⁵⁰

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Bom, tem uns dentes muito bonitos.

LADY ARRELIA Sim, e por causa disso, quando não está a falar nem a rir (o que raramente acontece), nunca fecha a boca, deixa-a sempre entre-aberta.

MADAME CANDURA Como podeis ser tão maldosa?

LADY ARRELIA Ora, eu até admito que é bem melhor do que o esforço que a Madame Empertigada⁵¹ faz para esconder as falhas que tem à frente. Aperta de tal modo a boca, que faz lembrar a ranhura de uma caixa de esmolas, e as palavras saem-lhe de lado.

LADY MALDIZENTE Muito bem, *Lady Arrelia*, vejo que, por vezes, sois severa.

LADY ARRELIA Quando em defesa de uma amiga, não passa de justiça. Mas aí vem *Sir Pedro*, para nos estragar o divertimento.

Entra Sir Pedro Arrelia

SIR PEDRO Minhas senhoras, um vosso criado. (*à parte*) Oh meu Deus, está cá o grupo todo! Por cada palavra, uma reputação que morre, suponho eu.⁵²

MADAME CANDURA Ainda bem que viestes, *Sir Pedro*. Têm sido tão críticos. Não reconhecem qualidades a ninguém – nem sequer um bom

⁴⁹ *Widow Ochre*

⁵⁰ *Miss Simper*

⁵¹ *Mrs. Prim*

⁵² No original: “a character dead at every word”. *Sir Pedro* evoca aqui um verso de Alexander Pope em *The Rape of the Lock* (1714): “At ev’ry word a reputation dies”

carácter à nossa amiga Madame Obesa.⁵³

LADY ARRELIA O quê, aquela viúva gorda que estava ontem à noite em casa da Madame Fracasso?⁵⁴

MADAME CANDURA Sim, a gordura é a sua infelicidade, e já que faz tanto esforço para se ver livre dela, não devíeis censurá-la.

LADY MALDIZENTE Lá isso é verdade.

LADY ARRELIA Sim, eu sei que ela quase só se alimenta de ácidos e sôro de leite; precisa de roldanas para apertar o espartilho e, às vezes, nas tardes de Verão, podemos vê-la em cima de um pequeno *pony* todo agachado, tendo o cabelo apanhado como o dos músicos e soprando, à volta do Anel,⁵⁵ em grande trote.

MADAME CANDURA Agradeço-vos, *Lady Arrelia*, pela vossa defesa.

SIR PEDRO ARRELIA Sim, uma boa defesa, de facto.

MADAME CANDURA Mas o *Sir Benjamim* é tão crítico como a Menina Macilenta.⁵⁶

AZEDO Sim, e é curioso que ela pretenda criticar os outros! Uma tôla horrrosa, sem nada de bom que se lhe aponte.

MADAME CANDURA Tanta severidade não! A Menina Macilenta é minha parente pelo casamento e, quanto à sua pessoa, temos de lhe dar desconto, pois deixem-me dizer-vos que não é tarefa fácil, para uma mulher, tentar parecer uma rapariguinha, aos trinta e seis anos.

LADY MALDIZENTE Mas ela ainda é bastante elegante; e quanto à sua fraca visão, se tivermos em conta o muito que ela lê à luz do candeeiro, não é de admirar.

MADAME CANDURA É verdade. E quanto à sua maneira de estar, palavra que a considero particularmente graciosa, tendo em conta que não recebeu qualquer educação, pois como sabeis a mãe dela era uma costureira galesa, e o pai trabalhava em Bristol, na refinação do açúcar.

⁵³ *Mrs. Pury*

⁵⁴ *Mrs. Codille*

⁵⁵ No original: *the Ring*. Tratava-se da zona do Hyde Park mais na moda, por onde circulavam as carruagens em dois sentidos, de tal modo que os seus ocupantes podiam cumprimentar-se uns aos outros, enquanto passeavam.

⁵⁶ *Miss Sallow*

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Ah! Vós sois as duas demasiado benevolentes.

SIR PEDRO ARRELIA (*à parte*) Sim, que raio de benevolência! E trata-se de uma parente! Deus me valha!

SIR BENJAMIM CORTACASACAS E a Madame Candura tem um tal pendor para a moral, que consegue estar uma hora a ouvir a *Lady Estuque*⁵⁷ a falar de bons sentimentos.

LADY MALDIZENTE Eu acho que a *Lady Estuque* fica muito bem à sobremesa depois do jantar, pois ela é tal e qual os frutos franceses, que quebramos à procura de epigramas⁵⁸— é feita de tinta e provérbios.

MADAME CANDURA Bem, eu nunca contribuirei para ridicularizar um amigo, é o que eu digo sempre à minha prima Dengosa,⁵⁹ e sabeis as suas pretensões críticas em questões de beleza.

AZEDO Oh, claro! Ela própria tem o semblante mais estranho que já se viu. É uma colecção de traços vindos de todas as partes do globo.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Mas é que é mesmo! Uma fronte irlandesa!

AZEDO Caracóis escoceses!

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Nariz holandês!

AZEDO Lábios austríacos!

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Pele de espanhola!

AZEDO E dentes *à la chinoise*!⁶⁰

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Em suma, o rosto dela parece uma *table d'hôte*⁶¹ nas termas, em que não há dois hóspedes da mesma nação.

AZEDO Ou um congresso no encerramento de uma guerra, em que todos os membros, mesmo aos olhos dela, parecem ter interesses diferentes, e o nariz e o queixo são os únicos elementos com possibilidade de se unirem.

MADAME CANDURA Ah, ah, ah!

⁵⁷ *Lady Stucco*

⁵⁸ No original: *French fruit*. Uma goluseima que consistia em provérbios e epigramas embrulhados numa capa de açúcar, que tinha de ser quebrada de modo a descobrir-se qual o conteúdo.

⁵⁹ *Ogle*

⁶⁰ Em francês no original. Constava que os dentes dos chineses eram manchados de negro

⁶¹ Em francês no original. Tratava-se de uma mesa comum para os hóspedes de um hotel.

SIR PEDRO ARRELIA (à parte) Deus me valha! Uma pessoa com quem jantam duas vezes por semana!

MADAME CANDURA Mas garanto-vos que não vos deixo continuar a rir, pois deixem-me dizer-vos que a Madame Dengosa...

SIR PEDRO ARRELIA Minha senhora, peço desculpa! Não há maneira de travar as línguas destes cavalheiros. Mas se vos disser, Madame Candura, que a senhora que estão a ridicularizar é minha amiga, espero que não venhais em sua defesa.

LADY MALDIZENTE Bem dito, *Sir* Pedro! Mas sois cruel – demasiado fleumático para dizer uma graça, e demasiado arrogante para admitir que os outros são espirituosos.

SIR PEDRO ARRELIA Ah, minha senhora, a verdadeira agudeza de espírito está mais próxima do bom carácter do que pensais.

LADY ARRELIA É verdade, *Sir* Pedro, eu acho que são tão aparentados, que nunca se podem unir.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Ou então, senhora, são como marido e mulher, já que raramente os vemos juntos.

LADY ARRELIA Mas *Sir* Pedro detesta tanto a má-língua, que gostaria de a ver proibida pelo Parlamento.

SIR PEDRO ARRELIA Podeis crer, minha senhora, se eles considerassem o ataque à reputação tão importante como a caça furtiva, e elaborassem um Decreto para a Preservação da Fama, muita gente havia de agradecer.

LADY MALDIZENTE Ora, *Sir* Pedro, pretendeis retirar-nos os privilégios?

SIR PEDRO ARRELIA Sim, minha senhora, e então ninguém poderia difamar ou arruinar reputações, excepto as velhas solteironas e as viúvas desiludidas.

LADY MALDIZENTE Seu monstro!

MADAME CANDURA Mas certamente que não seríeis tão severo para quem se limita a contar o que ouviu.

SIR PEDRO ARRELIA Faria também uma lei para eles. E nos casos de maledicência, sempre que fosse impossível encontrar o autor da mentira, a parte injuriada teria o direito de pedir contas aos que lhe deram crédito.

AZEDO Bom, pela minha parte, acho que uma história escandalosa tem sempre algum fundamento.

LADY MALDIZENTE Vinde, minhas senhoras, não quereis ir jogar às cartas na sala ao lado?

Entra o Criado e fala em segredo com Sir Pedro

SIR PEDRO ARRELIA Eu vou já.

Sai o Criado.

(*à parte*) Vou sair, sem que dêem por isso.

LADY MALDIZENTE *Sir Pedro, não vos ides embora!?*

SIR PEDRO ARRELIA Vossa senhoria terá que me desculpar – um assunto particular obriga-me a sair. Mas deixo ficar aqui a minha reputação.

Sai Sir Pedro

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Na verdade, *Lady Arrelia*, esse cavalheiro é um ser muito estranho. Eu podia até contar-vos algumas histórias a respeito dele, que vos fariam rir à gargalhada, se não se tratasse do vosso marido.

LADY ARRELIA Ora, isso não tem importância. Vinde e contai-me.

Lady Maldizente e Sir Benjamim Cortacasacas juntam-se a Madame Candura e todos falam, enquanto se dirigem à sala contígua

JOSÉ FACHADA (*levantando-se com Maria*) Maria, apercebo-me de que não sentis prazer nesta companhia.

MARIA Como poderia sentir? Se ser-se espirituoso consiste em provocar sorrisos maliciosos, à custa das fraquezas e desgraças daqueles que nunca nos fizeram mal, que o céu me torne ainda mais desprovida de sentido de humor.

JOSÉ FACHADA Mas podeis crer que eles parecem piores do que são. Não existe malícia nos seus corações.

MARIA Então o seu comportamento é ainda mais condenável; porque, na minha opinião, nada poderia justificar os seus excessos verbais, a não ser um incontrolável azedume de espírito.

JOSÉ FACHADA (*ajoelhando-se*) Mas será possível que vos preocupeis assim com os outros, sendo tão pouco amável comigo? Será que a mais terna das paixões não merece uma esperança?

MARIA Porque me perturbais, insistindo nesse assunto?

JOSÉ FACHADA Ah, Maria! Não me trataríeis assim, opondo-vos aos desejos do vosso tutor, *Sir Pedro*, se esse perdulário do Carlos não fosse um rival preferido por vós.

MARIA Estais a ser pouco simpático! Mas sejam quais forem os meus sentimentos por esse infeliz jovem, podeis crer que me não sentirei mais

inclinada a deixá-lo, pelo facto de a sua desgraça o ter feito perder, inclusive, o afecto de um irmão.

Entra Lady Arrelia

JOSÉ FACHADA Mas, Maria, não me abandoneis assim, com esse olhar severo. Juro pelo que há de mais sagrado... (*à parte*) Oh, meu Deus, está ali a *Lady Arrelia*!

José Fachada levanta-se

(*para Maria*) Não deveis, não podeis – porque embora eu tenha o maior respeito pela *Lady Arrelia*...

MARIA *Lady Arrelia*!

JOSÉ FACHADA Se *Sir Pedro* suspeitasse...

LADY ARRELIA (*aproximando-se*) O que se passa? Estais a confundi-la comigo? Minha querida, estão a chamar por vós na sala ao lado.

Sai Maria

O que se passa, afinal?

JOSÉ FACHADA Oh, uma circunstância extremamente infeliz! A Maria suspeitou, por alguma razão, dos ternos sentimentos que nutro por vós, e ameaçou informar *Sir Pedro* das suas suspeitas, e eu estava justamente a tentar demovê-la desse propósito, quando chegastes.

LADY ARRELIA Sim? Mas pareceu-me que os vossos métodos eram demasiado ternos – costumais argumentar de joelhos?

JOSÉ FACHADA Ora, ela é uma criança – e pensei que um estilo bombástico... mas, *Lady Arrelia*, quando é que ireis dar a vossa opinião sobre a minha biblioteca, como haveis prometido?

LADY ARRELIA Não, não. Começo a pensar que seria uma imprudência; e, como sabeis, só admito que sejais meu admirador dentro dos limites exigidos pela moda.

JOSÉ FACHADA Claro, um admirador platónico,⁶² aquilo a que qualquer esposa londrina tem direito.

LADY ARRELIA É claro que ninguém deve ignorar a moda, mas conservo ainda tantos preconceitos do meu meio rural, que embora o mau humor

⁶² No original: *platonie cicisbeo*. O acompanhante socialmente aceite de uma mulher casada, mas não seu amante.

do *Sir* Pedro possa humilhar-me, nunca me levará...

JOSÉ FACHADA À única vingança que vos é possível – bem, eu aplaudo a vossa moderação.

LADY ARRELIA Ide-vos embora, sois um patife insinuador! Para que não dêem pela nossa falta, juntemo-nos aos outros.

JOSÉ FACHADA É melhor não voltarmos juntos.

LADY ARRELIA Bem, não vale a pena ficardes por aqui, pois garanto-vos que a Maria não voltará para continuar a ouvir os vossos argumentos.

Sai Lady Arrelia

JOSÉ FACHADA A que curioso dilema me conduziram os meus esquemas. No início, apenas quis ser simpático com a *Lady* Arrelia, para que ela não se opusesse aos meus intentos acerca da Maria – e sem eu saber como, transformei-me no seu admirador. Sinceramente, começo a arrepender-me da excelente reputação que adquiri, porque isso tem-me levado a tantas patifarias, que receio vir a ser descoberto.

Sai

2.3

Em casa de Sir Pedro

Entram Sir Olívio Fachada e Rolão

SIR OLÍVIO FACHADA Ah, ah, ah! Então o meu velho amigo casou-se, hem? Com uma jovem do campo! Ah, ah, ah! Tanto tempo um solteirão empedernido, e afinal deixou-se apanhar!

ROLÃO Mas não deveis brincar com ele acerca disso, *Sir* Olívio – é um assunto delicado, casou-se há apenas sete meses.

SIR OLÍVIO FACHADA Então, há já meio ano que se arrependeu. Pobre Pedro! Mas dizeis que ele cortou relações com o Carlos – será que nunca o vê?

ROLÃO Tem um enorme preconceito contra ele – e que, penso eu, aumentou com os ciúmes em relação a *Lady* Arrelia, que foram fomentados por uma sociedade maledicente, que em muito contribuiu para a má reputação do Carlos. E a verdade é que, segundo creio, se a senhora se inclina para algum deles, o favorito é o irmão.

SIR OLÍVIO FACHADA Sim, eu sei que há um grupo de pessoas de ambos os sexos que se dedicam à má-língua, são maliciosos, tagarelas e ardilosos, destroem reputações para passarem o tempo, e roubam o bom nome de um jovem antes de ele ter experiência suficiente para se aperceber. Mas prometo-vos que não me vou deixar influenciar contra o meu sobrinho. Não, não! Se o Carlos não tiver feito nenhuma desonestidade ou velhacaria, perdoar-lhe-ei as extravagâncias.

ROLÃO Então garanto-vos que o ireis regenerar. Ah, senhor, sinto uma alma nova, só de saber que o vosso coração não se virou contra ele, e que o filho do meu velho amo ainda tem um amigo.

SIR OLÍVIO FACHADA O quê? Poderei esquecer-me, Mestre Rolão, de quando eu tinha essa idade? – Ora, o meu irmão e eu não éramos propriamente uns jovens muito prudentes – e, no entanto, acredito que não haveis visto muitos homens melhores do que o vosso amo.

ROLÃO Senhor, é isso mesmo que me leva a pensar que o Carlos ainda pode vir a ser uma honra para a família. Mas aí vem *Sir* Pedro.

SIR OLÍVIO FACHADA É verdade, lá vem ele. Deus me valha! Está muito alterado, e tem já um ar de homem casado. Pode-se ler a palavra “marido” estampada no rosto, mesmo a esta distância.

Entra Sir Pedro Arrelia

SIR PEDRO ARRELIA Ah! *Sir* Olívio, meu velho amigo! Muito bem-vindo a Inglaterra!

SIR OLÍVIO FACHADA Muito obrigado, muito obrigado, *Sir* Pedro! E podeis crer que fico igualmente feliz por vos ver bem.

SIR PEDRO ARRELIA Ah! Há quanto tempo não nos víamos – dezasseis anos, penso eu, *Sir* Olívio, e quantas adversidades não aconteceram!

SIR OLÍVIO FACHADA Sim, lá isso é verdade. Mas então, já sei que casastes, meu velho! Bem, bem, não há nada a fazer, por isso dou-vos os meus parabéns, do fundo do coração.

SIR PEDRO ARRELIA Muito obrigado, *Sir* Olívio. Sim, entrei nessa feliz condição, mas não falemos disso agora.

SIR OLÍVIO FACHADA Claro, *Sir* Pedro, quando velhos amigos se reencontram, não devem começar logo pelas tristezas. Não, não, não.

ROLÃO (*para Sir Olívio*) Cuidado, senhor.

SIR OLÍVIO Bem, mas então parece que um dos meus sobrinhos é um libertino, hem?

SIR PEDRO ARRELIA Libertino?! Ah, meu velho amigo, lamento desapontar-vos, esse jovem está completamente perdido. Mas, em compensação, o José é um modelo para a juventude, todos falam bem dele.

SIR PEDRO ARRELIA Lamento ouvir dizer isso – tem uma reputação demasiado perfeita, para que possa ser honesto. Todos falam bem dele?! Ora! Quer dizer, então, que tentou agradar tanto aos tolos e velhacos, como àqueles que possuem gênio ou virtude.

SIR PEDRO ARRELIA O quê, *Sir* Olívio, estais a censurá-lo por não ter inimigos?

SIR OLÍVIO FACHADA Sim, se ele tiver suficiente mérito para os merecer.

SIR PEDRO Bem, ficareis convencido quando o virdes. É edificante ouvi-lo falar, ele perfilha os mais nobres sentimentos.

SIR OLÍVIO FACHADA Quero lá saber dos seus nobres sentimentos! Se ele me cumprimentar com um naco de moralidade na boca, fico logo doente. Mas não me interpreteis mal, *Sir* Pedro, não pretendo defender os erros do Carlos. Porém, antes de formar a minha opinião sobre cada um deles, tenciono pôr os seus corações à prova – e já combinei com o meu amigo Rolão como é que há-de ser.

ROLÃO *Sir* Pedro terá que admitir que, ao menos uma vez na vida, se enganou.

SIR PEDRO ARRELIA A minha vida pela honra do José!

SIR OLÍVIO FACHADA Bom, bebamos uma garrafa de bom vinho, brindemos à saúde dos jovens, e dir-vos-ei qual é o nosso plano.

SIR PEDRO ARRELIA Então, *allons!*⁶³

SIR OLÍVIO FACHADA E, *Sir* Pedro, sede menos severo para com o filho do nosso velho amigo. Ora essa! Eu não me importo que ele se tenha desencaminhado um pouco – por mim, detesto ver a prudência agarrada à juventude – é como a hera em torno de uma árvore ainda tenra: estraga-lhe o crescimento.

Saem.

⁶³ Em francês no original.

3.1.

Em casa de Sir Pedro Arrelia.

Sir Pedro Arrelia, Sir Olívio Fachada e Rolão

SIR PEDRO ARRELIA Bom, está bem, veremos primeiro esse indivíduo, e beberemos depois o nosso vinho. Mas o que se passa, Mestre Rolão? Não percebo o intuito do vosso plano.

ROLÃO É que este Sr. Estanislau ⁶⁴ de quem eu estava a falar, é quase parente deles pelo lado da mãe. Já foi comerciante em Dublin, mas uma série de infortúnios não merecidos levaram-no à ruína. Depois de ser preso, escreveu ao Sr. Fachada e ao Carlos. Do primeiro, só recebeu vagas promessas de um futuro auxílio, enquanto que o Carlos tem feito tudo o que lhe é possível, com o pouco que as suas extravagâncias lhe deixaram, e sei que está inclusivamente a tentar obter uma certa quantia para, no meio das suas desgraças, ajudar o pobre Estanislau.

SIR OLÍVIO FACHADA Ah, ele é filho do meu irmão!

SIR PEDRO ARRELIA Bem, mas como é que *Sir* Olívio irá pessoalmente...

ROLÃO É que eu informarei o Carlos e o irmão de que o Estanislau obteve autorização para se lhes dirigir pessoalmente, e como nenhum deles o conhece, *Sir* Olívio assumirá esse papel, tendo assim uma boa oportunidade para pôr à prova a generosidade de cada um deles. E acreditai-me, senhor, vereis no mais novo alguém que, no meio dos excessos e da dissipação, ainda tem, como disse o nosso imortal poeta, ‘uma lágrima compassiva, e uma mão aberta à caridade’⁶⁵

SIR PEDRO ARRELIA Ora! O que é que interessa que ele tenha a mão ou a bolsa aberta, se não lhe resta nada para dar? Bem, bem, mas fizeti o vosso julgamento. Onde está a pessoa que trouxestes para que *Sir* Olívio possa examinar os negócios do Carlos?

ROLÃO Lá em baixo, à espera das vossas ordens, e é a pessoa mais indicada.

⁶⁴ *Mr. Stanley*

⁶⁵ A citação é de uma réplica de Henry IV na peça de William Shakespeare *Henry IV* (4.3.31-2)

Trata-se de um judeu amistoso que, diga-se em abono da verdade, tudo fez para que o vosso sobrinho ganhasse consciência da sua extravagância.

SIR PEDRO ARRELIA Por favor, digei-lhe que entre.

ROLÃO (*para o Criado lá fora*) Dizei ao Sr. Moisés que faça o favor de subir.

SIR PEDRO ARRELIA Mas o que vos leva a pensar que ele dirá a verdade?

ROLÃO Ora, eu convenci-o de que a única hipótese de recuperar o dinheiro que emprestou ao Carlos é através da generosidade de *Sir* Olívio, que chegou entetanto, como ele sabe. Por isso, podeis confiar em que ele tudo faça no seu próprio interesse. Tenho ainda uma outra prova em meu poder, alguém chamado Cobra, que eu descobri estar envolvido numa espécie de falsificação, e que vos apresentarei em breve, para remover alguns dos vossos preconceitos, *Sir* Pedro, relativos ao Carlos e à *Lady* Arrelia.

SIR PEDRO ARRELIA Já ouvi demasiado sobre esse assunto.

ROLÃO Aí vem o honesto israelita.

Entra Moisés

(*apresentando Moisés*) Este é *Sir* Olívio.

SIR OLÍVIO FACHADA Cavalheiro, eu soube que ultimamente tivestes alguns negócios com o meu sobrinho Carlos.

MOISÉS Sim, *Sir* Olívio, fiz tudo o que pude por ele, mas já estava arruinado quando me pediu auxílio.

SIR OLÍVIO FACHADA Foi azar, de facto, porque não tivestes oportunidade de mostrar os vossos talentos.

MOISÉS Pois não, não tive o prazer de saber da sua desgraça, senão quando já não tinha nada de seu.

SIR OLÍVIO FACHADA Que infelicidade! Mas suponho que fizestes tudo o que estava ao vosso alcance, meu honesto Moisés.

MOISÉS Sim, ele sabe disso. Até fiquei de lhe apresentar, esta tarde, um cavalheiro da cidade que não o conhece e que, segundo creio, lhe irá emprestar algum dinheiro.

SIR PEDRO ARRELIA O quê, alguém que nunca lhe emprestou dinheiro?

MOISÉS Sim, o Sr. Prémio, que vive perto da Judiaria, e que em tempos foi corretor.

SIR PEDRO ARRELIA Espere lá, *Sir* Olívio, tendes uma oportunidade mais adequada para saber o que quereis, do que através da velha história de um parente pobre. Ide com o meu amigo Moisés, e fazei o papel do Sr. Prémio,

e então garanto-vos que vereis o vosso sobrinho em toda a sua glória.

SIR OLÍVIO FACHADA Pois é, prefiro esta ideia, e posso visitar o José mais tarde, apresentando-me como Estanislau.

SIR PEDRO ARRELIA É verdade, pois podeis.

ROLÃO Bom, isto é apanhar o Carlos em desvantagem. Todavia, Moisés, compreendeis *Sir* Pedro, e sereis de confiança.

MOISÉS Podeis acreditar em mim. Está quase na hora que combinei com ele.

SIR OLÍVIO Acompanhar-vos-ei quando quiserdes, Moisés. Mas esperai! Esqueci-me de uma coisa – como é que eu posso passar por judeu?

MOISÉS Não é preciso. A pessoa de quem eu estou ao serviço é um cristão.

SIR OLÍVIO FACHADA Sim? Lamento sabê-lo. Mas não estarei demasiado bem vestido para parecer um usurário?

SIR PEDRO ARRELIA De maneira nenhuma. Mesmo que fosseis na vossa própria carruagem, não haveria problema, pois não, Moisés?

MOISÉS Não senhor.

SIR OLÍVIO FACHADA Bem, mas...como é que eu devo falar? Concerteza que há uma gíria própria dos usurários, e um método para negociar, que eu deveria conhecer.

SIR PEDRO ARRELIA Oh, não há muito a aprender. Quanto a mim, o mais importante é ser muito exigente, não é, Moisés?

MOISÉS Sim, isso é muito importante.

SIR OLÍVIO FACHADA Então farei bem o meu papel. Pedir-lhe –ei, pelo menos, oito ou dez por cento de juros sobre o empréstimo.

MOISÉS Se pedirdes só isso, descobrem-vos logo.

SIR OLÍVIO FACHADA Ora essa, mas então quanto?

MOISÉS Depende das circunstâncias. Se ele não parecer muito necessitado do empréstimo, deveis pedir apenas quarenta ou cinquenta por cento, mas se ele estiver muito aflito e precisar muito do dinheiro...podeis pedir o dobro.

SIR PEDRO ARRELIA Estais a aprender uma boa e honesta profissão, *Sir* Olívio.

SIR OLÍVIO FACHADA Realmente, acho que sim – e não deixa de dar bons lucros.

MOISÉS Além disso, o dinheiro não é vosso, tendes que o pedir emprestado a um amigo.

SIR OLÍVIO FACHADA Peço-o emprestado, é?

MOISÉS Sim, e o vosso amigo é um patife sem escrúpulos, mas não podeis fazer nada.

SIR OLÍVIO FACHADA E o meu amigo é um patife sem escrúpulos, não é?

MOISÉS Sim, e ele nem tem o dinheiro, é obrigado a vender mercadoria, e com grande prejuízo.

SIR OLÍVIO FACHADA É obrigado a vender mercadoria, e com grande prejuízo, não é? Bem, é muito amável da parte dele.

SIR PEDRO ARRELIA Pois é, *Sir* Olívio – quero dizer, Sr. Prémio – em breve dominareis o negócio. Mas, Moisés, ele não deveria revoltar-se um pouco contra aquela lei sobre as anuidades?⁶⁶ Penso que seria adequado.

MOISÉS Sem dúvida!

ROLÃO E lamentar que um jovem tenha que se conter, até poder arruinar-se à vontade.

MOISÉS Sim, é uma pena!

SIR PEDRO ARRELIA E criticar o público por defender uma lei, cujo único propósito consiste em retirar o infortúnio e a imprudência do alívio sem escrúpulos da usura! E dar aos menores a possibilidade de herdarem o seu património, sem se arruinarem por dele tomarem posse.

SIR OLÍVIO FACHADA Sim, sim – O Moisés dar-me-á mais indicações, enquanto seguimos caminho.

SIR PEDRO ARRELIA Não tereis muito tempo, pois o vosso sobrinho vive aqui perto.

SIR OLÍVIO FACHADA Oh, não temeis! O meu mestre parece-me tão hábil, que mesmo que o Carlos vivesse na rua já a seguir, a culpa seria minha, se porventura eu não estivesse transformado num autêntico patife, antes de virar a esquina.

Saem Sir Olívio Fachada e Moisés

SIR PEDRO ARRELIA Bom, agora penso que *Sir* Olívio ficará convencido.

Rolão, vós sois parciais, e teríeis preparado o Carlos para o outro plano.

ROLÃO Não, dou-vos a minha palavra, *Sir* Pedro.

⁶⁶ A referência é ao *Annuity Bill*, que protegia os menores, evitando que pagassem mais do que 10 xelins por cada 100 libras anuais pedidas de empréstimo.

SIR PEDRO ARRELIA Bem, trouxe-me o tal Cobra, e logo ouvirei o que ele tem para dizer. Estou a ver a Maria, e quero falar com ela. (*sai Rolão*) Eu ficaria satisfeito se me convencessem de que as minhas suspeitas acerca de *Lady* Arrelia e do Carlos são injustas. Ainda não falei sobre este assunto com o meu amigo José, mas estou decidido a fazê-lo. Ele dar-me-á a sua opinião sincera.

Entra Maria

Então, minha filha, o Sr. Fachada voltou convosco?

MARIA Não, senhor – ele estava ocupado.

SIR PEDRO ARRELIA Bem, Maria, à medida que ides conhecendo aquele simpático jovem, não pensais no que ele merece, em troca do seu interesse por vós?

MARIA Ora, *Sir* Pedro, a vossa insistência neste assunto perturba-me muito – e obriga-me a declarar que não conheço nenhum homem que alguma vez me tenha dedicado uma particular atenção, que eu não preferisse, em detrimento do Sr. Fachada.

SIR PEDRO ARRELIA Bem, isto é que é perversidade! Não, não, Maria, a vossa preferência iria só para o Carlos – é evidente que os seus vícios e loucuras ganharam o vosso coração.

MARIA Estais a ser injusto, senhor – sabeis que vos obedeci, deixando de o ver e de me corresponder com ele. Já ouvi o suficiente para me convencer de que ele não me merece – porém, penso não ter culpa pelo facto de, ao mesmo tempo que a minha razão condena severamente os seus vícios, o meu coração sentir alguma piedade pela sua desgraça.

SIR PEDRO ARRELIA Bem, bem, tende toda a piedade que quiserdes, mas entregai o vosso coração e a vossa mão a alguém mais merecedor.

MARIA Mas ao irmão dele não!

SIR PEDRO ARRELIA Ide-vos embora, sua perversa e obstinada! Mas tende cuidado, ainda não haveis tomado conhecimento do que significa a autoridade de um tutor – e não me obrigueis a informar-vos acerca desse assunto.

MARIA Apenas vos posso dizer que não tereis razões *justas*. É verdade que, de acordo com a vontade do meu pai, me vejo obrigada a olhar-vos como o seu substituto, mas deixarei de o fazer se me obrigardes a ser infeliz.

Sai Maria

SIR PEDRO ARRELIA Nunca houve ninguém tão contrariado como eu! Tudo parece conspirar contra mim! Casara-me há menos de quinze dias quando o seu pai, um homem são e robusto, faleceu – de propósito, creio eu, pelo prazer de me amaldiçoar, encarregando-me de tomar conta da sua filha. Mas ali vem a minha companheira! E parece estar muito bem-disposta. Que feliz que eu era, se conseguisse fazer com que me amasse, nem que fosse só um pouco.

Entra Lady Arrelia

LADY ARRELIA Ora, *Sir Pedro*, espero que não tenhais discutido com a Maria – estar mal-disposto quando eu não estou por perto, é um autêntico desperdício!

SIR PEDRO ARRELIA Ah, *Lady Arrelia*, vós teríeis o condão de me pôr sempre bem-disposto.

LADY ARRELIA Eu bem gostaria – pois quero que estejais com um excelente estado de espírito neste preciso momento. Mostrai-me a vossa boa-disposição, e dai-me duzentas libras, está bem?

SIR PEDRO ARRELIA Duzentas libras?! Então será que não posso ficar bem-disposto sem ter que pagar por isso? Mas falai comigo desse modo, e na verdade não haverá nada que eu vos possa recusar. Ireis recebê-las – mas tendes de selar o acordo.⁶⁷

LADY TEAZLE Oh não (*oferecendo a mão para que ele a beije*) – tomai – a minha mão serve muito bem.

SIR PEDRO ARRELIA (*beijando-lhe a mão*) E vós nunca mais me reprovareis pelo facto de eu não vos conceder um pecúlio próprio – em breve vos farei uma surpresa – mas viveremos sempre assim, não é verdade?

LADY ARRELIA Se quiserdes. Eu não me importo de deixar de discutir convosco, desde que confesseis que a desistência foi vossa.

SIR PEDRO ARRELIA Bem, então veremos, daqui em diante, quem é que é mais obsequiador.

LADY TEAZLE Garanto-vos, *Sir Pedro*, que o bom feitio vos fica bem. Pareceis-me, agora, tal e qual como éreis antes de casarmos! – quando costumáveis passear comigo sob os ulmeiros, contando-me histórias

⁶⁷ *Sir Pedro* pretende selar o acordo com um beijo, mas *Lady Arrelia* apenas lhe estende a mão.

acerca das vossas aventuras de jovem, fazendo-me festas no queixo – é verdade – e perguntando-me se eu achava que poderia amar um velho que não me negaria nada – não foi assim?

SIR PEDRO ARRELIA Sim, sim, e vós éreis assim simpática e atenciosa.

LADY ARRELIA Pois era, e tomava sempre o vosso partido quando os meus conhecidos se entretinham a criticar-vos, pondo-vos a ridículo.

SIR PEDRO ARRELIA Ah sim?!

LADY TEAZLE Sim, e quando a minha prima Sofia vos apelidou de solteirão impertinente, e se riu de mim, por pensar em me casar com alguém que podia ser meu pai, sempre vos defendi – e disse que não vos achava assim tão feio, e que acreditava que seríeis um bom marido.

SIR PEDRO ARRELIA E tínheis razão – e daqui para a frente seremos o casal mais feliz –

LADY TEAZLE E nunca mais discutiremos!

SIR PEDRO ARRELIA Não, nunca mais! Se bem que, minha querida *Lady Arrelia*, tereis que controlar de perto o vosso temperamento, pois em todas as nossas pequenas brigas – minha querida – se vos lembrais, meu amor, éreis sempre vós quem começava.

LADY TEAZLE Peço perdão, meu querido *Sir Pedro*, mas a provocação era sempre vossa.

SIR PEDRO ARRELIA Bem, olhai, meu anjo! Tende cuidado, pois não é entrando em contradição que poderemos manter uma relação amistosa.

LADY TEAZLE Bom, então não comeceis, meu amor!

SIR PEDRO ARRELIA Mas então – vós – vós continuais – não compreendeis, minha vida, que estais a fazer justamente aquilo que sabeis que me enraivece?

LADY ARRELIA Pois vós sabeis que, se vos enraivecerais sem razão –

SIR PEDRO ARRELIA Aí está – estais a querer brigar de novo.

LADY ARRELIA Não, eu realmente não quero, mas se fordes impertinente –

SIR PEDRO ARRELIA Aí está – então quem é que começa?

LADY ARRELIA Sois vós, sem dúvida, eu não disse nada – mas o vosso feito é insuportável.

SIR PEDRO ARRELIA Não, não, a culpa é do vosso feito.

LADY ARRELIA Pois, vós sois exactamente como a minha prima Sofia disse que seríeis.

SIR PEDRO ARRELIA A vossa prima Sofia é uma cigana atrevida e imper-
tinente.

LADY TEAZLE E vós sois um grande urso, sem dúvida, por estardes assim
a insultar os meus parentes.

SIR PEDRO ARRELIA Bem, que todas as pragas do casamento recaiam em
dobro sobre mim, se eu voltar a tentar uma relação amistosa convosco!

LADY ARRELIA Ainda bem!

SIR PEDRO ARRELIA Não, não, minha senhora, é evidente que nunca vos
importastes comigo, e eu fui um louco por me casar convosco – uma
impertigada *coquette* do campo, que recusara metade dos honestos
proprietários da região.

LADY ARRELIA E eu tenho a certeza de que fui uma louca por me casar
convosco – um solteirão embeijado por donzelas, ainda solteiro aos
cinquenta anos, por nunca ter encontrado ninguém que o quisesse.

SIR PEDRO ARRELIA Pois, pois, minha senhora, mas agradou-vos ouvir-
me – nunca tínheis tido semelhante oferta.

LADY ARRELIA Não?! Então não recusei *Sir Galope Terrier*,⁶⁸ de quem
todos diziam ser um melhor partido – pois a sua fortuna é idêntica à
vossa – e ele até partiu o pescoço depois de nos casarmos?!

SIR PEDRO ARRELIA Não quero mais nada convosco, minha senhora – sois
uma ingrata sem sentimentos – mas acabemos com isto. Acredito que
sois capaz de tudo quanto há de mau – sim, minha senhora, agora
acredito que os rumores acerca de vós e do Carlos – minha senhora –
sim, minha senhora, vós e o Carlos – não são sem fundamento –

LADY ARRELIA Muito cuidado, *Sir Pedro*, é melhor não insinuardes tal
coisa! Não tolero que suspeitem de mim *sem razões*.

SIR PEDRO ARRELIA Muito bem, minha senhora, muito bem – uma sepa-
ração, logo que desejardes. Sim, minha senhora, ou um divórcio – serei
um exemplo que beneficiará todos os velhos solteirões. Separemo-nos,
minha senhora.

LADY ARRELIA Concordo – concordo – e agora, meu querido *Sir Pedro*,
que estamos de novo de acordo, podemos ser o *casal mais feliz*, e *nunca*

⁶⁸ *Sir Tivy Terrier*

mais entrar em desacordo, sabeis? Ah, ah! Bem, vejo que ireis entrar em fúria, e eu só servirei para vos interromper – por isso, adeus, adeus!

SIR PEDRO ARRELIA Pragas e torturas! Nem sequer consigo zangá-la? Oh, eu sou o ser mais miserável! Mas não suportarei que ela tente manter a sua pose – não, ela pode quebrar-me o coração, mas não há-de manter a sua pose.

Sai.

3.2

Em casa de Carlos Fachada

Entram Tropeção, Moisés e Sir Olívio Fachada

TROPEÇÃO Por aqui, Mestre Moisés. Se esperardes um momento, verei se o Sr. – como se chama o cavalheiro?

SIR OLÍVIO FACHADA Sr. – (*à parte*) Moisés, como é que eu me chamo?

MOISÉS Sr. Prémio.

TROPEÇÃO Prémio. Muito bem.

Sai Tropeção, tomando rapé.

SIR OLÍVIO FACHADA A avaliar pelos criados, não se chegaria à conclusão de que o patrão está arruinado. Mas, afinal, esta era, sem dúvida, a casa do meu irmão?

MOISÉS Sim, senhor. O Sr. Carlos comprou-a ao Sr. José,⁶⁹ juntamente com a mobília, os quadros, etc., tal como o velho senhor a deixou. *Sir Pedro* considerou tratar-se de um acto de grande extravagância!

SIR OLÍVIO FACHADA Em meu entender, o facto de o outro lha vender é mais repreensível.

Entra Tropeção

TROPEÇÃO O meu patrão disse que esperassem, cavalheiros. Ele está acompanhado, e por agora não pode falar convosco.

SIR OLÍVIO FACHADA Se ele soubesse quem é que quer falar com ele, talvez

⁶⁸ Na qualidade de primogénito, José herdou a casa do pai.

não tivesse mandado essa mensagem.

TROPEÇÃO Sim, sim, senhor; ele sabe que estais aqui. Não me esqueci do pequeno Prémio. Não, não, não.

SIR OLÍVIO FACHADA Muito bem. E, já agora, senhor, como vos chamais?

TROPEÇÃO Tropeção, senhor; o meu nome é Tropeção, ao vosso dispor.

SIR OLÍVIO FACHADA Pois bem, Sr. Tropeção, tendes aqui um bom lugar, segundo me parece.

TROPEÇÃO É verdade, somos três ou quatro, e passamos muito bem o nosso tempo. Todavia, o pagamento por vezes atrasa-se, e não é propriamente muito alto – só cinquenta libras por ano, e temos que comprar as nossas próprias perucas.

SIR OLÍVIO FACHADA (*à parte*) Perucas?! Umas bastonadas!

TROPEÇÃO Mas a propósito, Moisés, conseguistes avançar com aquela nota promissória?

SIR OLÍVIO FACHADA (*à parte*) Também quer levantar dinheiro! Deus tenha mercê! E aposto que também tem os seus bens hipotecados, como um aristocrata, para além de ter credores!

MOISÉS Na verdade não foi possível, Sr. Tropeção.

Moisés entrega a nota a Tropeção

TROPEÇÃO Surpreendeis-me. O meu amigo Escova⁷⁰ endossou-a, e eu pensava que quando ele punha a sua marca no verso de uma nota, era como se fosse dinheiro à vista.

MOISÉS Não, não foi aceite.

TROPEÇÃO Uma pequena soma, apenas vinte libras. Ora, Moisés, não pensais que seria possível consegui-lo através de uma anuidade?

SIR OLÍVIO FACHADA (*à parte*) Uma anuidade?! Ah, ah, ah! Um criado a levantar dinheiro no sistema de anuidades! Muito bem, que luxo!

MOISÉS Mas tendes de dar o vosso lugar como garantia.

TROPEÇÃO Oh, com todo o meu coração. O meu lugar e a minha vida, se for preciso.

SIR OLÍVIO FACHADA (*à parte*) Eu daria menos pelo vosso pescoço.

TROPEÇÃO Mas então, Moisés, isso tem que ser feito antes do malfadado

⁷⁰ *Brush*

registro⁷¹ ter lugar. Ninguém gosta de ver o seu nome tornado público.
MOISÉS Não, é claro. Mas não podeis depositar nada?
TROPEÇÃO Ora, o meu patrão ultimamente não tem deitado fora nada de valor. Mas podia penhorar algumas das suas roupas de Inverno, tendo que as recuperar antes de Novembro, ou então o veludo francês que será meu por herança, ou por conta do azul e prateado, após a sua morte. Isto, penso eu, Moisés, juntamente com alguns pares de punhos de renda, como margem de segurança – que tal, meu caro amigo?
MOISÉS Bem, bem.

Toca um sino

TROPEÇÃO Esperai, ouvi o sino. Penso, meus senhores, que posso agora apresentar-vos – Não vos esqueçais da anuidade, pequeno Moisés – Por aqui, cavallhareiros – Como garantia, o meu lugar! Sabeis –
SIR OLÍVIO FACHADA (*à parte*) Se o homem é uma sombra do seu patrão, isto é um verdadeiro templo de dissipação!

Saem

3.3

Numa outra divisão em casa de Carlos Fachada

Carlos Fachada, Descuidado, Sir Tobias Brinde e dois Cavalheiros, a uma mesa com vinho, etc.

CARLOS FACHADA Meu Deus, é verdade! Estamos numa época degenerada. Muitos dos nossos conhecidos têm bom gosto, agudeza de espírito e uma boa educação; mas, que raio, não bebem.
DESCUIDADO É mesmo verdade, Carlos. Entregam-se a todos os luxos substanciais da mesa, e não se abstêm de nada, a não ser do vinho e do sentido de humor.
CARLOS FACHADA Oh, e a sociedade ressentem-se disso de uma forma intolerável, pois agora, em vez do espírito de chacota que costumava formar-se sobre um copo de bom vinho de Borgonha, a sua conversa

⁷¹ O registro em causa era imposto pelo *Annuity Bill*

tornou-se igual à água das termas que bebem, com todo o gás e pomposidade do champanhe, mas sem o seu espírito ou sabor.

PRIMEIRO CAVALHEIRO Mas o que é que podem fazer os que preferem jogar, a beber?

DESCUIDADO É verdade. O Henrique faz dieta para poder jogar, e está agora em regime, para o jogo do azar.

CARLOS FACHADA Então sairá prejudicado. Ora, não se treina um cavalo para uma corrida, afastando-o dos cereais. No que me diz respeito, por Deus, nunca me saio tão bem como quando estou um pouco alegre. Se eu jogar aos dados tendo bebido uma garrafa de champanhe, nunca perco. Ou, pelo menos, nunca sinto que perdi, o que significa o mesmo.

SEGUNDO CAVALHEIRO Sim, lá nisto acredito.

CARLOS FACHADA E, além disso, qual é o homem que pode fingir que acredita no amor, se se abstém do vinho? É esse o teste que permite que o amante conheça o seu próprio coração. Enchei doze copos, brindando a doze donzelas, e aquela que persistir na memória, é a que vos enfeitiçou.

DESCUIDADO Então, Carlos, sede honesto e dizei-nos qual é, de facto, a vossa favorita.

CARLOS FACHADA Ora, eu só tenho omitido o nome dela por compaixão por vós. Se eu brindar em seu nome, cada um de vós terá de brindar a alguém que se lhe iguale, o que é impossível!

DESCUIDADO Oh, nesse caso encontraremos algumas santas canonizadas, ou deusas pagãs, que servirão para o efeito, isso eu garanto.

CARLOS FACHADA Pois bem. Copos, seus safados, copos! Maria, Maria.

Todos bebem

PRIMEIRO CAVALHEIRO Maria quê?

CARLOS FACHADA Ora, o apelido não interessa! É demasiado formal para constar no calendário do amor. Mas agora, *Sir Tobias* Brinde, cuidado; exigimos beleza no superlativo.

DESCUIDADO Não, *Sir Tobias*. Acompanharemos o brinde, mesmo que a vossa dama tenha falta de um olho; e sabeis que tendes uma canção que vos desobrigará.

SIR TOBIAS Por Deus, de facto tenho, e vou dar-lhe a canção em vez da dama.

Canta

CANÇÃO E CORO

*Um brinde à tímida donzela de quinze anos,
Um brinde à viúva de cinquenta,
Um brinde à rainha vaidosa e extravagante,
E um brinde à dona-de-casa modesta.
Coro Brindemos todos,
Brindemos à donzela,
Pois ela justifica um bom copo!*

*Um brinde à charmosa de covinha no queixo
E também à donzela que a não tem.
Um brinde à rapariga com um par de olhos azuis,
E também à ninfa que só tem um olho!
Coro Brindemos todos, etc.*

*Um brinde à donzela com colo de neve,
E também à que é escura como bagas.
Um brinde à esposa de rosto tristonho
E também à virgem que está sempre alegre.
Coro Brindemos todos, etc*

*Pois que sejam desengonçadas ou elegantes,
Jovens ou velhas, quero lá saber.
Enchei-me um bom copo até transbordar,
E brindemos a todas!
Coro Brindemos todos, etc.*

TODOS Bravo, bravo!

Entra Tropeção, que fala ao ouvido de Carlos Fachada

CARLOS FACHADA Cavalheiros, desculpai-me por um instante. – Descuidado, sentai-vos, está bem?

DESCUIDADO Então, Carlos, o que se passa? Uma das vossas belezas sem par, calculo eu, apareceu por acaso.

CARLOS FACHADA Não, por Deus, para vos dizer a verdade, trata-se de um judeu e de um corretor, que me solicitaram um encontro.

DESCUIDADO Oh diabo, o judeu que entre.

PRIMEIRO CAVALHEIRO Sim, e o corretor também.

SEGUNDO CAVALHEIRO Sim, sim, o judeu e o corretor.

CARLOS FACHADA Por Deus, de todo o meu coração. – Tropeção, pedi aos cavalheiros que entrem, ainda que um deles me seja estranho, posso garantir-vos.

Sai Tropeção

DESCUIDADO Carlos, ofereçamos-lhes um bom vinho da Borgonha, e talvez eles fiquem conscientes.

CARLOS FACHADA Oh, não senhor! O vinho apenas traz à tona as naturais qualidades de um homem, e dar-lhes de beber significaria aguçá-los a malvadez.

Entram Tropeção, Sr. Olívio Fachada e Moisés

Pois bem, honesto Moisés, entrai; entrai, por favor, Sr. Prémio. Copos, Tropeção. – Sentai-vos, Moisés. – Vamos lá, Sr. Prémio, vou brindar à vossa saúde. Ao sucesso da usura. Moisés, enchei um copo para o cavalheiro.

MOISÉS (*esvaziando o copo*) Ao sucesso da usura.

CARLOS FACHADA Muito bem, Moisés. A usura representa prudência e talento, e merece ter êxito.

SIR OLÍVIO FACHADA (*bebendo um pouco*) Então ao sucesso que merece.

DESCUIDADO Não, não, assim não, Sr. Prémio; haveis resistido a participar no brinde, e por isso tendes de beber um copo de meio litro.

PRIMEIRO CAVALHEIRO Um copo de meio litro, no mínimo.

MOISÉS Ora, por favor, senhor, lembrai-vos de que o Sr. Prémio é um cavalheiro.

DESCUIDADO E por isso mesmo, gosta de bom vinho.

SEGUNDO CAVALHEIRO Dai a Moisés um copo de um quarto de litro. Isto é um motim, e um manifestação de desprezo.

DESCUIDADO Aqui está. Vamos a isso. Hei-de ver fazer-se justiça, até à última gota da minha garrafa.

SIR OLÍVIO FACHADA Não, por favor, cavalheiros. Não esperava ser recebido assim.

CARLOS FACHADA Não, nada disso, Descuidado. O Sr. Prémio é um desconhecido.

SIR OLÍVIO FACHADA (*à parte*) Oh, quem me dera sair daqui.

DESCUIDADO Irra! Se eles não bebem, não nos sentaremos com eles.

Vamos, Henrique, os dados estão na sala ao lado. – Carlos, juntai-vos a nós, quando tiverdes acabado a vossa conversa com estes cavalheiros.

CARLOS FACHADA Sim, sim.

Saem Sir Tobias Brinde e os dois Cavalheiros

Descuidado!

DESCUIDADO Dizei.

CARLOS FACHADA Talvez eu precise de vós.

DESCUIDADO Oh, sabeis que estou sempre pronto, seja para o que for.

Sai Descuidado

MOISÉS Senhor, apresento-vos o Sr. Prémio, um cavalheiro honrado e discreto, e que leva sempre até ao fim aquilo em que se empenha. – Sr. Prémio, apresento-

CARLOS FACHADA Ora, já chega! Senhor, o meu amigo Moisés é um homem muito honesto, mas um pouco lento a expressar-se. Era capaz de estar uma hora a enunciar os nossos títulos. Sr. Prémio, a questão é esta: eu sou um jovem extravagante, que precisa de dinheiro emprestado; quanto a vós, julgo que sois um cavalheiro de alguma idade e prudência, com dinheiro para emprestar. Eu sou suficientemente estúpido para dar cinquenta por cento se necessário; e vós, presumo eu, sois suficientemente velhaco para receber cem, se possível. Sendo assim, senhor, já nos conhecemos, e podemos passar ao negócio, sem mais cerimónias.

SIR OLÍVIO FACHADA É o que se chama franqueza! Vejo, senhor, que não sois pessoa de grandes preâmbulos.

CARLOS FACHADA Oh não, senhor; em matéria de negócios, o melhor é ser directo.

SIR OLÍVIO FACHADA Senhor, aprecio-vos por isso. Todavia, estais enganado numa coisa: eu não tenho dinheiro para emprestar. Mas penso que talvez consiga obter algum, de um amigo. Mas ele é um patife dos piores – não é, Moisés? – e terá de vender mercadoria para vos ajudar, não é, Moisés?

MOISÉS Sim, é verdade! Sabeis que digo sempre a verdade, e não gosto de mentir.

CARLOS FACHADA Claro! As pessoas que dizem a verdade são assim. Mas trata-se de uma ninharia, Sr. Prémio. Ora, eu sei que não se pode comprar

dinheiro sem pagar.

SIR OLÍVIO FACHADA Bem, mas que garantias é que me podereis dar?
Não tendes terras, suponho eu?

CARLOS FACHADA Nem um monte de terra, nem um tronco de madeira,
só o que podeis ver nas floreiras, ali na janela.

SIR OLÍVIO FACHADA Nem quaisquer bens, presumo eu.

CARLOS FACHADA Só alguns animais: cães e *ponies*. Mas, dizei-me, Sr.
Prémio, conheceis alguém da minha família?

SIR OLÍVIO FACHADA Bom, para dizer a verdade, conheço.

CARLOS FACHADA Então deveis saber que eu tenho um tio riquíssimo,
nas Índias Orientais, *Sir* Olívio Fachada, de quem espero vir a receber
bastante.

SIR OLÍVIO FACHADA Já ouvi dizer que tendes um tio muito abastado;
mas quanto àquilo que vireis a receber, julgo que não o podeis saber ao
certo.

CARLOS FACHADA Ora, ora, não tenho dúvidas. Já ouvi dizer que sou o
seu favorito, e que ele até diz que tenciona deixar-me tudo a mim.

SIR OLÍVIO FACHADA Na verdade, é a primeira vez que ouço tal coisa.

CARLOS FACHADA Sim, sim, é assim mesmo. O Moisés sabe que é
verdade – não sabeis, Moisés?

MOISÉS Oh sim, juro que sim.

SIR OLÍVIO FACHADA (*à parte*) Por Deus, daqui a pouco convencem-me de
que eu estou na Bengália.

CARLOS FACHADA Então eu proponho, Sr. Prémio, se tal vos agradar, um
acordo a ter efeito após a morte de *Sir* Olívio; ainda que, em simultâneo,
vos dê a minha palavra de que, tendo em conta a generosidade do
velhote, eu ficaria muito triste se soubesse que lhe tinha acontecido
alguma coisa.

SIR OLÍVIO FACHADA Não mais do que eu, posso assegurar-vos. Mas o
acordo que mencionais acaba por ser a pior garantia que me poderíeis
oferecer, pois eu posso viver até aos cem anos, e nunca recuperar o
empréstimo.

CARLOS FACHADA Recuperareis, sim. No momento em que *Sir* Olívio
morrer, sabeis que vireis ter comigo para obter o dinheiro.

SIR OLÍVIO FACHADA Então, nesse caso, eu serei o credor mais mal-vindo
da toda a vossa vida.

CARLOS FACHADA Bem, suponho que receeis, agora, que *Sir* Olívio tenha uma vida longa demais.

SIR OLÍVIO FACHADA Não, de facto não, ainda que eu tenha ouvido dizer que ele tem uma saúde de ferro, atendendo à sua idade.

CARLOS FACHADA Também aí vos enganais. Não, não, o clima fez-lhe muito mal. Pobre tio Olívio. Sim, sim, disseram-me que ele está em franco declínio, e tão alterado, que nem os parentes mais próximos o reconhecem.

SIR OLÍVIO FACHADA Não! Ah, ah, ah! Tão alterado, que nem os parentes mais próximos o reconhecem! Ah, ah, ah! Que engraçado, por Deus! Ah, ah, ah!

CARLOS FACHADA Ah, ah! Ficais contente por ouvir dizer isso, pequeno Prémio.

SIR OLÍVIO FACHADA Não, não, não é verdade.

CARLOS FACHADA É, sim. Ah, ah, ah! Sabeis que esse facto vos dá mais hipóteses.

SIR OLÍVIO FACHADA Mas ouvi dizer que *Sir* Olívio vem até cá; aliás, alguns até dizem que já aqui está.

CARLOS FACHADA Ora! É claro que eu estou mais bem informado a esse respeito do que vós. Não, não, podeis ter a certeza; neste momento ele está em Calcutá – não é verdade, Moisés?

MOISÉS Oh sim, sem dúvida.

SIR OLÍVIO FACHADA É bem verdade; tal como dizeis, estais mais bem informado do que eu. Ainda que eu o tenha sabido de uma fonte fidedigna – não é verdade, Moisés?

MOISÉS Sim, com toda a certeza.

SIR OLÍVIO FACHADA Mas, senhor, como percebi que precisais de algumas centenas de imediato, não há nada que possais entregar-me?

CARLOS FACHADA O que quereis dizer?

SIR OLÍVIO FACHADA Por exemplo, ouvi dizer que o vosso pai vos deixou uma grande quantidade de taças maciças.

CARLOS FACHADA Oh, isso já se foi, há muito tempo. O Moisés pode, melhor do que eu, dizer-vos como.

SIR OLÍVIO FACHADA (*à parte*) Meu Deus! Todas as taças ganhas pela família! – Bom, também se diz que a sua biblioteca era uma das mais valiosas e completas –

CARLOS FACHADA Sim, sim. Assim era – aliás, demasiado, para uma biblioteca privada. No que me diz respeito, sempre tive um carácter generoso, por isso achei que era uma vergonha, reservar para mim tanta sabedoria.

SIR OLÍVIO FACHADA (*à parte*) Deus tenha piedade! Um saber que foi sendo herdado por várias gerações na família! – Mas, dizei-me, o que aconteceu aos livros?

CARLOS FACHADA Deveis perguntar ao leiloeiro, Mestre Prémio, pois penso que, aí, nem o Moisés vos poderá ajudar.

MOISÉS Eu nunca me misturo com livros.

SIR OLÍVIO FACHADA Muito bem. Suponho, então, que nada restou dos bens de família?

CARLOS FACHADA Na verdade, muito pouco, a não ser que estejais interessado nos retratos da família. Tenho um quarto lá em cima cheio de antepassados meus; e, se gostais de quadros antigos, por Deus, podeis comprá-los a bom preço.

SIR OLÍVIO FACHADA Hei, que diabo! Certamente não quereis vender os vossos antepassados, pois não?

CARLOS FACHADA Todos eles, pela melhor oferta.

SIR OLÍVIO FACHADA O quê, os vossos tios-avôs e tias?

CARLOS FACHADA Sim, e os meus bisavôs e bisavós também.

SIR OLÍVIO FACHADA (*à parte*) Agora é que eu desisto dele! – Que diabo! Não tendes sentimentos pela vossa própria família? Vamos lá ver, tomáiss-me pelo Shylock da peça, pedindo-me dinheiro emprestado em troca da vossa própria carne e sangue?⁷²

CARLOS FACHADA Não, meu pequeno corretor, não vos zangueis. Não tendes que vos importar, desde que seja um bom investimento.

SIR OLÍVIO FACHADA Bom, então serei comprador. Penso que poderei ficar com a família. (*à parte*) Oh, nunca lhe perdoarei – nunca!

Entra Descuidado

DESCUIDADO Vinde, Carlos; porque demorais?

⁷² Referência ao pacto de Shylock com António em *The Merchant of Venice* de William Shakespeare.

CARLOS FACHADA Não posso ir ainda, por Deus! Vamos lá acima, proceder a uma venda. Aqui o pequeno Prémio vai comprar todos os meus antepassados.

DESCUIDADO Ora, queimai os vossos antepassados!

CARLOS FACHADA Não, ele que o faça depois, se quiser. Ficai, Descuidado, precisamos de vós. Por Deus, sereis o leiloeiro. Por isso, vinde connosco.

DESCUIDADO Oh, claro que sim. Sei manejar um martelo tão bem como uma caixa de dados!

SIR OLÍVIO FACHADA (*à parte*) Oh, que dissipadores!

CARLOS FACHADA Vinde, Moisés; sereis o avaliador, se precisarmos. – Por Deus, pequeno Prémio, não pareceis estar a gostar do negócio.

SIR OLÍVIO FACHADA Oh, gosto sim. Ah, ah! Sim, sim, considero uma grande piada vender-se a própria família em leilão. Ah, ah! (*à parte*) Oh, que esbanjador!

CARLOS FACHADA Na realidade, quando um homem precisa de dinheiro, onde é que ele há-de encontrar auxílio, se não puder dispor da sua própria família?!

Saem.

4.1

Sala dos retratos, em casa de Carlos Fachada

Entram Carlos Fachada, Sir Olívio Fachada, Moisés e Descuidado

CARLOS FACHADA Entrai, cavalheiros, por favor entrai! Aqui está a família dos Fachadas, desde o tempo da Conquista.⁷³

SIR OLÍVIO FACHADA E, na minha opinião, uma excelente colecção.

CARLOS FACHADA Sim, sim, estes foram feitos com o verdadeiro espírito de retratista – nada de ornamentos, ou expressões, nada que se pareça com o vosso moderno Rafael,⁷⁴ que consegue grandes semelhanças, mas torna o retrato independente do original, de tal modo que este se pode afundar, sem que o retrato sofra qualquer alteração. Não, não; o mérito destes é a sua completa semelhança, todos eles rígidos e horríveis, tal como os originais, e sem se compararem a mais nada na natureza humana.

SIR OLÍVIO FACHADA Ah, não voltaremos a ver homens assim.

CARLOS FACHADA Não, espero que não. Vede, Sr. Prémio, o temperamento caseiro que eu tenho. Aqui estou eu sentado, à noite, rodeado pela minha família. Mas subi ao vosso púlpito, Sr. Leiloeiro. Esta velha cadeira para pessoas com gota, que pertenceu ao meu avô, pode servir para o efeito.

DESCUIDADO Sim, sim, serve muito bem. Mas, Carlos, não tenho um martelo, e qual é o leiloeiro que não precisa de um martelo?

CARLOS FACHADA Por Deus, é verdade. Que pergaminho é este?

Carlos Fachada pega num pergaminho

‘Ricardo, herdeiro de Tomás...’ A nossa genealogia completa! Tomai, Descuidado, não tereis um vulgar pedaço de madeira; em vez disso, aqui tendes a árvore genealógica da família, seu patife. Isto será o vosso martelo, e agora podeis assinalar a venda dos meus antepassados, com o seu próprio *pedigree*.

⁷³ Desde a Conquista Normanda, que teve lugar em 1066.

⁷⁴ Trata-se de Sir Joshua Reynolds

SIR OLÍVIO FACHADA (*à parte*) Que patife desnaturado! Um parricida *ex post facto*!⁷⁵

DESCUIDADO Sim, sim, trata-se de uma lista de toda a vossa família. Por Deus, Carlos, não podíeis ter encontrado nada mais conveniente para este efeito, pois servirá não apenas de martelo, como também de catálogo. Mas vinde, vamos começar. Vamos, vamos, vamos!

CARLOS FACHADA Bravo, Descuidado! Bom, aqui está o meu tio-avô, *Sir Ricardo Revelim*⁷⁶ – um excelente general na sua época, posso garantir-vos. Participou em todas as guerras do Duque de Marlborough, e aquele corte, por cima do olho, foi feito na batalha de Malplaquet.⁷⁷ O que dizeis, Sr. Prémio? Olhai para ele! É um verdadeiro herói! Guarnecido de plumas, ao contrário do que acontece agora com os modernos capitães, e ainda de peruca e uniforme, como compete a um general. Quanto é que ofereceis?

MOISÉS O Sr. Prémio prefere que sejais vós a dizer.

CARLOS FACHADA Bom, então pode ficar com ele por dez libras, e tenho a certeza de que não é caro, tratando-se de um oficial do estado maior do exército.

SIR OLÍVIO FACHADA (*à parte*) Deus me livre! O seu famoso tio Ricardo, por dez libras! – Muito bem, senhor, aceito.

CARLOS FACHADA Descuidado, arremata o meu tio Ricardo. Agora temos uma irmã dele, a minha tia-avó Débora, pintada por Kneller⁷⁸ no seu melhor estilo, e com uma semelhança extraordinária. Ali está ela, vede – uma pastora alimentando o seu rebanho. Podeis ficar com ela, por cinco libras e dez xelins. Os carneiros valem o dinheiro.

SIR OLÍVIO FACHADA (*à parte*) Ah, pobre Débora! Uma mulher que se tinha em tão alta estima! – Cinco libras e dez xelins! Fica para mim.

CARLOS FACHADA Arremata a minha tia Débora! Agora temos aqui dois,

⁷⁵ A expressão aqui significa que, se o pai de Carlos não estivesse morto, o comportamento do filho matá-lo-ia.

⁷⁶ *Sir Richard Ravelin*

⁷⁷ Uma vitória na Guerra da Sucessão de Espanha, sob o comando de Marlborough e do Príncipe Eugene, a 11 de Setembro de 1709.

⁷⁸ O grande retratista Sir Godfrey Kneller (1646-1723).

que eram uma espécie de primos deles. – Bom, Moisés, estes retratos foram feitos há algum tempo, quando os peralvilhos usavam perucas, e as damas usavam o seu próprio cabelo.

SIR OLÍVIO FACHADA Sim, na verdade os penteados dessa altura parecem um pouco menos volumosos.

CARLOS FACHADA Bem, ficai com o par, pela mesma quantia.

MOISÉS É um bom negócio.

CARLOS FACHADA Descuidado! – Agora temos aqui um avô da minha mãe, um erudito juiz, muito conhecido no circuito ocidental. – Por quanto o avaliais, Moisés?

MOISÉS Quatro guinéus.

CARLOS FACHADA Quatro guinéus! Por Deus, nem sequer me ofereceis o preço da sua peruca! Sr. Prémio, vós tendes mais respeito pela magistratura; deixai que arrematemos sua senhoria por quinze.

SIR OLÍVIO FACHADA Pois com certeza.

DESCUIDADO Já está.

CARLOS FACHADA E há ainda dois irmãos dele, os Escudeiros Guilherme e Gualter Língua-afiada,⁷⁹ ambos Membros do Parlamento e notáveis oradores, e – o que é mais extraordinário – penso que esta é a primeira vez que eles são comprados e vendidos.

SIR OLÍVIO FACHADA Isso é, de facto, extraordinário! Fico com eles pelo preço que quiserdes, pela honra do Parlamento.

DESCUIDADO Muito bem, pequeno Prémio. Arremato-os por quarenta.

CARLOS FACHADA Aqui está um sujeito simpático. Não sei qual é o grau de parentesco, mas foi Presidente da Câmara de Manchester. Ficai com ele, por oito libras.

SIR OLÍVIO FACHADA Não, não; pelo Presidente da Câmara, seis é suficiente.

CARLOS FACHADA Vá lá, se forem guinéus, eu incluo aqueles dois vereadores.

SIR OLÍVIO FACHADA Já são meus.

CARLOS FACHADA Descuidado, arrematai o presidente e os vereadores. Mas, com um raio, iremos demorar o dia inteiro, a vender assim a retalho.

⁷⁹ *William and Walter Blunt Esquires.*

Vamos, antes, negociar o todo. O que dizeis, pequeno Prémio? Dai-me trezentas libras pelo resto da família, no seu conjunto.

DESCUIDADO Sim, sim, é a melhor forma.

SIR OLÍVIO FACHADA Bem, bem, como quiserdes. Já são meus. Mas há um retrato que vós tendes sempre omitido.

DESCUIDADO O quê, aquele sujeito baixinho e de mau aspecto, sobre o canapé?

SIR OLÍVIO FACHADA Sim, senhor, esse mesmo, ainda que eu o não considere um sujeito baixinho e de mau aspecto, de maneira nenhuma.

CARLOS FACHADA Qual, aquele ali? Oh, é o meu tio Olívio. O retrato foi feito antes de ele ir para a Índia.

DESCUIDADO O vosso tio Olívio! Por Deus! Então nunca podereis ser amigos, Carlos; parece-me um velhaco, com um ar severo como eu nunca vi – um olhar impiedoso e uma maldita expressão de quem só quer deserdar! Um inveterado patife, podeis crer! – Não achais, pequeno Prémio?

SIR OLÍVIO FACHADA Não senhor, juro que não; penso que tem uma expressão tão honesta como qualquer um dos que aqui estão, vivos ou mortos. Mas suponho que o vosso tio Olívio está incluído no resto das velharias.

CARLOS FACHADA Não, nem pensar, não me separo do pobre Noll. O velhote foi muito meu amigo e, por Deus, hei-de ficar com o retrato dele, enquanto tiver um quarto onde o possa colocar.

SIR OLÍVIO FACHADA (*à parte*) O patife, afinal, é meu sobrinho! – Mas, senhor, eu engracei com esse retrato.

CARLOS FACHADA Lamento muito, pois não podeis, de maneira nenhuma, ficar com ele. Ora, não tendes já o suficiente?

SIR OLÍVIO FACHADA (*à parte*) Perdoo-lhe tudo! – Mas, senhor, quando eu tenho algum capricho, não olho ao dinheiro. Dou-vos tanto por ele, como por todo o resto.

CARLOS FACHADA Não vale a pena insistir, Mestre Corretor; digo-vos que não me separo dele, e pronto.

SIR OLÍVIO FACHADA (*à parte*) O desgraçado é mesmo parecido com o pai! – Bem, bem, então terminei. (*à parte*) Eu ainda não me tinha apercebido, mas nunca vi uma tão grande semelhança. – Bem, senhor, aqui está uma ordem de pagamento da vossa quantia.

CARLOS FACHADA Mas trata-se de oitocentas libras!

SIR OLÍVIO FACHADA Não me deixais incluir o Olívio?

CARLOS FACHADA Irra, não, digo-vos mais uma vez que não.

SIR OLÍVIO FACHADA Então deixai ficar a diferença, e na próxima vez faremos contas. Mas apertemos as mãos sobre o negócio. Carlos, sois um homem honesto. Peço-vos perdão, senhor, pela minha espontaneidade. – Vinde, Moisés.

CARLOS FACHADA Por Deus, que velhote tão bizarro. – Mas, escutai, Prémio, ides preparar um espaço para estes cavalheiros?

SIR OLÍVIO FACHADA Sim, sim, hei-de mandar buscá-los dentro de um ou dois dias.

CARLOS FACHADA Mas aguardai! Mandai já vir uma carruagem elegante para os vir buscar, pois asseguro-vos que a maioria deles estava habituada a andar em carruagem própria.

SIR OLÍVIO FACHADA Hão-de ir todos, excepto o Olívio.

CARLOS FACHADA Sim, todos excepto o pequeno e honesto nababo.⁸⁰

SIR OLÍVIO FACHADA Tendes a certeza?

CARLOS FACHADA Absoluta.

SIR OLÍVIO FACHADA (*à parte*) Que patife tão extravagante, e tão querido! – Bom dia. – Vinde, Moisés. (*à parte*) Vamos ver, agora, quem é que se atreve a dizer que ele é um perdulário!

Saem Sir Olívio Fachada e Moisés

DESCUIDADO Bem, dentro do género, é o carácter mais peculiar que eu já vi.

CARLOS FACHADA Por Deus, acho que é o príncipe dos corretores. Como é que o Moisés terá conhecido uma criatura tão honesta? Ah, vem aí o Rolão. Descuidado, dissei aos outros que já me irei juntar a eles.

DESCUIDADO Direi. Mas não deixeis que aquele velho néscio vos convença a desperdiçar algum desse dinheiro no pagamento de velhas dívidas, ou disparates do género, pois os comerciantes, Carlos, são os seres mais exagerados!

CARLOS FACHADA É bem verdade, e pagar-lhes significa encorajá-los.

⁸⁰ No original: *nabob*. Designação para um oficial civil ou militar da Companhia das Índias Orientais, que enriquecera na Índia.

DESCUIDADO Nem mais.

CARLOS FACHADA Sim, sim, não tendes receio.

Sai Descuidado

Bem, que velhote tão peculiar! Vejamos; dois terços são meus⁸¹:quinhentas e trinta libras, valha-me Deus! Afinal, os antepassados são uma coisa mais valiosa do que eu pensava! Minhas senhoras e meus senhores, sou vosso humilde e obediente servo.

Entra Rolão

Ah, velho Rolão! Por Deus, vindes mesmo a tempo de dizer adeus aos vossos velhos conhecidos.

ROLÃO Sim, ouvi dizer que se iam embora. Mas admira-me que estejais tão bem disposto, tendo tantas preocupações.

CARLOS FACHADA Pois aí é que está: as preocupações são tantas, que não me posso dar ao luxo de perder a boa disposição. Mas hei-de, um dia, ser rico e mal-disposto. Todavia, penso que estais surpreendido por eu não ter pena de me separar de tantos parentes próximos. Na verdade, é algo que perturba. Mas, afinal, bem vedes que eles nem um músculo movem; por isso, porque é que eu havia de ter pena?

ROLÃO Não é possível pôr-vos a falar a sério, em nenhum momento.

CARLOS FACHADA Sim, por Deus, estou sério agora. (*Dando-lhe a ordem de pagamento*) Vede, meu honesto Rolão, vede; ide levantar esta quantia, e daí retirai cem libras para o velho Estanislau.

ROLÃO Cem libras. Mas pensai –

CARLOS FACHADA Por Deus, não falemos disso. As necessidades do Estanislau são muito grandes, e se não vos apressais, aparece alguém aí com mais direito ao dinheiro.

ROLÃO Aí é que está! Hei-de sempre importunar-vos com o provérbio –

CARLOS FACHADA ‘Sede justo, antes de serdes generoso’, não é isso? Bom, eu sê-lo-ia, se pudesse; mas a justiça é uma bruxa velha, aleijada e côxa, e não consigo que ela acompanhe a generosidade, juro que não.

ROLÃO Todavia, Carlos, acreditai-me, uma hora de reflexão –

CARLOS FACHADA Sim, sim, tudo isso é verdade; mas, escutai, Rolão,

⁸¹ Um terço da quantia ganha constituía a comissão de Moisés.

enquanto eu tiver, por Deus que hei-de dar. Sendo assim, não quero saber da vossa boa economia. E agora, vamos ao jogo.

Saem.

4.2

Na sala de visitas de Carlos Fachada

Entram Sir Olívio Fachada e Moisés

MOISÉS Bem, senhor, eu penso que, tal como *Sir* Pedro disse, haveis visto o Sr. Carlos no seu melhor. Que pena ele ser tão extravagante.

SIR OLÍVIO FACHADA É verdade; mas não quis vender o meu retrato.

MOISÉS E gostar tanto de vinho e de mulheres.

SIR OLÍVIO FACHADA Mas não quis vender o meu retrato.

MOISÉS E ser tão viciado no jogo.

SIR OLÍVIO FACHADA Mas não quis vender o meu retrato. Oh, aí vem o Rolão.

Entra Rolão

ROLÃO Então, *Sir* Olívio, já sei que haveis feito negócio.

SIR OLÍVIO FACHADA Sim, sim, o nosso jovem libertino desfez-se dos seus antepassados, como se fossem velhos tapetes.

ROLÃO E ordenou-me que vos devolvesse parte desse dinheiro – quero dizer, na vossa qualidade de velho Estanislau, cheio de necessidades.

MOISÉS Ora aí está, sempre com pena de todos! Que excesso de caridade!

ROLÃO E eu deixei um vendedor de roupa e dois alfaiates no vestíbulo, que certamente não receberão o que lhes é devido, e estas cem libras seriam suficientes!

SIR OLÍVIO FACHADA Bem, bem, eu pago as suas dívidas, e também a sua generosidade. Mas agora já não sou um corretor, e ireis apresentar-me ao irmão mais velho, como sendo o velho Estanislau.

ROLÃO Ainda não. Eu sei que *Sir* Peter tenciona lá ir, por volta desta hora

Entra Tropeção

TROPEÇÃO Oh, cavalheiros, peço-vos perdão por não vos ter acompanhado. É por aqui – Moisés, uma palavrinha.

Saem Tropeção e Moisés

SIR OLÍVIO FACHADA Aí está uma criatura para vós. Nem ireis acreditar! Aquele impertinente interceptou o judeu quando vínhamos para cá, e quis pedir-lhe dinheiro emprestado, antes de o conduzir ao patrão.

ROLÃO De verdade?!

SIR OLÍVIO FACHADA Sim, e estão agora a combinar uma anuidade. Ah, Mestre Rolão! No meu tempo, os criados contentavam-se com as loucuras dos seus patrões, mas agora têm os seus próprios vícios, e chegam a usar os fatos de cerimónia dos patrões, quando ainda estão como novos.

Saem

4.3

Uma biblioteca, em casa de José Fachada

José Fachada e Criado

JOSÉ FACHADA Não chegou nenhuma carta de *Lady Arrelia*?

CRIADO Não, senhor.

JOSÉ FACHADA (*à parte*) Acho estranho que ela não tenha mandado uma carta, se foi impedida de vir. *Sir Peter* com certeza não suspeita de mim. Todavia, espero não perder a herdeira, por causa do enredo em que me meti com a esposa dele. Mas a imprudência do Carlos e o seu mau carácter jogam a meu favor.

Batem à porta

CRIADO Senhor, deve ser *Lady Arrelia*.

JOSÉ FACHADA Esperai! Vede se é ou não, antes de irdes à porta. Tenho uma mensagem para vós, se se tratar do meu irmão.

CRIADO (*olhando pela janela*) É sua senhoria. Ela deixa sempre a cadeira perto da modista, na rua ao lado.

JOSÉ FACHADA Esperai. Colocai o biombo em frente à janela.

O Criado coloca o biombo

Assim está bem. A vizinha da frente é tão curiosa!

Sai o Criado

Tenho um papel difícil a desempenhar neste assunto. *Lady Arrelia* ultimamente tem andado desconfiada das minhas intenções em relação a Maria;

mas ela não pode, de maneira nenhuma, entrar no segredo, pelo menos até eu a controlar melhor.

Entra Lady Arrelia

LADY ARRELIA O quê, um solilóquio sentimental?! Estais muito impaciente? Ora, não é preciso pôr esse ar tão sério. Juro que não consegui vir mais cedo.

JOSÉ FACHADA Oh, minha senhora, a pontualidade é uma forma de constância; e esta é uma qualidade que, numa *lady*, está completamente fora de moda.

LADY ARRELIA Palavra que devíeis ter pena de mim. Sabeis que ultimamente *Sir* Pedro tem estado muito mal-disposto comigo, e muito ciumento? E do Carlos também! Esta é a melhor parte, não é?

JOSÉ FACHADA (*à parte*) Ainda bem que os meus amigos maldizentes continuam a falar disso.

LADY ARRELIA Quem me dera que ele deixasse a Maria casar com ele; talvez, então, ficasse convencido. Não achais, Sr. Fachada?

JOSÉ FACHADA (*à parte*) É claro que não. – Oh, é claro que sim, pois desse modo a minha querida *Lady* Arrelia também ficaria convencida de que eram infundadas as suas suspeitas sobre qualquer interesse, da minha parte, em relação àquela tola rapariga.

José Fachada e Lady Arrelia sentam-se

LADY ARRELIA Bem, bem, estou inclinada a acreditar em vós. Mas não é tão irritante ouvir coisas desagradáveis? Veja-se a minha amiga *Lady* Maldizente, que pôs a circular não sei quantas histórias escandalosas a meu respeito, e sem qualquer fundamento. É isso que me humilha.

JOSÉ FACHADA Sim, minha senhora, com certeza, esse é o aspecto mais chocante. Sem fundamento. Sim, sim, aí é que está a mortificação, pois quando as pessoas acreditam numa história escandalosa a nosso respeito, a melhor consolação consiste em ter consciência de que o merecemos.

LADY ARRELIA É claro que, nesse caso, eu lhes perdoaria a malícia; mas ataquem-me a mim, que estou completamente inocente, e que nunca digo mal de ninguém – ou seja, de nenhum amigo! E o próprio *Sir* Pedro, que anda tão impertinente e desconfiado, conhecendo eu a integridade do meu coração; na verdade, isto é monstruoso.

JOSÉ FACHADA Mas, minha querida *Lady* Arrelia, a culpa é vossa. Quando

um marido suspeita infundadamente da sua esposa, e lhe retira a confiança, quebra-se o acordo em que o casamento assentava; e ela tem então o dever, perante o seu próprio sexo, de o ultrapassar em astúcia.

LADY ARRELIA A sério? Quer dizer, então, que se ele suspeita de mim sem razão, a melhor forma de o curar dos seus ciúmes consiste em dar-lhe motivos para isso.

JOSÉ FACHADA Sem dúvida, pois o vosso marido nunca deve ficar decepcionado convosco; e, neste caso, compete-vos ser leviana, de modo a honrardes o seu discernimento.

LADY ARRELIA Na verdade, o que dizeis faz sentido. E quando a consciência da minha própria inocência –

JOSÉ FACHADA Ah, minha querida senhora, esse é que é o grande erro. É essa mesma inocência, tão consciente, que vos prejudica. O que é que vos torna negligente em relação ao vosso modo de actuar, e tão indiferente às opiniões dos outros? Pois é essa consciência da vossa própria inocência. O que é que vos torna insensata no comportamento, e pronta a cair em tantas pequenas imprudências? Pois é essa consciência da vossa própria inocência. O que é que vos põe impaciente em relação ao feitio de *Sir Pedro*, e indignada perante as suas suspeitas? Pois é essa consciência da vossa própria inocência.

LADY ARRELIA É mesmo verdade.

JOSÉ ARRELIA Pois então, minha querida *Lady Arrelia*, se pelo menos uma vez dêsseis um pequeno mau passo, nem podeis imaginar como vos tornaríeis cautelosa, e pronta a agradecer, e a concordar com o vosso marido.

LADY ARRELIA Achais que sim?

JOSÉ FACHADA Oh, tenho a certeza. E veríeis, então, que as intrigas acabariam de repente; pois, na verdade, o vosso carácter, neste momento, é como uma pessoa com excesso de sangue – prestes a morrer, por ter demasiada saúde.

LADY ARRELIA Bem, bem. Quer dizer, então, que a vossa receita consiste em pecar em minha própria defesa, e privar-me da minha virtude, para preservar a reputação.

JOSÉ FACHADA Isso mesmo, minha senhora.

LADY ARRELIA Bem, trata-se de uma doutrina muito peculiar, e a mais inovadora das receitas para evitar a calúnia.

JOSÉ FACHADA Uma receita infalível, acreditai-me. A prudência, tal como

a experiência, tem o seu preço.

LADY ARRELIA Bom, se o meu entendimento se convencesse –

JOSÉ FACHADA Oh, com certeza, minha senhora, o vosso entendimento teria de ser convencido. Sim, sim, Deus me livre se eu a persuadissem a fazer qualquer coisa que achásseis condenável. Não, não, a minha honra impede-me de desejar tal coisa.

LADY ARRELIA Não achais que deveríamos deixar a honra fora deste assunto?

JOSÉ FACHADA Ah, os maus efeitos da vossa educação no campo continuam, pelo que vejo, a influenciar-vos.

LADY ARRELIA Duvido muito; e confesso-vos que, se há alguma coisa que possa vir a convencer-me a agir incorrectamente, é o modo como *Sir Pedro* me tem tratado, e não a vossa honrada lógica.

JOSÉ FACHADA Então, por esta mão que ele não merece –

Entra o Criado

Irra, seu idiota! O que quereis?

CRIADO Perdão, senhor; mas pensei que não quereríeis que *Sir Pedro* subisse, sem ser anunciado.

JOSÉ FACHADA *Sir Pedro*! Que diabo!

LADY ARRELIA *Sir Pedro*! Oh meu Deus! Estou arruinada, estou arruinada.

CRIADO Senhor, não fui eu que o deixei entrar.

LADY ARRELIA Oh, estou perdida. O que me irá acontecer agora, Sr. Lógica? Oh, meu Deus, ele já vem a subir as escadas. Vou esconder-me atrás disto. E se eu voltar a cometer uma imprudência destas –

Lady Arrelia esconde-se atrás do biombo

JOSÉ FACHADA Dai-me esse livro!

José Fachada senta-se. O criado finge estar a arranjar-lhe o cabelo.

Entra Sir Pedro

SIR PEDRO ARRELIA (*à parte*) Oh, sempre a cultivar-se! – Sr. Fachada, Sr. Fachada!

JOSÉ FACHADA Oh, meu querido *Sir Pedro*, peço-vos perdão. (*bocejando, afasta o livro*) Tenho estado a dormir sobre um livro estúpido! Bem, agradeço-vos muito esta visita. Não vínheis aqui, creio eu, desde que arrumei esta sala. Os livros, como sabeis, são a única coisa de que me envaideço.

SIR PEDRO ARRELIA Tudo muito limpo, na verdade. Bem, bem, muito adequado. E até o biombo é uma fonte de conhecimentos – com mapas pendurados, segundo vejo.

JOSÉ FACHADA Oh sim, esse biombo é-me muito útil.

SIR PEDRO ARRELIA Certamente que sim, quando quereis encontrar alguma coisa rapidamente.

JOSÉ FACHADA (*à parte*) Sim, ou então esconder alguma coisa rapidamente.

SIR PEDRO ARRELIA Bem, tenho um assunto particular.

JOSÉ FACHADA (*para o Criado*) Podeis sair.

CRIADO Sim, senhor.

Sai o Criado

JOSÉ FACHADA Eis uma cadeira, *Sir* Pedro. Por favor –

Sir Pedro Arrelia e José Fachada sentam-se

SIR PEDRO ARRELIA Bem, agora que estamos a sós, *há*, de facto, um assunto, meu querido amigo, sobre o qual quero desabafar convosco – um aspecto de grande importância para a minha tranquilidade. Em resumo, meu bom amigo, o comportamento de *Lady* Arrelia nos últimos tempos tem-me tornado muito infeliz.

JOSÉ FACHADA Na verdade, lamento muito ouvir tal coisa.

SIR PEDRO ARRELIA Sim, é mais do que evidente que ela não se preocupa nada comigo; mas, o pior de tudo, é que tenho boas razões para pensar que ela deve andar envolvida com outro.

JOSÉ FACHADA Surpreendeis-me.

SIR PEDRO ARRELIA Sim, e aqui entre nós, acho que já descobri quem é.

JOSÉ FACHADA Como? Estais a alarmar-me imenso!

SIR PEDRO ARRELIA Ah, meu querido amigo, eu sabia que me havíeis de compreender.

JOSÉ FACHADA Sim, acreditai-me, *Sir* Pedro, uma descoberta dessas magoar-me-ia tanto a mim, como a vós.

SIR PEDRO ARRELIA Tenho a certeza disso. Ah, é uma felicidade ter um amigo a quem podemos confiar até os segredos da família. Mas não adivinhais quem é a pessoa?

JOSÉ FACHADA Não faço a mínima ideia. Não é, com certeza, *Sir* Benjamim Cortacasacas?

SIR PEDRO ARRELIA Oh, não. E se fosse o Carlos?

JOSÉ FACHADA O meu irmão? Impossível!

SIR PEDRO ARRELIA Ah, meu querido amigo, a bondade do vosso coração leva-vos ao engano. Julgais os outros por aquilo que sois.

JOSÉ FACHADA É claro, *Sir* Pedro, que o coração que está consciente da sua própria integridade, tem dificuldade em acreditar na traição dos outros.

SIR PEDRO ARRELIA É verdade, mas o vosso irmão não tem sentimentos; nunca fala desse modo.

JOSÉ FACHADA Todavia, continuo a pensar que *Lady* Arrelia tem os seus princípios.

SIR PEDRO ARRELIA Pois sim, mas que força podem ter esses princípios, perante a lisonja de um jovem elegante, e cheio de vida?

JOSÉ FACHADA Isso é bem verdade.

SIR PEDRO ARRELIA E, além disso, sabeis que a nossa diferença de idades torna muito improvável que ela possa ter por mim um grande afecto; e se ela fraquejasse, e eu próprio tornasse o facto público, todos se ririam de mim: o tolo solteirão, que casara com uma jovem.

JOSÉ FACHADA É verdade, sem dúvida, eles *rir-se-iam*.

SIR PEDRO ARRELIA E não se limitariam a rir! Haviam de compor baladas, e piadas, e sabe Deus que mais!

JOSÉ FACHADA Pois é, não deveis nunca tornar isso público.

SIR PEDRO ARRELIA Mas o próprio facto de ser o sobrinho do meu velho amigo *Sir* Olívio quem está a tentar uma tal afronta, ainda me magoa mais.

JOSÉ FACHADA Pois, aí é que está: quando a ingratidão aguça o dardo da injúria, a ferida torna-se ainda mais perigosa.

SIR PEDRO ARRELIA Sim, e eu que, de algum modo, fui seu tutor, recebendo-o tantas vezes em minha casa, e nunca lhe negando um bom conselho.

JOSÉ FACHADA Oh, é impossível acreditar nisso. É claro que há homens capazes de tal baixeza; mas, no que me diz respeito, e até que me sejam dadas provas conclusivas, continuarei a duvidar. Todavia, se as provas forem, de facto, contra ele, deixará de ser meu irmão! Deixarei de o considerar meu parente, pois um homem que quebra as regras da hospitalidade, e se aproxima da esposa do seu amigo, merece ser considerado uma praga para a sociedade.

SIR PEDRO ARRELIA Que diferentes que sois! Que nobres sentimentos!

JOSÉ FACHADA Contudo, eu não ponho em dúvida a honra de *Lady* Arrelia.

SIR PEDRO ARRELIA É bem certo que eu gostaria muito de não pensar mal dela, e de pôr fim aos motivos de discussão entre nós. Ultimamente ela censurou-me, por várias vezes, o facto de eu não ter posto nada em seu nome, e na nossa última discussão até deu a entender que não ficaria de coração partido se eu morresse. Ora bem, como pelos vistos temos ideias diferentes no que toca às despesas, decidi que, daqui para o futuro, ela poderá dispor daquilo que é seu. E, no caso de eu morrer, verá que não descurei os seus interesses, enquanto estava vivo. Eis, meu amigo, duas escrituras sobre as quais gostaria de ter a vossa opinião. Segundo uma delas, ela usufruirá de oitocentas libras por ano enquanto eu for vivo e, segundo a outra, receberá toda a minha fortuna após a minha morte.

JOSÉ FACHADA A vossa conduta é, sem dúvida, muito generosa! (*à parte*) Só espero que ela não corrompa a minha pupila.

SIR PEDRO ARRELIA Sim, estou decidido a fazer com que ela não tenha razões de queixa, embora prefira que, por enquanto, ela não saiba desta minha prova de afecto.

JOSÉ FACHADA (*à parte*) Eu também prefiro.

SIR PEDRO ARRELIA E agora, meu caro amigo, se desejardes, falemos acerca do vosso interesse por Maria.

JOSÉ FACHADA (*falando baixo*) Não, não, *Sir* Pedro; noutra altura, por favor.

SIR PEDRO ARRELIA Estou muito pesaroso pelo pouco progresso que pareceis ter feito, no que concerne ao afecto dela.

JOSÉ FACHADA (*falando baixo*) Peço-vos que não faleis acerca disso. Qual é a importância do meu desapontamento, quando está em causa a vossa felicidade? (*à parte*) Que raio, estou sempre à beira da ruína!

SIR PEDRO ARRELIA E embora não desejeis que eu fale com *Lady* Arrelia acerca da vossa paixão, eu tenho a certeza de que ela está do vosso lado, nesse assunto.

JOSÉ FACHADA Por favor, *Sir* Pedro, fazei-me a vontade. Estou demasiado afectado pelo assunto de que temos estado a falar, para me poder concentrar nos meus próprios interesses. Quando um homem toma conhecimento dos problemas de um amigo, não pode –

Entra o Criado

O que se passa?

CRIADO O vosso irmão, senhor, está na rua a falar com um cavalheiro, e diz que sabe que estais em casa.

JOSÉ FACHADA Que raio, seu idiota, eu não estou, saí o dia inteiro.

SIR PEDRO ARRELIA Esperai, pensei numa coisa. Vós estais em casa.

JOSÉ FACHADA Bem, bem, dizei-lhe que entre.

Sai o Criado

Ele vai interromper-nos, *Sir* Pedro. Contudo –

SIR PEDRO ARRELIA Agora, meu querido amigo, fazei-me a vontade, por favor. Antes de o Carlos entrar, deixai que eu me esconda em qualquer lado. Então falai-lhe no assunto que abordámos, e ouvirei as suas respostas.

JOSÉ FACHADA Ora, *Sir* Pedro! Quereis que eu me associe a um truque tão baixo? Levar o meu irmão a –

SIR PEDRO ARRELIA Bom, dizeis-me que tendes *a certeza* de que ele está inocente. Sendo assim, fazeis-lhe um grande serviço, ao dar-lhe a oportunidade de se limpar; e fareis com que o meu coração se tranqüilize. Vamos, não podeis recusar. Aqui, atrás do biombo, é um –

Sir Pedro Arrelia dirige-se para o biombo

Hei, o que é isto? Parece que já está aqui alguém a ouvir. Eu jurava ter visto umas saias.

JOSÉ FACHADA Ah, ah, ah! Bem, isto é ridículo. Vou contar-vos, *Sir* Pedro. Embora eu considere que um homem namorado mostra um carácter reprovável, sabeis que daí não decorre que se tenha que ser um autêntico José.⁸² Pois bem, trata-se de uma modista francesa, uma palerma que me persegue. E, para não pôr a sua reputação em causa, quando vos ouviu, correu para trás do biombo.

SIR PEDRO ARRELIA Ah, seu patife! Mas, por Deus, ela ouviu tudo o que eu disse acerca da minha esposa.

JOSÉ FACHADA Oh, não sairá dali, podeis ter a certeza.

SIR PEDRO ARRELIA Não? Então que ouça. Está aqui um armário que também serve.

⁸² Trata-se da figura bíblica do *Genesis* com o nome de José, que rejeitou os avanços da mulher do seu patrão.

JOSÉ FACHADA Bom, então entrai.

SIR PEDRO ARRELIA Seu malandro, seu malandro!

Sir Pedro Arrelia entra no armário

JOSÉ FACHADA Foi por um triz! E que curiosa a situação em que me encontro! Separar o marido e a esposa desta maneira!

LADY ARRELIA (*espreitando por detrás do biombo*) Não posso ir-me embora?

JOSÉ FACHADA Deixai-vos estar, meu anjo.

SIR PEDRO ARRELIA (*espreitando*) José, ele que entre.

JOSÉ FACHADA Para trás, meu querido amigo!

LADY ARRELIA (*espreitando*) Não podeis fechar *Sir Pedro* à chave?

JOSÉ FACHADA Ficai sossegada, minha querida.

SIR PEDRO ARRELIA (*espreitando*) Tendes a certeza de que a modista não será indiscreta?

JOSÉ FACHADA Para dentro, meu bom *Sir Pedro*. (*à parte*) Por Deus, quem me dera ter uma chave da porta.

Entra Carlos Fachada

CARLOS FACHADA Olá! Meu irmão, o que se passa? O vosso criado não me queria deixar entrar, no início. Então, tivestes convosco algum judeu ou alguma meretriz?

JOSÉ FACHADA Nem uma coisa nem outra, podeis ter a certeza.

CARLOS FACHADA Mas o que é que fez *Sir Pedro* ir-se embora? Pensei que ele estava convosco.

JOSÉ FACHADA E *esteve*, meu irmão; mas, ao saber que vínheis, preferiu sair.

CARLOS FACHADA O quê, o velhote teve medo de que eu lhe quisesse pedir dinheiro emprestado?

JOSÉ FACHADA Não, senhor. Mas lamento saber, Carlos, que ultimamente haveis dado motivos, a esse grande homem, para que ele se sinta desconfortável.

CARLOS FACHADA Sim, costumam dizer-me que provooco isso em muitos grandes homens. Mas dizei-me, de que modo?

JOSÉ FACHADA Para ser sincero convosco, meu irmão, ele pensa que estais a tentar roubar-lhe o afecto de *Lady Arrelia*.

CARLOS FACHADA Quem, eu? Ora, ora, eu não, palavra de honra. Ah, ah, ah! Então o velhote descobriu que tem uma esposa jovem, não é verdade?

Ou, pior ainda, sua senhoria descobriu que tem um marido velho?

JOSÉ FACHADA Não é assunto para brincadeiras, meu irmão. Quem se ri –

CARLOS FACHADA É verdade, tendes razão. Mas, a sério, nunca tive a mais pequena ideia daquilo de que me acusais, palavra de honra.

JOSÉ FACHADA (*em voz alta*) Bem, *Sir* Pedro ficará muito satisfeito por saber isso.

CARLOS FACHADA Na verdade, houve uma altura em que me pareceu que a senhora se sentia atraída por mim; mas, pela minha honra, eu nunca a encorajei. Além disso, sabeis do meu interesse por Maria.

JOSÉ FACHADA Mas, meu irmão, é claro que mesmo que *Lady* Arrelia revelasse um grande afecto por vós –

CARLOS FACHADA Bem, calma aí, José. Eu espero nunca incorrer deliberadamente numa acção desonrosa; mas, se uma mulher bonita se atravessasse de propósito no meu caminho, e se essa mulher bonita fosse casada com um homem com idade suficiente para ser seu pai –

JOSÉ FACHADA Então?

CARLOS FACHADA Bom, acho que teria que usar um pouco da vossa moralidade, só isso. Mas, meu irmão, sabeis que me surpreendeis imenso ao nomear-me *a mim* com *Lady* Arrelia, já que, por Deus, eu sempre pensei que *vós* éreis o seu favorito?

JOSÉ FACHADA Oh, que disparate, Carlos; essa recriminação não faz sentido.

CARLOS FACHADA Não, eu juro que vos vi trocar olhares tão significativos...

JOSÉ FACHADA Vá lá, vá lá, não estamos a brincar.

CARLOS FACHADA Por Deus, estou a falar a sério. Não vos lembrais? Um dia, quando aqui cheguei –

JOSÉ FACHADA Não, Carlos, por favor –

CARLOS FACHADA Encontrei-vos juntos.

JOSÉ FACHADA Raios, senhor, eu insisto –

CARLOS FACHADA E numa outra vez, quando o vosso criado –

JOSÉ FACHADA Meu irmão, meu irmão, uma palavrinha. (*à parte*) Por Deus, tenho que o deter.

CARLOS FACHADA Me informou, quero dizer, que –

JOSÉ FACHADA Shhhh! Peço-vos desculpa, mas *Sir* Pedro tem estado a ouvir tudo o que dissemos. Eu sabia que haveríeis de vos limpar, de outro modo não teria consentido.

CARLOS FACHADA Como, *Sir* Pedro? Onde é que ele está?

JOSÉ FACHADA Falai baixo. Está ali.

José Fachada aponta para o armário

CARLOS FACHADA Oh, por Deus, ele que saia. – *Sir* Pedro, vinde daí.

JOSÉ FACHADA Não, não!

CARLOS FACHADA Vamos, *Sir* Pedro, vinde ao tribunal.

Carlos Fachada puxa Sir Pedro Arrelia

O quê, o meu velho tutor transformado num inquiridor, e à procura de provas sob anonimato?

SIR PEDRO ARRELIA Dai-me a vossa mão, Carlos; acho que suspeitei de vós infundadamente. Mas não fiquéis zangado com o José, pois a ideia foi minha.

CARLOS FACHADA Ah sim?

SIR PEDRO ARRELIA Mas estais absolvido. Já não penso tão mal de vós como pensava; aquilo que eu ouvi agradou-me muito.

CARLOS FACHADA Bom, ainda bem que não ouvistes mais nada – (*meio à parte*), não é verdade, José?

SIR PEDRO ARRELIA Ah, vós teríeis respondido.

CARLOS FACHADA Sim, sim, era só uma piada.

SIR PEDRO ARRELIA Sim, sim, eu conheço o seu sentido de honra.

CARLOS FACHADA Mas vós tanto podíeis ter duvidado dele como de mim, neste assunto – (*meio à parte*) não é verdade, José?

SIR PEDRO ARRELIA Bem, bem, eu acredito em vós.

JOSÉ FACHADA (*à parte*) Quem me dera que fossem ambos daqui para fora.

Entra o Criado e fala ao ouvido de José

SIR PEDRO ARRELIA E, no futuro, talvez possamos conhecer-nos melhor.

JOSÉ FACHADA (*à parte, para o Criado*) *Lady* Maldizente! Tendes que a reter, pelo amor de Deus!

Sai o Criado

Cavalheiros, peço-vos perdão, tenho que vos conduzir até lá abaixo. Vou agora receber uma pessoa que vem tratar de assuntos particulares.

CARLOS FACHADA Bom, podeis recebê-lo noutra sala. *Sir* Pedro e eu já não nos víamos há muito tempo, e tenho umas coisas para lhe dizer.

JOSÉ FACHADA (*à parte*) Eles não podem ficar juntos. Vou mandar embora

a *Lady* Maldizente, e volto já. (*à parte para Sir Pedro*) *Sir Pedro*, nem uma palavra acerca da modista francesa.

SIR PEDRO ARRELIA Oh, nem pensar!

Sai José Fachada

Ah, Carlos, se convivesseis mais com o vosso irmão, poder-se-ia acreditar na vossa transformação. Ele é um homem de bons sentimentos. Bem, não há nada no mundo tão nobre como um homem de bons sentimentos!

CARLOS FACHADA Ora, ora! Ele é demasiado moralista, e tão preocupado com a reputação, como ele lhe chama, que suponho que tão depressa deixaria entrar um padre em sua casa, como uma rapariga.

SIR PEDRO ARRELIA Não, não, vamos, vamos, estais enganado. Não, não, ele não é nenhum patife, mas nesse aspecto também não é nenhum santo. (*à parte*) Tenho mesmo vontade de lhe dizer, havíamos de nos rir.

CARLOS FACHADA Ora, que diabo, ele não passa de um anacoreta, um jovem eremita.

SIR PEDRO ARRELIA Olhai, não deveis dizer mal dele. Ele pode vir a saber, juro-vos.

CARLOS FACHADA Porquê? Com certeza não ireis dizer-lhe?

SIR PEDRO ARRELIA Não, mas – desta forma – (*à parte*) Por Deus, vou dizer-lhe! – Ouvi: quereis rir-vos do José?

CARLOS FACHADA Era o que eu mais queria.

SIR PEDRO ARRELIA Então, havemos de nos rir. (*à parte*) Vou vingar-me dele, por me ter descoberto. (*sussurrando*) Ele estava com uma rapariga, quando eu apareci.

CARLOS FACHADA Quem, o José? Estais a brincar.

SIR PEDRO ARRELIA Shhhh! (*sussurra*) Uma modistazinha francesa. E o melhor da história, é que ela ainda está aqui na sala.

CARLOS FACHADA Está lá agora!

SIR PEDRO ARRELIA Shhhh! Digo-vos que sim. (*aponta*)

CARLOS FACHADA Atrás do biombo?! Muito bem, vamos pô-la a descoberto.

SIR PEDRO ARRELIA Não, não! Ele vem aí. Não façais isso.

CARLOS FACHADA Oh, por Deus, vamos lá ver a modistazinha.

SIR PEDRO ARRELIA Nem pensar, o José nunca me perdoaria.

CARLOS FACHADA Eu defender-vos-ei.

SIR PEDRO ARRELIA (*lutando com Carlos*) Oh, aqui está ele.

José Fachada entra, no momento em que Carlos Fachada deita o biombo abaixo

CARLOS FACHADA *Lady Arrelia!* – por tudo quanto há de mais belo!

SIR PEDRO ARRELIA *Lady Arrelia!* – por tudo quanto há de mais horrível!

CARLOS FACHADA *Sir Pedro*, esta é uma das modistas francesas mais elegantes que eu já vi! Por Deus, parece que todos vós estivesdes aqui a brincar às escondidas, e não sei quem é que está fora do segredo! Posso implorar a sua senhoria que me informe? Nem uma palavra! Meu irmão, quereis, por favor, explicar o que se passa? O quê, a moralidade também está muda? *Sir Pedro*, embora eu vos tenha encontrado no escuro, talvez agora já tenhais saído dele? Todos mudos! Bem, ainda que eu não consiga perceber o que se passa, suponho que vós vos entendeis uns aos outros. Por isso, vou deixar-vos. (*afastando-se*) Meu irmão, lamento descobrir que tendes causado tanto desconforto a esse grande homem! *Sir Pedro*, não há nada no mundo tão nobre como um homem de bons sentimentos!

Sai Carlos Fachada. Sir Pedro Arrelia, Lady Arrelia e José Fachada ficam, durante algum tempo, a olhar uns para os outros.

JOSÉ FACHADA *Sir Pedro*, embora eu confesse que as aparências estão contra mim, se me concederdes a vossa paciência, tenho a certeza de que explicarei tudo a vosso contento.

SIR PEDRO ARRELIA Por favor.

JOSÉ FACHADA O facto é que, senhor, *Lady Arrelia*, tendo conhecimento das minhas pretensões em relação à vossa pupila Maria –quer dizer, *Lady Arrelia*, preocupada com a vossa predisposição para o ciúme, e sabendo da minha amizade para com a família – ela, senhor, quer dizer, veio aqui para que eu lhe explicasse essas minhas pretensões. Mas ao ouvir-vos chegar, preocupada, como eu disse, com os vossos ciúmes, escondeu-se. E esta, posso garantir-vos, é toda a verdade.

SIR PEDRO ARRELIA Uma explicação muito clara, sem dúvida, e posso jurar que a dama confirmará todos os pormenores.

LADY ARRELIA (*dando um passo em frente*) Não confirmo uma única palavra, *Sir Pedro*.

SIR PEDRO ARRELIA Como? Nem sequer achais que vale a pena concordar com a mentira?

LADY ARRELIA Não há uma única palavra verdadeira naquilo que o cavaleiro vos disse.

SIR PEDRO ARRELIA Acredito em vós, minha senhora, juro que sim.

JOSÉ FACHADA (*à parte, para Lady Arrelia*) Então, minha senhora, ireis trair-me?

LADY ARRELIA Meu bom Sr. Hipócrita, com a vossa permissão, falarei por mim própria.

SIR PEDRO ARRELIA Sim, confiai nela, senhor. Vereis que ela inventará uma história bem melhor do que a vossa.

LADY ARRELIA Ouvi-me, *Sir* Pedro. Não vim aqui para tratar de nenhum assunto relacionado com a vossa pupila, e desconhecia, até, as pretensões deste cavaleiro em relação a ela. Vim seduzida pelos seus insidiosos argumentos, a fim de, pelo menos, escutar a expressão da sua fingida paixão, se não mesmo para sacrificar a vossa honra à baixeza dele.

SIR PEDRO ARRELIA Agora é que me parece que a verdade está a vir à tona.

JOSÉ FACHADA A mulher endoideceu.

LADY ARRELIA Não, meu senhor, ela recuperou a sensatez, e foram as vossas habilidades que lhe forneceram os meios. – *Sir* Pedro, não espero que acrediteis em mim; mas a ternura que haveis manifestado por mim, quando de certeza não podíeis imaginar que eu estava a ouvir, entrou-me no coração. E se eu tivesse abandonado este lugar sem a vergonha de ter sido descoberta, a minha vida futura tornaria evidente a sinceridade da minha gratidão. Quanto a esse hipócrita de falinhas mansas que, se pudesse, teria seduzido a esposa do seu crédulo amigo, ao mesmo tempo que fingia ter intenções honradas em relação à sua pupila, vejo-o agora como um ser tão desprezível, que não poderei voltar a respeitar-me a mim própria, pelo facto de lhe ter dado ouvidos.

Sai Lady Arrelia

JOSÉ FACHADA Apesar disto tudo, *Sir* Pedro, Deus sabe –

SIR PEDRO ARRELIA Que sois um vilão! E por isso vos deixo entregue à vossa consciência.

JOSÉ FACHADA Sois demasiado severo, *Sir* Pedro. Tendes que me ouvir!

Um homem que impede a avaliação da culpa, ao recusar-se a –

SIR PEDRO ARRELIA Ora!

Sai Sir Pedro Arrelia, com José Fachada atrás dele, sempre a falar

5.1

A biblioteca em casa de José Fachada

Entram José Fachada e o Criado

JOSÉ FACHADA Sr. Estanislau?! Porque é que haveis pensado que eu o iria receber? Ele vem certamente pedir alguma coisa!

CRIADO Senhor, eu não o teria deixado entrar, se o Sr. Rolão não viesse até à porta com ele.

JOSÉ FACHADA Irra! Seu idiota, como é que pudestes pensar que eu estaria com disposição para receber visitas de parentes pobres? Bem, porque é que não o trazeis até aqui?

CRIADO Vou trazer, senhor. Mas, senhor, eu não tive culpa de *Sir* Pedro descobrir aqui a minha senhora.

JOSÉ FACHADA Ide-vos embora, idiota.

Sai o Criado

Certamente que a fortuna nunca pregou uma tal partida a um homem tão prudente como eu. A minha reputação junto de *Sir* Pedro, as minhas esperanças em relação a Maria – tudo destruído num instante! Estou numa péssima disposição para ouvir as desgraças dos outros. Não serei capaz de mostrar qualquer benevolência ao Estanislau. Bom, lá vem ele, e o Rolão acompanha-o. *Tenho* que recuperar o ânimo e pôr, apesar de tudo, um pouco de caridade no meu rosto.

Sai José Fachada. Entram Sir Olívio Fachada e Rolão

SIR OLÍVIO FACHADA Então? Ele está a evitar-nos? Era ele, não era?

ROLÃO Era, sim. Mas temo que tendes chegado de uma forma um pouco abrupta. Os nervos dele são tão fracos, que a visão de um parente pobre pode ser demasiado para ele. Eu devia ter entrado primeiro, para vos apresentar.

SIR OLÍVIO FACHADA Quero lá saber dos nervos dele! Afinal, ele é o homem que *Sir* Pedro considera ter um pensamento muito benevolente!

ROLÃO Quanto ao seu pensamento, não posso avaliar, já que, para lhe fazer justiça, ele parece ter tanta benevolência teórica como qualquer cavalheiro deste reino, ainda que raramente dê a si próprio a liberdade de a praticar.

SIR OLÍVIO FACHADA Todavia, suponho que tenha sentimentos caridosos na ponta dos dedos!

ROLÃO Mais na ponta da língua, *Sir* Olívio; pois penso que o sentimento em que ele mais acredita, é aquele segundo o qual ‘a caridade começa em casa’.

SIR OLÍVIO FACHADA E a caridade dele, presumo eu, é do género de nunca sair de casa.

ROLÃO Penso que chegareis a essa conclusão. Mas aí vem ele. Não quero dar a impressão de que vos interrompo; e, como sabeis, logo que o deixardes, eu entro para anunciar a vossa chegada, com o vosso nome verdadeiro.

SIR OLÍVIO FACHADA Certo; e depois ireis ter comigo a casa de *Sir* Pedro.

ROLÃO De imediato.

Sai Rolão

SIR OLÍVIO FACHADA Bem. Não gosto da sua expressão, de quem quer agradar.

Entra José Fachada

JOSÉ FACHADA Senhor, peço-vos mil perdões por vos ter feito esperar. Sr. Estanislau, não é verdade?

SIR OLÍVIO FACHADA Ao vosso dispor.

JOSÉ FACHADA Senhor, peço-vos que me deis a honra de vos sentardes. Imploro-vos, senhor.

SIR OLÍVIO FACHADA Caro senhor, não vale a pena. (*à parte*) Demasiado bem-educado!

José Fachada e Sir Olívio Fachada sentam-se

JOSÉ FACHADA Não tenho o prazer de vos conhecer, Sr. Estanislau. Mas fico feliz por ver que pareceis estar muito bem. Tíñeis algum parentesco com a minha mãe, penso eu, não é verdade, Sr. Estanislau?

SIR OLÍVIO FACHADA Tinha sim, senhor – de tal modo que temo que a minha actual pobreza possa desonrar os seus abastados filhos. Se não fosse isso, eu nunca teria ousado vir incomodar-vos.

JOSÉ FACHADA Caro senhor, não precisais de desculpas. Todos aqueles que têm dificuldades, ainda que sendo estranhos, têm o direito de reivindicar o seu parentesco em relação aos ricos. Quem me dera ser dessa classe, e poder oferecer-vos alguma ajuda, por pequena que fosse.

SIR OLÍVIO FACHADA Se o vosso tio *Sir* Olívio estivesse aqui, eu teria um amigo.

JOSÉ FACHADA Eu bem gostava que ele estivesse aqui, do fundo do coração. Não precisaríeis de ninguém para defender a vossa causa junto dele, acreditai-me, senhor.

SIR OLÍVIO FACHADA De facto não precisaria, já que as minhas dificuldades fariam por si. Mas eu pensava que a sua generosidade vos permitiria ser o agente da sua caridade.

JOSÉ FACHADA Meu caro senhor, informaram-vos mal. *Sir* Olívio é um homem de valor, um homem de muito valor. Mas a avareza, Sr. Estanislau, é o vício da época. Em confiança, meu bom senhor, poderei dizer-vos que o que ele fez por mim se resume a nada, ainda que as pessoas, eu sei, pensem o contrário. E eu, no que me diz respeito, prefiro não contrariar os rumores.

SIR OLÍVIO FACHADA O quê? Ele nunca vos deu ouro em barra, rupias, patacas?

JOSÉ FACHADA Oh, meu caro senhor, nada disso. Não, não, só uns presentes, de vez em quando. Porcelana, xales, chá preto, aves canoras e fogo-de-artifício vindo da Índia! Pouco mais do que isso, acreditai-me.

SIR OLÍVIO FACHADA (*à parte*) Ora aqui está a sua gratidão pelas doze mil libras! Aves canoras e fogo-de-artifício vindo da Índia!

JOSÉ FACHADA Depois, meu caro senhor, certamente ouvistes falar da extravagância do meu irmão. Muito poucas pessoas acreditariam no que eu tenho feito por esse infeliz jovem!

SIR OLÍVIO FACHADA (*à parte*) Eu não, com certeza.

JOSÉ FACHADA As quantias que eu lhe emprestei! Na verdade, agi muito mal. Mas foi uma fraqueza bem intencionada! Não quero, porém, defender-me, sobretudo agora que me sinto duplamente culpado, já que esse facto me retira a possibilidade de *vos* servir, Sr. Estanislau, como seria desejo do meu coração.

SIR OLÍVIO FACHADA (*à parte*) Hipócrita! – Então, senhor, não podeis ajudar-me?

JOSÉ FACHADA Neste momento, lamento muito, mas não posso. Todavia, logo que me seja possível fazê-lo, tereis notícias minhas.

SIR OLÍVIO FACHADA Tenho muito pena.

JOSÉ FACHADA Não mais do que eu, acreditai-me. Sentir piedade sem

poder ajudar, é ainda mais doloroso do que pedir e não receber.
SIR OLÍVIO FACHADA Amável senhor, sou vosso humilde servo.
JOSÉ FACHADA Deixais-me profundamente incomodado, Sr. Estanislau.
(*para o Criado*) Guilherme, ide abrir a porta.
SIR OLÍVIO FACHADA Oh, meu caro senhor, nada de cerimónias.
JOSÉ FACHADA Às vossas ordens.
SIR OLÍVIO FACHADA Senhor, ao vosso dispor.
JOSÉ FACHADA Podeis ter a certeza de que vos contactarei, quando vos
puder ser útil.
SIR OLÍVIO FACHADA Bondoso senhor, sois demasiado generoso.
JOSÉ FACHADA Entretanto, desejo-vos saúde e boa disposição.
SIR OLÍVIO FACHADA Sou vosso muito agradecido e humilde servo.
JOSÉ FACHADA Senhor, o mesmo vos digo eu.
SIR OLÍVIO FACHADA (*à parte*) Agora estou satisfeito!

Saem Sir Olívio Fachada e Criado

JOSÉ FACHADA (*sozinho*) Aqui está uma má consequência de uma boa
reputação: atraí os pedidos dos infelizes. E é necessária muita habilidade
para se ganhar essa reputação, sem incorrer nas despesas. A caridade pura
é um artigo muito caro no catálogo das boas qualidades de um ser
humano, enquanto que a versão sentimental que eu uso dá o mesmo
efeito, e não paga imposto.

Entra Rolão e o Criado

ROLÃO Sr. Fachada, sou um vosso criado. Não queria interromper-vos,
embora o que me traz aqui requeira a vossa imediata atenção, como
podeis ver por esta nota.
JOSÉ FACHADA Fico sempre feliz por vos ver. (*lê*) Como? ‘Olívio
Fachada’?! O meu tio chegou!
ROLÃO Na verdade ele está muito bem – acabei de o deixar – depois de
uma viagem a alta velocidade, e impaciente para abraçar o seu valoroso
sobrinho.
JOSÉ FACHADA Estou estupefacto! – (*para o Criado*) Guilherme, ide buscar
o Sr. Estanislau, se ele ainda estiver por perto.
ROLÃO Oh, ele já deve estar muito longe.
JOSÉ FACHADA Porque é que não me falastes deste assunto quando
entrastes com ele?

ROLÃO Pensei que tínheis que tratar de assuntos particulares. Mas tenho que ir informar o vosso irmão, e dizer-lhe que venha até aqui, para se encontrar com o tio. Ele estará em vossa casa dentro de um quarto de hora.

JOSÉ FACHADA Muito bem. Estou peculiarmente feliz com a sua vinda.
(à parte) Na verdade, é a pior coisa que podia ter acontecido!

ROLÃO Dir-lhe-ei que esperais impacientemente pela sua chegada

JOSÉ FACHADA Sim, sim; transmiti-lhe a minha dedicação e afecto. Na verdade, nem consigo exprimir as minhas sensações, ao pensar que vou vê-lo!

Sai Rolão

A sua vinda neste momento é um golpe de cruel má sorte!

Sai

5.2

Em casa de Sir Pedro Arrelia

Entram Madame Candura e a Criada

CRIADA Na verdade, sua senhoria não recebe ninguém neste momento.

MADAME CANDURA Haveis-lhe dito que se tratava da sua amiga Madame Candura?

CRIADA Sim, minha senhora; mas ela pede que a desculpeis.

MADAME CANDURA Ide lá de novo. Ficarei satisfeita se a vir por uns breves momentos, pois tenho a certeza de que ela está em grande aflição.

Sai a Criada

Meu Deus, que desagradável! Não domino sequer metade dos acontecimentos! Sairá tudo nos jornais com os nomes de todos os intervenientes, antes de eu conseguir abordar o assunto em meia dúzia de casas.

Entra Sir Benjamim Cortacasacas

Oh, meu caro *Sir* Benjamim, haveis ouvido, suponho?

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Acerca de *Lady* Arrelia e do Sr. Fachada?

MADAME CANDURA E sobre a descoberta de *Sir* Pedro?

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Oh, sem dúvida que se trata de algo muito estranho.

MADAME CANDURA Bem, eu nunca fui tão surpreendida em toda a minha vida! E tenho muita pena de todos, podeis crer.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Pois eu não tenho pena de *Sir* Pedro. Ele foi demasiado parcial em relação ao Sr. Fachada.

MADAME CANDURA O Sr. Fachada? Ora, foi com o Carlos que a *Lady* Arrelia foi apanhada.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Nem pensar, o galanteador é o Sr. Fachada.

MADAME CANDURA Não, não, é o Carlos. Foi o Sr. Fachada que trouxe *Sir* Pedro de propósito, para os denunciar.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Pois digo-vos que quem me informou foi –

MADAME CANDURA E a mim quem me informou foi –

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Alguém que ouviu da boca de –

MADAME CANDURA Alguém que soube de fonte segura – mas aqui está a *Lady* Maldizente. Talvez ela saiba tudo.

Entra Lady Maldizente

LADY MALDIZENTE Então, minha querida Madame Candura, tristes notícias acerca da nossa amiga *Lady* Arrelia.

MADAME CANDURA Ah, minha querida amiga, quem é que podia imaginar?!

LADY MALDIZENTE Bem, não se pode confiar nas aparências. Ainda que, na verdade, ela tenha sido sempre demasiado animada para o meu gosto.

MADAME CANDURA Realmente a sua atitude era demasiado livre; mas ela era muito jovem.

LADY MALDIZENTE E tinha, de facto, boas qualidades.

MADAME CANDURA Pois tinha. Mas haveis sabido os pormenores?

LADY MALDIZENTE Não; mas toda a gente diz que o Sr. Fachada –

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Ora ouvís? Eu bem vos disse que em causa estava o Sr. Fachada.

MADAME CANDURA Não, não, não pode ser, tratava-se do Carlos.

LADY MALDIZENTE Do Carlos? Alarmeis-me, Madame Candura.

MADAME CANDURA Sim, sim, era ele o amante. O Sr. Fachada, faça-se-lhe justiça, foi só o informador.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Bem, não vou discutir convosco,

Madame Candura; mas, seja como for, espero que a ferida do *Sir* Pedro não –

MADAME CANDURA A ferida do *Sir* Pedro?! Oh meu Deus! não ouvi dizer nada acerca da luta.

LADY MALDIZENTE Nem uma sílaba!

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Não?! O quê, nenhuma menção ao duelo?

MADAME CANDURA Nem uma palavra.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Oh meu Deus, sim, sim, eles lutaram antes de sair da sala.

LADY MALDIZENTE Por favor contai-nos.

MADAME CANDURA Sim, concedei-nos a graça de nos falar acerca do duelo.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS ‘Senhor’, diz *Sir* Pedro, logo a seguir à descoberta, ‘sois extremamente ingrato’.

MADAME CANDURA Sim, para o Carlos.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Não, não, para o Sr. Fachada. ‘Extremamente ingrato; e, com a idade que tenho, senhor’ diz ele, ‘Exijo satisfação imediata’.

MADAME CANDURA Sim, deve ter sido para o Carlos, pois é muito improvável que o Sr. Fachada lutasse na sua própria casa.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Por Deus, minha senhora, de maneira nenhuma. ‘Que me deis satisfação imediata.’ Nesse momento, minha senhora, a *Lady* Arrelia, ao ver o *Sir* Pedro em tal perigo, saiu da sala a correr e a gritar histericamente, e o Carlos atrás dela, a pedir amoníaco e água! Então, minha senhora, eles começaram a lutar com espadas –

Entra Azedo

AZEDO Com pistolas, meu sobrinho. Colhi a informação de uma fonte fidedigna.

MADAME CANDURA Oh, Sr. Azedo, então é tudo verdade.

AZEDO Sem dúvida, minha senhora, e *Sir* Pedro está gravemente ferido.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Por um golpe por baixo da sua própria espada, do lado esquerdo.

AZEDO Por uma bala que se alojou no tórax.

MADAME CANDURA Deus me valha! Pobre *Sir* Pedro!

AZEDO Sim, minha senhora, embora o Carlos o tivesse evitado, se lhe fosse possível.

MADAME CANDURA Eu sabia que se tratava do Carlos.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Oh, o meu tio, por aquilo que eu estou a ver, não sabe nada do assunto.

AZEDO Mas *Sir* Pedro acusou-o da mais vil ingratidão.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Eu disse-vos isso, de facto.

AZEDO Meu sobrinho, deixai-me falar. E insistiu numa imediata –

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Tal como eu disse.

AZEDO Ora, meu sobrinho, permiti que os outros também saibam alguma coisa. Um par de pistolas em cima da escrivaninha; pois, segundo parece, o Sr. Fachada chegara na noite anterior de Salt Hill, aonde fôra para ver a procissão⁸³ com um amigo que tem um filho em Eton. Assim, e por azar, as pistolas estavam carregadas.⁸⁴

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Não ouvi dizer nada disso.

AZEDO *Sir* Pedro obrigou o Carlos a pegar numa, e dispararam – segundo parece, bem perto um do outro. O Carlos acertou, como vos disse, e *Sir* Pedro falhou. Mas, o que é mais extraordinário, é que a bala foi bater numa pequena estátua de Plínio que estava sobre a chaminé, saiu pela janela e feriu o carteiro, que vinha a chegar à porta com duas cartas de Northamptonshire.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS O relato do meu tio é mais completo, devo confessar; mas, apesar disso, creio que o meu é que é verdadeiro.

LADY MALDIZENTE (*à parte*) Estou mais empenhada em tudo isto do que eles pensam, e tenho que obter informações mais precisas.

Sai Lady Maldizente

SIR BENJAMIM CORTACASACAS (*após uma pausa, e olhando um para o outro*)

Ah! A preocupação da *Lady* Maldizente é facilmente compreensível.

AZEDO Sim, sim, fala-se disso.

MADAME CANDURA Mas dissei-me, onde está *Sir* Pedro neste momento?

⁸³ Procissão dos estudantes de Eton até Salt-Hill, na Terça-Feira de Pentecostes.

⁸⁴ Como protecção contra eventuais assaltantes no percurso da procissão, era habitual que os participantes estivessem armados.

AZEDO Ora, trouxeram-no para casa e está cá, embora os criados tenham recebido ordens para o negarem.

MADAME CANDURA Acredito que sim. E a *Lady* Arrelia certamente estará junto dele?

AZEDO Sim, sim. Eu vi um médico a entrar à minha frente.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Ouçam, quem vem lá?

AZEDO Oh, é o médico, podeis crer.

MADAME CANDURA Oh, é com certeza o médico, e iremos ficar a saber.

Entra Sir Olívio Fachada

AZEDO Então, senhor doutor, haverá esperança?

MADAME CANDURA Sim, senhor doutor, como está o nosso paciente?

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Então, doutor, é ou não uma ferida feita com uma espada?

AZEDO Uma bala alojada no tórax, aposto eu!

SIR OLÍVIO FACHADA Doutor?! Uma ferida feita com uma espada?! E uma bala no tórax?! Ora, ora, será que estais todos loucos?

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Talvez não sejais um médico, senhor.

SIR OLÍVIO FACHADA Se sou, agradeço a vós o título.

AZEDO Sois então apenas um amigo de *Sir* Pedro, presumo eu. Mas, de qualquer modo, certamente ouvistes falar do acidente?

SIR OLÍVIO FACHADA Nem uma palavra!

AZEDO Não ouvistes dizer que ele estava gravemente ferido?

SIR OLÍVIO FACHADA O diabo é que está!

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Com o corpo rasgado.

AZEDO Com uma bala no peito.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Por um dos irmãos Fachada.

AZEDO Sim, o mais novo.

SIR OLÍVIO FACHADA Hei, essa agora! Parece que as vossas versões diferem bastante. Todavia, estais de acordo sobre o facto de *Sir* Pedro estar gravemente ferido?

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Ah sim, nisso estamos de acordo.

AZEDO Sim, sim, acho que não pode haver dúvidas a esse respeito.

SIR OLÍVIO FACHADA Então, pela minha honra, se está nessa situação, ele é o homem mais imprudente do mundo, pois ali vem ele a andar, como se não fosse nada.

Entra Sir Pedro

Por Deus, *Sir Pedro*, vindes em boa altura, podeis crer, pois tínhamos acabado de vos dar como perdido.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Oh tio, que recuperação tão súbita!

SIR OLÍVIO FACHADA Ora, homem, o que fazeis fora da cama com uma espada atravessada no corpo e uma bala alojada no tórax?

SIR PEDRO ARRELIA Uma espada e uma bala?

SIR OLÍVIO FACHADA Pois é, estes cavalheiros viam-vos já morto, sem lei nem remédio, e queriam transformar-me num médico, para que eu fosse cúmplice.

SIR PEDRO ARRELIA Mas porquê? O que se passa?

SIR BENJAMIM CORTACASACAS Alegramo-nos, *Sir Pedro*, pelo facto de a história do duelo não ser verdade, e lamentamos sinceramente os vossos outros infortúnios.

SIR PEDRO ARRELIA (à parte) Pois, pois, já todos sabem.

AZEDO Ainda que, *Sir Pedro*, tivésseis boa parte da culpa, pelo facto de casardes nessa idade.

SIR PEDRO ARRELIA Senhor, o que é que tendes a ver com isso?

MADAME CANDURA Ainda que, na verdade, sendo *Sir Pedro* tão bom marido, ele mereça a nossa piedade.

SIR PEDRO ARRELIA Quero lá saber da vossa piedade, minha senhora; não a quero para nada.

SIR BENJAMIM CORTACASACAS No entanto, *Sir Pedro*, não deveis dar importância aos risos e à troça que ireis enfrentar.

SIR PEDRO ARRELIA Senhor, é meu desejo ser o dono da minha própria casa.

AZEDO Não é um caso único, o que sempre conforta.

SIR PEDRO ARRELIA Insisto em que me deixeis sozinho. Sem cerimónias, insisto em que saiam da minha casa imediatamente!

MADAME CANDURA Bem, bem, já vamos indo. E podeis crer que faremos de vós a melhor descrição possível.

SIR PEDRO ARRELIA Saiam da minha casa!

AZEDO E contaremos tudo aquilo que vos fizeram.

SIR PEDRO ARRELIA Saiam da minha casa!

SIR BENJAMIM CORTACASACAS E o modo paciente como tudo suportais.

SIR PEDRO ARRELIA Demónios! Víboras! Fúrias! Oh, oxalá sufoquem com o próprio veneno.

Saem Madame Candura, Sir Benjamim Cortacasacas e Azedo

SIR OLÍVIO FACHADA Eles são mesmo provocadores, *Sir Pedro*.

Entra Rolão

ROLÃO Ouvi palavras de má-disposição. O que é que vos aborreceu, *Sir Pedro*?

SIR PEDRO ARRELIA Ora, de que serve perguntar? Será que eu passo um único dia sem humilhações?

SIR OLÍVIO FACHADA Bom, eu não vos farei perguntas. Vim só dizer-vos que vi os meus dois sobrinhos do modo como combinámos.

SIR PEDRO ARRELIA São um belo par!

ROLÃO Sim, e *Sir Olívio* está convencido de que o vosso juízo estava correcto, *Sir Pedro*.

SIR OLÍVIO FACHADA Sim, afinal descobri que o José é mesmo o tal.

ROLÃO Sim, tal como diz *Sir Pedro*, ele é um homem de sentimentos.

SIR OLÍVIO FACHADA E actua de acordo com os sentimentos que professa.

ROLÃO Ouvi-lo falar produz grande elevação.

SIR OLÍVIO FACHADA Oh, ele é de facto um modelo para os jovens da sua época! Mas o que se passa, *Sir Pedro*? Não corroborais os elogios ao vosso amigo José, como eu esperaria.

SIR PEDRO ARRELIA *Sir Olívio*, vivemos num mundo perverso, e quanto menos elogios fizermos, melhor.

ROLÃO O quê, sois *vós*, *Sir Pedro*, a dizer tal coisa, *vós* que nunca vos tendes enganado na vida?

SIR PEDRO ARRELIA Ora! Irra para ambos! Eu bem vejo, pelo modo como escarneceis, que já sabeis de tudo. Vou endoidecer no meio de *vós*.

ROLÃO Bom, para não vos irritar mais, *Sir Pedro*, nós estamos de facto a par de tudo. Encontrei a *Lady Arrelia* quando ela vinha a sair de casa do Sr. Fachada, e vinha tão humilde que se dignou pedir-me *a mim* que a defendesse junto de *vós*.

SIR PEDRO ARRELIA E *vós*, *Sir Olívio*, também sabeis de tudo?

SIR OLÍVIO FACHADA De todos os pormenores!

SIR PEDRO ARRELIA O quê, do armário, do biombo, hem?

SIR OLÍVIO FACHADA Sim, sim, e da modistazinha francesa. Oh, eu tenho-me divertido imenso com toda essa história, ah, ah!

SIR PEDRO ARRELIA Foi muito engraçado!

SIR OLÍVIO FACHADA Nunca me ri tanto na minha vida, podeis crer, ah, ah!

SIR PEDRO ARRELIA Oh, extremamente divertido, ah ah!

ROLÃO Na verdade, o José e os seus sentimentos! Ah, ah!

SIR PEDRO ARRELIA Sim, sim, os seus sentimentos, ah, ah! Um vilão hipócrita!

SIR OLÍVIO FACHADA Sim, e aquele patife do Carlos! Puxar o *Sir* Pedro para fora do armário! Ah, ah!

SIR PEDRO ARRELIA Ah, ah! Foi uma brincadeira dos diabos, se foi!

SIR OLÍVIO FACHADA Ah, ah! Por Deus, *Sir* Pedro, gostava de ter visto a vossa cara quando o biombo caíu. Ah, ah!

SIR PEDRO ARRELIA Sim, sim, a minha cara quando o biombo caíu. Ah, ah! Oh, nunca mais posso pôr a cabeça de fora!

SIR OLÍVIO FACHADA Mas já chega, já chega. Não é justo que nos estejamos a rir de vós, meu velho amigo; mas a verdade é que, devo confessar, não consigo evitá-lo.

SIR PEDRO ARRELIA Oh, não deixem de se rir por minha causa, isso não me magoa. Eu próprio me rio desse assunto. Sim, sim, eu até acho muito agradável servir de bôbo para todos os nossos conhecidos. Oh sim, e depois, de manhã, ler as notícias acerca do Sr F——, Lady —— e *Sir* P—— será tão divertido!

ROLÃO Na verdade, *Sir* Pedro, podeis desprezar o ridículo dos tôlos. Mas estou a ver a *Lady* Arrelia a dirigir-se à sala contígua a esta. Estou certo de que desejais tanto uma reconciliação como ela própria.

SIR OLÍVIO FACHADA Talvez a minha presença a impeça de vir até aqui. Bom, vou deixar que o honesto Rolão sirva de mediador entre vós. Mas ele depois tem que vos levar a todos a casa do Sr. Fachada, para onde me irei dirigir agora – se não para o acusar de libertinagem, pelo menos para denunciar a sua hipocrisia.

SIR PEDRO ARRELIA Ah, lá estarei para assistir à vossa revelação, ainda que se trate de um malfadado local para revelações.

ROLÃO Lá iremos.

Sai Sir Olívio Fachada

SIR PEDRO ARRELIA Ela afinal não vem até cá, Rolão.

ROLÃO Pois não, mas deixou a porta da sala aberta, como podeis ver.

Olhai, ela está a chorar.

SIR PEDRO ARRELIA Na verdade, uma certa mortificação cai bem numa esposa. Não achais que lhe fará bem sofrer um pouco?

ROLÃO Oh, isso é falta de generosidade da vossa parte.

SIR PEDRO ARRELIA Bom, não sei o que pensar. Lembrai-vos, Rolão, da carta que eu encontrei, em que ela muito obviamente se dirigia ao Carlos?

ROLÃO Uma carta forjada, *Sir* Pedro, e deixada de propósito para que a encontrásseis. Esse é um dos assuntos que eu quero que o Cobra esclareça perante vós.

SIR PEDRO ARRELIA Quem me dera ver isso esclarecido. Ela está a olhar para cá. Que elegante é o modo como ela vira a cabeça! Rolão, vou ter com ela!

ROLÃO Claro!

SIR PEDRO ARRELIA Embora as pessoas se vão rir ainda mais de mim quando souberem que nos reconciliámos.

ROLÃO Deixai-os rir, e respondi à sua maldade mostrando-lhes que estais feliz, apesar de tudo.

SIR PEDRO ARRELIA É isso mesmo! E, se não estou enganado, ainda podemos vir a ser o casal mais feliz deste reino.

ROLÃO Sim, *Sir* Pedro, aquele que põe de lado a suspeita –

SIR PEDRO ARRELIA Alto, meu caro Rolão! Se vos mereço alguma consideração, nunca mais devereis pronunciar perante mim algo que se assemelhe à expressão de bons sentimentos. Já tive o suficiente, para me bastar para o resto da vida.

Saem

5.3

A biblioteca do Sr. Fachada

José Fachada e Lady Maldizente

LADY MALDIZENTE Impossível! Então não é que *Sir* Pedro irá muito em breve reconciliar-se com o Carlos, e consequentemente deixar de se opor à sua união com a Maria? Só a ideia põe-me louca!

JOSÉ FACHADA Será que a paixão pode fornecer um remédio?

LADY MALDIZENTE Não, e a astúcia também não. Oh, eu fui uma tôla, uma idiota, em me associar a um incapaz!

JOSÉ FACHADA Na verdade, *Lady* Maldizente, sou eu que sofro as piores consequências; no entanto, como podeis ver, aguento tudo com a maior calma.

LADY MALDIZENTE Porque a desilusão não vos atinge o *coração*. O que vos ligava a Maria era apenas o interesse. Se tivésseis sentido por ela o que eu senti por aquele ingrato libertino, nem o vosso temperamento nem a vossa hipocrisia poderiam ocultar o peso da vossa humilhação.

JOSÉ FACHADA Mas porque me acusais a mim de ser o culpado de tal desilusão?

LADY MALDIZENTE Não sois vós o culpado? Por que razão abrandastes a vossa perseguição à Maria, tentando, entretanto, perverter a *Lady* Arrelia? Não vos bastava enganar *Sir* Pedro e suplantar o vosso irmão? Detesto esse desejo de monopolizar os crimes. Não é justo, e nunca resulta.

JOSÉ FACHADA Bom, admito que falhei. Confesso que me desviei da estrada mais directa para o mal. Mas penso que não estaremos ainda totalmente derrotados.

LADY MALDIZENTE Não?!

JOSÉ FACHADA Dissestes-me que haveis experimentado o Cobra depois de nos termos encontrado, e que pensais que ele ainda nos é fiel.

LADY MALDIZENTE Acredito que sim.

JOSÉ FACHADA E que ele se ofereceu, no caso de ser necessário, para jurar e provar que o Carlos está comprometido convosco, o que poderá ser corroborado por algumas das cartas que ele vos mandou há algum tempo atrás.

LADY MALDIZENTE Isso, de facto, poderia ajudar.

JOSÉ FACHADA Ora, ora, ainda não é tarde demais.

Ouve-se baterem à porta (fora do palco)

Mas atenção! Trata-se, provavelmente, do meu tio *Sir* Olívio. Retirai-vos para aquela sala. Continuaremos a falar depois de ele sair.

LADY MALDIZENTE Bom, e se ele também vos descobrir?

JOSÉ FACHADA Oh, disse não tenho medo. *Sir* Pedro não dará com a língua nos dentes porque não lhe convém, e podeis ter a certeza de que irei descobrir o ponto fraco de *Sir* Olívio!

LADY MALDIZENTE Não tenho dúvidas sobre as vossas habilidades. Mas dedicai-vos a uma patifaria de cada vez.

JOSÉ FACHADA Está bem, está bem.

Sai Lady Maldizente

Bom, é muito duro, depois de tanto azar, ser admoestado pela minha parceira das maldades. Mas enfim, de qualquer modo a minha reputação é muito melhor do que a do Carlos, e por isso –Hei! O quê?! Afinal não se trata de *Sir* Olívio, mas sim do velho Estanislau de novo! Irra, logo agora é que ele resolveu vir outra vez aborrecer-me! *Sir* Olívio ainda acaba por vir, e vê-lo aqui e –

Entra Sir Olívio Fachada e o Criado

Por Deus, Sr. Estanislau, por que razão voltais neste preciso momento, para me incomodar de novo? Não podeis estar aqui agora, palavra de honra!

SIR OLÍVIO FACHADA Senhor, ouvi dizer que estais à espera do vosso tio Olívio; e apesar de ele ter sido tão avarento convosco, vou ver o que é que ele fará por mim.

JOSÉ FACHADA Senhor, não podeis mesmo estar aqui agora. Por isso vos imploro – vinde numa outra altura, e atender-vos-ei então.

SIR OLÍVIO FACHADA Não, eu e o *Sir* Olívio temos que nos conhecer.

JOSÉ FACHADA Irra! Insisto em que deixeis a sala imediatamente

SIR OLÍVIO FACHADA Não senhor!

JOSÉ FACHADA Senhor, eu insisto. (*para o Criado*) Guilherme, acompanhai este cavalheiro à saída. – Já que me obrigais, nem mais um momento. (*vai empurrar Sir Olívio Fachada para fora da sala*). Que grande insolência!

Entra Carlos Fachada

CARLOS FACHADA Ora, ora, o que se passa? Que diabo, estais a agarrar o meu pequeno corretor? Cuidado, meu irmão, não magoeis o pequeno Prémio. O que é que aconteceu?

JOSÉ FACHADA Ah, então ele também esteve convosco, não é verdade?

CARLOS FACHADA Claro que sim! Ora, trata-se de um honesto – mas, José, não lhe pedistes também dinheiro emprestado, pois não?

JOSÉ FACHADA Pedir emprestado? Claro que não! Mas, meu irmão, nós estamos aqui à espera de *Sir* Olívio a qualquer –

CARLOS FACHADA Oh diabo, é verdade! O Noll não pode encontrar o pequeno corretor aqui, pois é claro.

JOSÉ FACHADA Mas o Sr. Estanislau insiste –

CARLOS FACHADA Estanislau? Ora, ele chama-se Prémio.

JOSÉ FACHADA Não, não, é Estanislau.

CARLOS FACHADA Não, não, é Prémio.

JOSÉ FACHADA Bom, seja qual for, o facto é que –

CARLOS FACHADA Claro, claro, Estanislau ou Prémio, tanto faz, pois penso que ele adopta dezenas de nomes, conforme as circunstâncias.

Batem à porta (fora do palco)

JOSÉ FACHADA Raios! Lá está *Sir* Olívio à porta.

Batem de novo

Pois imploro-vos, Sr. Estanislau –

CARLOS FACHADA Sim, e eu imploro-vos, Sr. Prémio –

SIR OLÍVIO FACHADA Cavalheiros!

JOSÉ FACHADA Senhor, ide-vos embora, por favor.

CARLOS FACHADA Sim, fora com ele, claro!

SIR OLÍVIO FACHADA Esta violência –

JOSÉ FACHADA A culpa é vossa.

CARLOS FACHADA Fora com ele, evidentemente.

Enquanto José e Carlos Fachada empurram Sir Olívio, entram Sir Pedro Arrelia, Lady Arrelia, Maria e Rolão

SIR PEDRO ARRELIA O meu velho amigo *Sir* Olívio! Mas que surpresa!

Que sobrinhos tão cumpridores! Atacam o tio logo na primeira visita!

LADY ARRELIA Na verdade, *Sir* Olívio, ainda bem que viemos para vos salvar.

ROLÃO É verdade, pois por aquilo que vejo, a personagem do velho Estanislau não vos protegeu.

SIR OLÍVIO FACHADA Nem a do Prémio. As necessidades do primeiro não foram suficientes para extorquir um só xelim daquele generoso cavalheiro, e agora, por Deus, corri o risco de ser mais maltratado do que os meus antepassados, e ser deitado abaixo sem autorização.

Depois de uma pausa, José e Carlos viram-se um para o outro

JOSÉ FACHADA Carlos!

CARLOS FACHADA José!

JOSÉ FACHADA Agora está completo!

CARLOS FACHADA Pois está.

SIR OLÍVIO FACHADA *Sir Pedro, meu amigo – e vós, Rolão, também –olhai para aquele meu sobrinho mais velho. Sabeis quanto é que ele já recebeu dos meus bens, e também sabeis quão alegremente eu passaria metade da minha fortuna para o seu nome. Por isso, podeis avaliar a minha desilusão ao descobrir que ele é desprovido de sinceridade, caridade e gratidão.*

SIR PEDRO ARRELIA *Sir Olívio, eu ficaria muito mais surpreendido com essa afirmação se não tivesse já descoberto, por mim próprio, que ele é egoísta, traiçoeiro e hipócrita.*

LADY ARRELIA *E se o cavalheiro se declarar inocente face a tais acusações, por favor chamai-me a mim a depor.*

SIR PEDRO ARRELIA *Então penso que não é necessário dizer mais nada. E se ele se conhece a si próprio, admitirá que o castigo mais adequado consiste em que todos saibam quem ele é.*

CARLOS FACHADA *(à parte) Se eles estão com tanta honestidade, o que será que me irão dizer a mim, já agora?*

SIR OLÍVIO FACHADA *Quanto àquele filho pródigo, o irmão dele –*

CARLOS FACHADA *(à parte) Ah, agora é a minha vez. Os malfadados retratos da família vão arruinar-me.*

JOSÉ FACHADA *Sir Olívio! Tio! Podeis dar-me a honra de me ouvir?*

CARLOS FACHADA *(à parte) Bom, se o José fizesse um dos seus longos discursos, eu teria tempo para recuperar o sangue frio.*

SIR OLÍVIO FACHADA *Suponho que apresentaríeis justificações para todo o vosso comportamento.*

JOSÉ FACHADA *Tenho a certeza.*

SIR OLÍVIO FACHADA *Ora, ora! (dirigindo-se a Carlos Fachada) Bem, meu senhor, e vós também poderíeis apresentar justificações, calculo eu.*

CARLOS FACHADA *Não creio, Sir Olívio.*

SIR OLÍVIO FACHADA *Então, será que o pequeno Prémio entrou demasiado no segredo?*

CARLOS FACHADA *É verdade, senhor. Mas eram segredos de família, e não deverão ser mencionados de novo.*

ROLÃO *Vá lá, Sir Olívio, eu sei que não sois capaz de ficar zangado com as loucuras do Carlos.*

SIR OLÍVIO FACHADA *Pois é verdade, não consigo sequer falar em tom sério. Sir Pedro, sabeis que o patife regateou comigo o preço de todos os*

seus antepassados, vendeu-me juizes e generais e tias, ao preço da porcelana quebrada?

CARLOS FACHADA Não há dúvida, *Sir* Olívio, de que não tratei muito bem os quadros da família, essa é a verdade. Os meus antepassados podem, com toda a razão, testemunhar contra mim. Mas acreditai que sou sincero quando vos digo – e dou-vos a minha palavra – que, se não pareço atormentado ao ver as minhas loucuras serem expostas, é porque sinto, neste momento, a maior satisfação por vos ver, meu *generoso* benfeitor.

SIR OLÍVIO FACHADA Carlos, acredito em vós. Dai-me a vossa mão de novo. O homenzinho sentado no canapé faz as pazes convosco!

CARLOS FACHADA Então, senhor, a minha gratidão para com o original ainda é maior.

LADY ARRELIA (*apontando para Maria*) Mas eu acho, *Sir* Olívio, que está aqui alguém com quem o Carlos está ainda mais ansioso por se reconciliar.

SIR OLÍVIO FACHADA Oh, já ouvi falar dessa sua afeição; e, com o perdão da jovem donzela, se interpreto bem esse rubor –

SIR PEDRO ARRELIA Vá lá, minha filha, dizei o que sentis.

MARIA Senhor, não tenho muito para dizer, a não ser que fico muito contente por saber que ele está feliz. No que me diz respeito, qualquer direito que eu tivesse à sua afeição, transfiro-o para alguém com uma posição superior à minha.

CARLOS FACHADA O quê, Maria?

SIR PEDRO ARRELIA Mas então qual é agora o mistério? Enquanto ele parecia um patife sem remédio, só queríeis dar-lhe a ele a vossa mão; e agora que parece pronto a regenerar-se, não o quereis?

MARIA O coração dele – e a *Lady* Maldizente – sabem a razão.

CARLOS FACHADA *Lady* Maldizente?!

JOSÉ FACHADA Meu irmão, não me é nada fácil sentir a obrigação de falar sobre este assunto; mas a minha preocupação com a justiça a isso me compele, para além de que as ofensas feitas a *Lady* Maldizente não podem continuar a ser escondidas.

José Fachada vai até à porta. Entra Lady Maldizente

SIR PEDRO ARRELIA Ora, ora, mais uma modista francesa! Ele tem uma em cada divisão da casa, pelos vistos.

LADY MALDIZENTE Carlos ingrato! Bem podeis ficar surpreendido e inco-

modado com a indelicada situação em que, perfidamente, me haveis colocado.

CARLOS FACHADA Por favor, meu tio, trata-se de mais um estratagema vosso? É que, juro pela minha vida, eu não estou a compreender.

JOSÉ FACHADA Eu creio, senhor, que bastará o testemunho de uma pessoa para tornar tudo muito claro.

SIR PEDRO ARRELIA E essa pessoa, imagino eu, é o Sr. Cobra – Rolão, tínheis toda a razão em querer trazê-lo connosco; ele que entre.

ROLÃO Entrai, sr. Cobra.

Entra Cobra

Eu calculei que fosse necessário o testemunho dele. Acontece, porém, que infelizmente ele vem para confrontar a *Lady* Maldizente, e não para a apoiar.

LADY MALDIZENTE (*à parte*) Patife! Finalmente mostra a sua traição! – Falai, criatura, também haveis conspirado contra mim?

COBRA Eu peço mil perdões a vossa senhoria. Haveis-me pago muitíssimo bem pela mentira em causa; mas, infelizmente, ofereceram-me o dobro para dizer a verdade.

SIR PEDRO ARRELIA Ora, ora, jogo e contra-jogo. Parabéns a sua senhoria pelo êxito da sua negociação.

LADY MALDIZENTE Que os tormentos da vergonha e do desapontamento recaiam sobre todos vós!

LADY ARRELIA Esperai, *Lady* Maldizente. Antes de vos irdes embora, deixai-me agradecer o trabalho a que vós e aquele cavalheiro vos haveis dedicado, escrevendo-me cartas a mim em nome do Carlos, e dando-lhes, vós mesmos, as respostas. E deixai também que vos peça que leveis os meus respeitosos cumprimentos à escola da má-língua de que sois presidente, e informeis todos de que *Lady* Arrelia, licenciada, pede autorização para devolver o diploma que lhe atribuíram, pois ela vai deixar de praticar, e não tenciona matar mais reputações.

LADY MALDIZENTE Também vós? Provocadora! Insolente! Oxalá o vosso marido viva mais cinquenta anos!

Sai Lady Maldizente

SIR PEDRO ARRELIA Meu Deus, mas que fúria!

LADY ARRELIA Que criatura tão maliciosa!

SIR PEDRO ARRELIA Mas não por causa do seu último desejo?

LADY ARRELIA Oh, não!

SIR OLÍVIO FACHADA Então, senhor, e o que tendes para dizer agora?

JOSÉ FACHADA Senhor, eu estou tão perplexo por descobrir que a *Lady* Maldizente pode ter subornado o Sr. Cobra desta forma, enganando-nos a todos, que nem sei o que dizer. Todavia, para evitar que o seu espírito vingativo a leve a prejudicar o meu irmão, o melhor é ir já atrás dela.

Sai José Fachada

SIR PEDRO ARRELIA Moralista até ao fim!

SIR OLÍVIO FACHADA Sim, e casai com ela, José, se conseguirdes. Azeite e vinagre, por Deus! Ficam muito bem juntos.

ROLÃO Penso que o Sr. Cobra se pode retirar.

COBRA Antes de ir, peço perdão por ter sido o instrumento para os incómodos causados às pessoas presentes.

SIR PEDRO ARRELIA Bem, bem, haveis reparado os danos, praticando finalmente uma boa acção.

COBRA Mas peço aos presentes que nunca o divulguem.

SIR PEDRO ARRELIA O quê? Que diabo! Estais envergonhado por ter feito uma boa acção uma vez na vida?

COBRA Ah, senhor, não vos esqueçais de que eu vivo do meu mau carácter! Eu dependo apenas da minha ignomínia! E se viessem a saber que fôra levado a praticar uma acção honesta, perderia todos os amigos que tenho no mundo.

SIR OLÍVIO FACHADA Bem, bem, não vos difamaremos dizendo algo de bom a vosso respeito. Não tenhais receio.

Sai Cobra

SIR PEDRO ARRELIA Que grande patife. E, no entanto, esse sujeito é escritor e crítico!

Carlos e Maria conversam à parte

LADY ARRELIA Vede, *Sir* Olívio: já não é necessário nenhum poder de persuasão para reconciliar o vosso sobrinho e a Maria.

SIR OLÍVIO FACHADA Sim, sim, assim é que é, e por Deus, o casamento será amanhã de manhã.

CARLOS FACHADA Obrigado, meu querido tio.

SIR PEDRO ARRELIA O quê, meu patife, não pedis primeiro o consentimento da rapariga?

CARLOS Oh, eu já pedi há muito tempo – há mais de um minuto – e ela disse-me que sim com os olhos.

MARIA Ora, Carlos – eu protesto, *Sir* Pedro, não houve nem uma palavra!

SIR OLÍVIO FACHADA Bom, quanto menos palavras melhor. Que o vosso amor nunca diminua.

SIR PEDRO ARRELIA E que possais ser tão felizes juntos como *a Lady* Arrelia e eu – tencionamos ser.

CARLOS FACHADA Rolão, meu velho amigo, tenho a certeza de que me dais os parabéns, e suspeito que vos devo muito.

SIR OLÍVIO FACHADA É verdade, Carlos.

ROLÃO Se os meus esforços para vos ajudar não tivessem tido êxito, seríeis meu devedor pela tentativa; mas se merecerdes ser feliz, serei com isso muito bem pago.

SIR PEDRO ARRELIA É verdade, o honesto Rolão sempre disse que vos iríeis modificar.

CARLOS FACHADA Bom, quanto a modificar-me, *Sir* Pedro, não faço promessas; e isso é uma prova de que tenciono realmente tentar. Mas aqui está quem me dará apoio e me guiará. Ah, como é que eu posso desviar-me do caminho virtuoso que esses olhos iluminam?

Ainda que, querida donzela, não quisésseis que a vossa beleza me dominasse,

Haveis sempre de impor as regras, pois eu obedecerei.

Sou um humilde fugitivo de uma vida de loucuras,

Sem nenhum santuário por perto, a não ser o amor e *vós*.

(para o público)

Podeis, todos vós, acabar de vez com o medo e a ansiedade,

Pois até a má-língua morre, se fôr essa a vossa vontade.

(Saem)

Epílogo

Escrito por G. Colman, Esq.⁸⁵
Dito pela Sr.^a Abington⁸⁶
encarnando a personagem *Lady Arrelia*

Eu, que ultimamente era tão volátil e dispersa
Como o vento tropical, tenho agora que soprar num só sentido,
Dirigindo todos os cuidados, atenções e votos
Para um velho e rústico catavento, o meu esposo.
Pois é assim que quer o virtuoso bardo – o comediante⁸⁷
De epílogos para chorar, e de peças para rir!
Velhos solteirões, que casais com jovens espertas,
Aprendei com a nossa peça a saber levar a vida!
Levam-nas para a cidade, e tudo cai sobre elas –
Londres mostrará ser o próprio berço da honra.

⁸⁵ George Colman the Elder (1732-94), com o título *de Esquire* (Escudeiro): dramaturgo e empresário do Covent Garden Theatre, entre 1767 e 1774, e também do Haymarket Theatre, entre 1777 e 1789.

⁸⁶ Uma das atrizes mais famosas da sua geração.

⁸⁷ No original: “the motley Bayes”. “Bayes” fôra o nome sob o qual Buckingham satirizara John Dryden em *The Rehearsal* (1671). “Motley” era a designação do traje colorido típico do bôbo profissional ou do comediante.

Aí mergulhadas, como num banho gelado, tal lhes servirá,
Quando falham os princípios, de fortificante para os nervos.
Foi o que se passou comigo; e todavia como eu lamento
Que o alegre sonho de uma vida dissoluta tivesse acabado;
E disse-me, minhas lindas, já houve esposa tão vivaça,
Nascida com tanto talento para a alta sociedade,
Que como eu fosse tão precocemente empurrada
E como eu condenada a tão grande infortúnio?
Poupai o dinheiro, e eu que só o sabia gastar!
Deixai Londres, quando eu mal começava a saborear!
Será que tenho de ouvir o galo que anuncia a madrugada
E as batidas melancólicas de um relógio,
Vibrando para sempre na parede rústica e solitária,
Rodeada de cães, gatos, ratos e fedelhos barulhentos?
Só posso agora reunir-me com párocos humildes,
Enquanto o bom *Sir* Pedro se embriaga com o escudeiro,
E mortificar a minha alma jogando ao gamão
Quando ela anseia por jogos de salão?
Vão ser lançados os dados! Que belo som, que deixarei de ouvir,
A brincar à cabra-cega, à volta da lareira no Natal!
Quão efémero foi o tempo de viver a moda,
Adeus mente tranquila, adeus satisfação!
Adeus chapéus com plumas, adeus altos toucados,
Que até as almofadas retiram dos lugares!
As festas empolgantes! – festas com jogos de cartas –
Às de espadas, vasa, valete de paus, rei e rainha!
E vós, jogadores, que de forma descarada
Acolheis e dais as boas-vindas a quem vos visita,
Adeus! À qualidade de vida da fama,
Orgulho, pompa e circunstância da cidade gloriosa,
Adeus! Já não partilho os vossos folguedos,
E assim acabam as ocupações da *Lady* Arrelia!¹⁸⁸

¹⁸⁸ Estes versos são uma versão paródica do lamento de Othello ao ser convencido da infidelidade de Desdemona em *Othello* de William Shakespeare.

Tudo isto eu disse ao nosso bardo. Ele sorriu e disse que era claro
Que eu devia representar tragédias no próximo ano.⁸⁹
Entretanto extraí lições da sua peça,
E com estas frases solenes afastou-se.
‘Abençoadas as belas que, como vós, deixaram os erros,
e pararam com as loucuras ao cair do pano!
Nunca mais enveredar pelo vício ou engano,
Nem fazer papel de tôla, no grande palco da vida.

⁸⁹ A actriz que diz este epílogo costumava representar apenas papéis cómicos.

Esta edição de
A Escola da Má-Língua
foi impressa na TEXTYPE - Artes Gráficas
sobre papel Sarvol 2 branco de 80 gramas no miolo
e Svecia Antigo branco de 280 gramas na capa
com uma tiragem de quinhentos exemplares.
Acabou de imprimir-se em Julho de 2006

